

J. A. PIRES DE LIMA

NO CREPÚSCULO



1 9 5 1

DEPOSITÁRIA

LIVRARIA TAVARES MARTINS

P O R T O

Lo.

13.877

DO MESMO AUTOR

NO CREPÚSCULO

DO MESMO AUTOR:

- Estudos sobre a Conjuntivite Granulosa* — Dissertação inaugural. 1 vol. de 145 págs. + índice e proposições. Famalicão, 1903.
- A Medicina Forense em Portugal* (Esboço histórico) — Dissertação de concurso. 1 vol. de 88 págs. + 16 inum. Porto, 1906.
- Catálogo da Biblioteca da Escola Médico-Cirúrgica do Porto* — 1 vol. de XVII + 461 págs. Porto, 1910.
- Idem, Suplemento*. 1 vol. de X + 68 págs. Porto, 1912.
- As anomalias dos membros nos Portugueses* — 1 vol. de 180 págs., com 85 fig. Porto, 1927.
- Fora da Aula* (vulgarização científica) — 1 vol. de 344 págs. Porto, 1929.
- Vícios de conformação do sistema uro-genital* — 1 vol. de 212 págs., com 115 fig. Porto, 1930.
- D. Afonso VI* (a sua doença e a anulação do casamento) — 1 vol. de 74 págs., profusamente ilustrado, de colaboração com António A. Pires de Lima. Porto, 1937.
- Ares do Campo* — Impressões do Minho. 1 vol. de 149 págs. Barcelos, 1937.
- Memórias* — 1 vol. de 136 págs. Porto, 1938.
- Os povos do Império Português* — Estudos antropológicos. 1 vol. de 208 págs. Porto, 1938.
- Tradições populares de Entre-Douro-e-Minho*, de colaboração com Fernando C. Pires de Lima. 1 vol. de 237 págs. Barcelos, 1938.
- Mouros, Judeus e Negros na História de Portugal* — 1 vol. de 184 págs. Porto, 1940.
- Palavras dum médico* — Noções de medicina preventiva. 1 vol. de 176 págs. Cova da Iria, 1940.
- Questões de linguagem científica* — 1 vol. de 238 págs. Porto, 1942.
- Contribuição para o estudo do Romanceiro minhoto*, de colaboração com Fernando C. Pires de Lima. 1 vol. de 108 págs. + álbum musical. Porto, 1943.
- Epítome de História da Medicina Portuguesa* — 1 vol. de 131 págs. Porto, 1943.
- Palavras dum médico* — 2.^a série. 1 vol. de 177 págs. Cova da Iria, 1945.
- O corpo humano* — Rudimentos de Anatomia. 1 vol. de 140 págs., com 36 fig. Porto, 1945.
- O corpo humano no Adagiário português* — 1 vol. de 182 págs. Porto, 1946.
- Nossa Senhora em Portugal*, de colaboração com Fernando C. Pires de Lima — 1 vol. de 178 págs., muito ilustrado. Porto, 1947.
- Ao correr do tempo* — Memórias. 1 vol. de 252 págs. Porto, 1947.
- No limite de idade* — Auto-biografia. 1 vol. de 110 págs. Porto, 1947.
- A meu ver...* — Memórias. 1 vol. de 324 págs. Porto, 1948.
- Dobrando o Cabo Tormentório* — Memórias, 1 vol. de 228 págs. + índice e errata. Porto, 1948.
- Palavras dum médico* — 3.^a série. Cova da Iria, 1949.

DEP. LEG.

J. A. PIRES DE LIMA

NO CREPÚSCULO



✓ R. 190178

1951
DEPOSITÁRIA
LIVRARIA TAVARES MARTINS
PORTO

De
13.877

1951

NO
CREPUSCULO

130138

≡ TIPOGRAFIA "MINERVA" ≡
DE GASPAR PINTO DE SOUSA, SUC.^{tes}, LTD.ª
VILA NOVA DE FAMALICÃO — 1951

*Ao ilustre Presidente da Câmara Municipal
de Vila Nova de Famalicão, Ex.^{mo} Senhor
Álvaro Folhadela Marques*

*Ao ilustre Presidente da Junta de Freguesia
de S. Simão de Novais, Ex.^{mo} Senhor
José Álvés de Sá*

Ao concelho de Vila Nova de Famalicão

oferece o seu humilde cidadão honorário

Joaquim Alberto Pires de Lima.

PRÓLOGO

A PESAR de me sentir envolvido pelas trevas do crepúsculo vespertino, ainda me aventuro a erigir nova «casa na praça», reeditando alguns ensaios que escrevi já depois de atingir o fatal limite de idade.

Vou, pois, sujeitar-me, ainda uma vez, à crítica. Já estou muito habituado a ela e devo declarar que nunca me comoveram elogios hiperbólicos nem invejosas palavras de zoilos.

Sempre agradei, contudo, as críticas equilibradas e justas, que não pretendem exaltar nem diminuir malèvolamente. Sempre agradei, do fundo da alma, os conselhos tendentes a reparar erros involuntários, e emendar-me de qualquer falta, se ainda for a tempo.

Aos críticos mal intencionados, direi como a «Apologia» da Quarta década de Barros:

«... isto podemos afirmar: que as obras cujo fim é algum bem comum, passada a murmuração, ficam elas vivas e a memória de seu autor, por mais dentadas que em vida lhe dêem.»

• Aguentemos, pois, as dentadas dos críticos, curando-as com pêlos dos mesmos...

P. L.



LIÇÃO INAUGURAL ⁽¹⁾

Eu nasci numa Escola Primária;
Sou filho de um dos mais notáveis pedagogistas
que têm havido em Portugal. Fui Professor du-
rante mais de quarenta anos.

Sou cidadão honorário de São Simão de Novais.
A estes quatro motivos, devo, certamente, a honra de
ser convidado para redigir a oração inaugural da linda
Escola Nova de São Simão.

Aproveito o ensejo para ler, em breve síntese, a bio-
grafia do meu querido Pai, a cuja Santa Memória peço a
bênção, para mim e para esta Escola Nova.

Quem foi o meu Pai, o ilustre Professor primário
Fernando Pires de Lima?

Foi um humilde rapazinho, nascido há mais de cem
anos, numa pobre aldeia, junto de Viana do Castelo.

Semelhantemente a todos os rapazinhos conterrâneos
daquele tempo, Fernando Pires de Lima tornou-se um
modesto operário pintor de casas no Porto.

Mas a sua inteligência fulgurante e a sua tenacidade
fora do vulgar não permitiram que ele, durante a vida
inteira, fosse um simples operário como os outros.

Enquanto que estes, em regra, iam divertir-se de
noite, ele passava as horas a estudar. De maneira que,
no final da sua juventude, tinha obtido, pelo seu estudo e

(1) Este discurso, escrito pelo autor, foi pronunciado por
seu filho Fernando C. Pires de Lima, na inauguração da Escola
Primária de São Simão de Novais em 10 de Outubro de 1950.

pelo fulgor da sua inteligência, os diplomas de Professor de instrução primária e de agrimensor (engenheiro auxiliar, como hoje se diz).

Foi, assim, colocado como Professor na Escola Elementar de Areias.

Para aí veio, mas teve uma grande desilusão: a escola não tinha edifício e quase que também não tinha alunos!

Fernando Pires de Lima andou, de porta em porta, com alguns amigos, a colher subsídios para uma subscrição.

Foram mais de cem as esmolos que pôde colher, e, com esse dinheiro, pôde levantar a Escola de Areias, a primeira que se construiu no concelho de Santo Tirso.

Faz, no mês de Agosto de 1950, 76 anos que ela foi inaugurada e não se imagina o entusiasmo das populações dos concelhos de Santo Tirso e de Vila Nova de Famalicão pelo êxito da maravilhosa iniciativa de Fernando Pires de Lima!

A escola era em Areias, mas aquele mestre atraía alunos em grande número das freguesias dos dois concelhos.

Quando ele foi despachado, estavam numa sala de aula emprestada pelo pároco de Areias e não tinha mais de meia dúzia de alunos. Construída e inaugurada a aula de Areias, os alunos do mestre régio passaram a ser mais de cem, vindos de toda a parte.

Mais tarde, Fernando Pires de Lima transferiu-se para a Escola Complementar da Vila de Santo Tirso.

Nessas duas escolas e durante a sua longa carreira, ensinou a ler mais de mil crianças, que tiveram os mais variados destinos.

Aproveito a ocasião para me referir à carreira de alguns dos melhores dos seus discípulos:

Dois dos seus filhos foram professores universitários e os outros dois professores do ensino secundário, sendo

um deles reitor do liceu e Director geral do ensino secundário. Professor do liceu foi também o seu aluno José Narciso de Castro Araújo, da nobre Casa de Barrimau (Lama), que fez, primeiramente, serviço nos Açores, transferindo-se depois para um liceu do Continente.

Dezassete dos antigos discípulos de Fernando Pires de Lima chegaram a ser professores de instrução primária. Vou citar alguns deles, que certamente os ouvintes terão conhecido, ao menos por tradição:

Joaquim Pires Fernandes, notável professor da Escola de Santo Tirso; José Marques, distinto professor em Braga; Arnaldo Coelho, de Landim; Bernardino Santos, também de Landim, que teve a honra de ensinar a ler, em Lousado, o que é hoje eminentíssimo Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira; Saraiva da Cruz, hoje aposentado, velho e doente como eu, e que foi distinto professor na Carreira; etc.

Além de dois dos seus filhos, teve seis alunos que se formaram em medicina, entre os quais se contam: João Machado de Araújo, que foi para o Ultramar; Dias de Sá, de Landim, que exerceu distintamente a clínica obstétrica por esta região; Alberto Lemos, de Ermesinde; José Andrade e Raul Fernandes, de Santo Tirso; e Lima Carneiro, das Caldinhas.

Bacharéis em Direito, além de dois dos seus filhos, teve nove antigos alunos, entre os quais os advogados de Santo Tirso Costa Cruz, José Ferreira de Lemos, Francisco Guimarães, João Santarém, Francisco Andrade e Luís Tropa; os Juizes Luís Teixeira de Melo e António Ferreira de Lemos, e Américo de Castro, conservador do Registo Civil.

Vinte dos antigos discípulos de Fernando Pires de Lima chegaram a ser sacerdotes.

Entre eles, citarei os seguintes:

Manuel Francisco da Silva, que conheci capelão do Hospital de São Marcos de Braga e que morreu pároco

no concelho de Barcelos, os três padres da Cortinha (Areias), o Padre Augusto de Paranhos, o Padre Augusto do Casal (Palmeira), que foi abade de Riba d'Ave, o Padre Zeferino, que foi abade perto de Famalicão, etc.

Entre os antigos discípulos do Mestre de Areias, contam-se opulentos industriais e comerciantes, alguns dos quais fizeram brilhante carreira no Brasil, tais como Albino Sousa Cruz, considerado justamente o chefe da colónia portuguesa do Rio de Janeiro, seu irmão João Sousa Cruz, da Quinta da Palmeira, Manuel Marques, primeiro concessionário das Caldas da Saúde, António Silva, do Casal, há pouco falecido, irmão do citado abade de Riba d'Ave, F. Bento de Carvalho, natural de Avidos e grande capitalista em São Paulo, Virgílio Torres Carneiro, Manuel Correia Amaro, etc.

Teve mais alunos, que se dedicaram à profissão de farmacêuticos, três dos quais se estabeleceram em Santo Tirso. Não posso deixar de mencionar o distintíssimo profissional, meu antigo condiscípulo, que felizmente ainda hoje trabalha em Delães, Joaquim H. Ferreira Veloso.

Muitos dos antigos alunos de Fernando Pires de Lima foram escrivães de Direito, jornalistas, solicitadores e funcionários públicos.

Para terminar, apenas lembro um meu amigo e condiscípulo, que fez o curso da Escola Normál do Porto e que foi morrer ao Brasil, onde se dedicou ao jornalismo, com grande brilho.

Era Vitorino Coelho de Carvalho, natural da Carreira, que era filho de um hábil entalhador, verdadeiro artista no género, a quem chamavam o *Imaginário*.

Como vêm por esta resenha, a velha Escola de Areias podia servir de modelo não só à Escola Nova de São Simão, mas a qualquer escola de Portugal.

Mas, ao saudar a jovem e distinta professora que teve a honra de iniciar o ensino nesta escola, desejo, para ela e para a nossa terra, o melhor êxito no seu trabalho.

Para vir a dar uma boa professora, esta Menina não precisa ir longe buscar exemplos: não precisa, mesmo, de sair da sua bela casa do Arieiro. Ali, é distinta professora sua ilustre Mãe, que há tantos anos se dedica brilhantemente à causa sagrada do ensino primário.

Ali viveu também o seu Pai, o meu grande Amigo, o honrado e distintíssimo lavrador Domingos Pereira.

Sob a égide de seus Pais, tenho a certeza que a jovem professora de São Simão vai transformar uma pléiade de crianças analfabetas e sem educação numa série de novos portugueses honrados e cultos.

Não desejo terminar sem informar Vossas Excelências que, na velha Escola de Areias, onde nasci, se cultivava em alto grau a virtude da gratidão. Disse a Vossas Excelências que meu Pai, para construir a Escola que hoje tem o seu nome, obteve mais de uma centena de esmolos.

Entre elas, duas foram muito avultadas: os seus Amigos António José Carneiro e Silva, de Sande, o Comendador Torres Carneiro, de Requião, ofereceram para a construção da Escola, cada um a enorme quantia de duzentos mil réis. Para mostrar a sua gratidão, meu Pai mandou pintar a óleo os retratos dos dois beneméritos, e esses quadros ainda hoje se vêem a adornar as paredes da Sala de Aula de Areias.

Para se erigir esta linda Escola de São Simão, não foi preciso pedir esmolos.

Além do auxílio do Estado, apenas temos a citar a iniciativa do maior dos amigos de São Simão: o Presidente da sua Junta de Freguesia — benemérito José Alves e Sá, a quem se deve exclusivamente a iniciativa da construção desta linda Escola.

Termino, pois, com uma proposta: que todos os habitantes desta querida Freguesia subscrevam para que se preste modesta homenagem ao Sr. José de Sá, mandando colocar o seu retrato no lugar mais apropriado deste edifício ou prestar-lhe qualquer outra prova de gratidão.

MOREIRA DE SÁ ⁽¹⁾

DESDE a recuada infância é familiar para mim o nome de Bernardo Valentim Moreira de Sá.

Meu Pai, o melhor mestre que tive, apreciava muito os livros escolares de Moreira de Sá, professor da velha Escola Normal do Porto.

Muito bem me lembro de ter estudado pelas *Selectas* de português e francês, pelo seu tratado de aritmética elementar.

Já lá vão mais de cinquenta anos, e recordo, como se fosse hoje, a emoção que sentia ao ler o trecho de um dos seus livros: *Requiem de Mozart!*

Mais tarde, Moreira de Sá passava as férias do Verão em Santo Tirso, a minha querida terra, onde o conheci, e onde ouvi pela primeira vez um concerto, em que ele tomou parte.

Mal diria eu que, naquela pessoa tão franzina, viveria a grande alma do Artista que se atreveu a transformar a cidade do Porto num centro musical que havia de ser respeitado em toda a parte, numa terra que havia de receber em triunfo os maiores concertistas da Europa!

Mal diria eu que estava naquele homem, de tão diminuta corpulência, o insigne fundador do *Orphéon Portuense*, o organizador do Conservatório de Música do Porto!

(1) *In Memoriam* Bernardo V. Moreira de Sá — Porto, 1947.

Mal diria eu, ao receber as lições dos seus livros escolares, mal imaginaria eu que a Família Moreira de Sá havia de ser a educadora artística de uma Filha querida!

Depois que vim para o Porto, convivi bastante com Moreira de Sá e deliciei-me ouvindo-o em alguns concertos.

Não tenho, infelizmente, a cultura artística necessária para avaliar a grandeza espiritual de Moreira de Sá. Outros mais competentes falarão dele nesta homenagem. Mas peço licença para transcrever, neste singelo artigo, algumas palavras escritas por um distinto crítico (1). «Como ninguém ignora, o Sr. Moreira de Sá é o educador admirável e o devotado amigo da música, a quem o Porto deve o aperfeiçoamento do seu gosto e a melhor parte da sua cultura artística. Desde a sua mocidade, este artista junta à sua sensibilidade e penetração estética um constante esforço para comunicar aos outros e espalhar à volta de si o seu amor por toda a arte elevada.

«Qualidades admiráveis de inteligência e de simpatia, espírito estético, vasta cultura literária e científica e uma invulgar capacidade de trabalho, que mais seria preciso para exercer uma profunda e salutar influência?»

Em Janeiro de 1925 tive o gratíssimo prazer de assistir à homenagem prestada ao seu fundador pelo *Orphéon Portuense*, ao comemorar o seu 44.º aniversário. Num ambiente de pura arte, ali se memorou a gloriosa história da primeira sociedade de concertos que se fundou em Portugal.

Na obra citada de Carlos Ramos, arquiva-se a crítica àquela inolvidável festa artística.

Neste *In-Memoriam*, mais perene que o bronze, dirão os competentes quem foi Moreira de Sá.

Convidado pelos descendentes ilustres do grande edu-

(1) CARLOS RAMOS — Colectânea organizada pelo seu amigo António de Castro Henriques — Porto, 1944.

cador, peço licença para terminar estas palavras com uma evocação íntima:

A 8 de Outubro de 1909, nasceram duas crianças, dois espíritos gentilísimos, que haviam de ter vida tão breve: Luís Moreira de Sá e Costa e Maria Clementina Pires de Lima — o primeiro, neto de Moreira de Sá, e a segunda, que deveu a educação artística aos Pais do Luizinho.

A 12 de Julho de 1927, deu a Maria Clementina um concerto, do qual disse generosamente Carlos Ramos: «Um lindo começo de biografia artística, o cativante serão».

Muito bem me recordo das palavras de incitamento e espécie de bênção que então lhe dirigiu Moreira de Sá.

O Patriarca da música morreu há vinte anos. O seu crítico, Carlos Ramos, bem depressa morreu também, em pleno brilho do seu talento e do seu carácter.

O seu Neto, Rev. Luís Moreira de Sá e Costa, seguiu-o no túmulo, para onde partiu, em serviço de Deus.

E a Maria Clementina, companheira de infância do Luizinho, interrompeu bem cedo *o lindo começo de biografia artística*, sucumbindo em serviço da Pátria, legando-lhe um filho.

Que Deus tenha os quatro Mortos, perpétuamente, lá onde não existe guerra, nem trevas, nem maldade.

DUAS ÉPOCAS ⁽¹⁾

Fui procurado pelo Professor Manuel da Silva Pinto e por uma sua distinta condiscípula, que me anunciaram uma próxima reunião do seu curso. No ambiente da simpática festa desejavam recordar o convívio que tiveram outrora com os seus velhos mestres. Para isso, vinham solicitar que eu lhes escrevesse duas linhas a lembrar os tempos velhos.

Eu venho, realmente, de uma época afastadíssima. Quando fui estudante de medicina, há meio século, ainda fui guiado pelo *Jusjurandum* hipocrático, e sabia-o quase de cor. A Medicina daquele tempo era ainda uma espécie de sacerdócio. O médico entrava no seio das famílias como um pastor de almas.

O doente do século XIX escolhia livremente o seu médico, que tinha como suprema aspiração prevenir ou aliviar os padecimentos dos seus clientes.

Que grandes clínicos eu conheci, quer do tipo aldeão do João Semana, quer da alta estirpe dos velhos lentes da Escola Médica e dos médicos do Hospital da Misericórdia!

Os altos princípios da deontologia médica, em regra, eram observados escrupulosamente e os doentes tinham muito onde escolher na nossa classe, tão distinta, profissional e moralmente.

(1) Curso médico de 1931-36. Reunião em Aveiro, 11-VII-48.

Hoje tudo mudou: a profissão médica passou a ser um modo-de-vida como outro qualquer, o doente não pode escolher o médico e este não tem tempo para estudar convenientemente a moléstia que aflige o pobre paciente.

A medicina colectiva é melhor ou pior do que a antiga medicina individual? — perguntava há pouco um colega. E respondia logo, terminantemente: É inevitável.

Pois será, mas não é para mim.

Fui já fulminado pelo chamado *limite de idade*. Posso, portanto, evitar, no resto da vida, a adaptação a um sistema que me parece não melhorar a situação da medicina, nem dos médicos, nem dos doentes.

O que estimo sinceramente é que os meus distintos colegas que hoje se reúnem se habituem às condições da clínica nova, e que não façam caso das rabugices do seu velho mestre.

O HOMEM MEDIDA DE TODAS AS COISAS ⁽¹⁾

(A memória do Professor Agostinho
de Campos, grande Portuense e
grande Mestre da língua).

A partir de Janeiro de 1929, tive a honra de me relacionar intimamente com Agostinho de Campos. Ele era o Presidente da Junta de Educação Nacional, que reunia mensalmente no Ministério da Instrução, onde eu comparecia sempre, na qualidade de presidente da delegação no Porto daquela instituição.

Lembro-me com saudade das proveitosas conversas que tinha com ele, antes ou depois das sessões.

Falávamos sempre de questões da língua portuguesa, cuja pureza ele defendia sempre, com toda a galhardia, de viva voz ou por escrito.

De uma vez, um colega nosso da comissão executiva da Junta, referia-se a qualquer dificuldade que teve ao tirar o bilhete do comboio. Falou em *guichet*, o que fez irritar Mestre Agostinho de Campos. O professor referido mostrou certa hesitação em traduzir o termo francês, e o nosso Amigo resolveu prontamente o assunto: — «diga portinhola!».

(1) *Boletim Cultural* da Câmara Municipal do Porto, XI, 1-2
— 1948.

Agostinho de Campos não permitia que se empregasse um galicismo, ou que se ofendesse de qualquer modo a pureza da nossa opulentíssima língua.

Há cerca de oito anos, o Professor Agostinho de Campos, em palestras pela rádio e em artigos de jornais, ocupou-se muito do vocabulário anatómico popular e da expansão do seu significado para fora do corpo humano.

Falou muito das unidades métricas tiradas dos órgãos do nosso corpo, tais como: palmo, polegada, braça, côvado, passo, pé, milha, etc.

Na minha qualidade de modesto anatómico, interessei-me pelo assunto e mandei-lhe uma lista de termos daquele género.

Não sei se o ilustre filólogo chegou a aproveitá-los para trabalho seu.

Mas encontrei agora, na minha papelada, duas cartas de Agostinho de Campos, que se referem àquela minha colaboração.

São ambas datadas de Setembro de 1941. Numa delas agradece a «copiosa» lista de termos derivados da anatomia popular e declara «que tomou nota delas para futura e mais demorada consideração do assunto, tão curioso».

Uma semana depois, agradecia também «a nova lista tão vasta e interessante, de casos de anatomia popular e do *Homem medida de todas as coisas*».

E aconselhava-me, nessa carta, a «fazer sobre esse assunto o trabalho completo que ele merece, aproveitando as curiosas derivações semânticas já colecionadas».

Chegou agora o momento de obedecer ao conselho do grande Mestre e Amigo, não para fazer um *trabalho completo*, de que seria incapaz, mas para tentar um simples esboço, que poderá ser desenvolvido por outrem mais competente.

Aproveitarei as listas que mandei há sete anos a Mestre Agostinho de Campos, ampliando-as o mais que pude.

Devo declarar que todos os termos que vou citar foram ouvidos por mim, no Porto ou no Minho.

Para o nosso povo, o Homem compõe-se de *corpo* e *alma* e, se a alma é apanágio do homem, pelo contrário, todos os animais e todos os vegetais têm corpo, e, também há um corpo de bomba e variadíssimas corporações.

Há a festa do Corpo de Deus, há um corpo de exército e o corpo docente das escolas.

Toda a gente trata hoje do Estado corporativo e existem os corporais, que usam os padres.

Dos objectos volumosos, diz-se que são encorpados.

Contudo, também se fala, figuradamente, da alma de uma espingarda, de uma peça de artilharia, de uma rabeça, e ainda de uma alma de cântaro e da alma do diabo.

Como generalidades do nosso corpo, fala-se na carne, nos ossos, na pele, nas artérias, veias, nervos e sangue. Vejamos como se generalizaram estes vocábulos anatómicos: a carne da fruta; carnaval é a despedida da carne (antes da quaresma), da cor da carne, saiu a palavra encarnado, e chama-se encarnar pintar uma imagem; há os pecados da carne, as folhas carnosas; há os ossos do ofício, há quem se mostre em carne e osso, e a terra fica em osso, depois de uma inundação; morrer é dar a ossada, e há coisas que não têm espinha nem osso; fala-se das artérias de uma povoação, das veias de água, da veia de uma pedra ou de uma tábua, dos nervos de uma vagem, das nervuras de uma folha, do nervo da guerra, da articulação das leis, da vascularização das plantas, de coisas invertebradas, da pele de uma pêra e de outros frutos, do sangue da terra, do sangue de drago (planta), da sangria desatada; costuma sangrar-se um rego de água, e há quem se sangre em saúde. Em política, há homens da direita e da esquerda.

Vamos agora dividir o corpo humano em cabeça, tronco (pescoço, peito, barriga, bacia com o períneo), membro superior e membro inferior, agrupando termos populares derivados da nomenclatura de cada um daqueles segmentos.

CABEÇA

Temos a considerar: a cabeça de comarca, cabeça de casal, cabeça da aguardente (primeira, mais forte), a cabeça do alambique, o capitel das colunas, capital (substantivo e adjetivo), a cabeça de turco, um cabeço da terra, a cabeçalha de um carro de bois, a cabeçada de um cavalo.

Há quebra-cabeças, testa de ponte, testa de ferro, cabeças de turco e de alfinete, e a cabeça de um livro; coisas que não têm pés nem cabeça; há quem ponha o sal na moleira; há o cabelo dos bolores, há quem seja peludo ou pelado e há a penugem dos pêssegos, que às vezes são carecas. Não esquecerei a cabeceira da mesa e a mesinha de cabeceira.

Há as faces de uma parede, as barbas de milho, há coisas velhas que já têm barbas, e vêem-se, às vezes, caretas, bichos-caretas, caraças, carrancas, carantonhas, caras de pau, caras de asno e caras de poucos amigos, caras estanhadas e quem tenha lata ou latão.

Dar um bigode é pregar uma partida.

Existem bocas de lobo, boca de poço, boca do cofre, beiços de alguidar, Boca do Inferno, e flores bilabiadas.

A um imbecil chama-se boca aberta, e antigamente havia calças e espingardas de boca de sino.

Há línguas de trapos, de perguntador, línguas de vaca e de ovelha (plantas), línguas de sogra e de gato (doces), línguas de fechadura, língua de terra, linguado (peixe), lingueta e linguíça; dente de cão (cravagem de centeio), pinças de dente de rato, dentes de alho, de um garfo, de uma serra, de um engajo ou de um gadanho.

Há quem não meta dente num assunto e coisas que têm dente de coelho; há quem dê com a língua nos dentes e quem fale por entre dentes, quem se agarre com unhas e dentes, quem mostre os dentes e quem minta com quantos dentes tem na boca.

Estudemos agora os órgãos dos sentidos: vista, ouvido e cheiro.

Quanto ao primeiro, lembro-me dos que deitam o rabo do olho, dos que deitam mau olhado, dos que olham contra o governo, das lágrimas de crocodilo, de uma lágrima de vinho, do olho da enxada, do olho da panela, do olho da rua, dos olhos de couve, dos olhos do azeite, do queijo e do pão, dos olhos marinhos, do olheiro, da pestana (franja da saia). Há quem deite uma vista de olhos, e quem tenha lume no olho.

Não esqueçamos as lindas vistas do campo (paisagens).

A falta de visão estende-se às coisas inanimadas (nó cego).

A respeito do segundo, lembro-me da orelheira de porco, das coisas de trás da orelha, do ouvido do morteiro, da confissão auricular, das orelhas de abade (doce), das orelhas do arado, de quem faz ouvidos de mercador e de quem teve espírito santo de orelha.

Quanto ao sentido do olfacto e seus órgãos, só me lembro do aborrecido nariz de cera dos oradores, dos que têm pêlo na venta, daqueles que tomam uma pitada e a quem chega a mostarda ao nariz.

TRONCO

A parte mais volumosa do corpo humano é o tronco, e o mesmo sucede a uma árvore.

Vou empregar a este segmento do corpo o mesmo método que segui no estudo da cabeça.

Começo por citar o tronco de cone e a antiga prisão que tinha esse nome. Há o tronco das famílias nobres e a estação do Entroncamento.

Para trazer ao pescoço do homem ou dos animais, temos colarinhos, colares, coleiras, golas, gargantas e gargantilhas. Fala-se da garganta de um rio.

Assim como o homem tem costas, também há costas marítimas, por exemplo a costa de África, e a encoستا de um monte.

Também se fala nas costas de uma mesa ou de uma cadeira, num costal de bacalhau e nas costaneiras de papel. Há quem venha do exame com uma raposa às costas e quem venha da igreja com um banco às costas.

Quando se ajuda uma pessoa, anda-se com ela às costas.

Como o umbigo está no meio da barriga, também há o umbigo das Espanhas no centro da nossa Península. A um doce muito conhecido dá-se o nome de barriga de freira.

Na parede do peito há as tetas, mas também há plantas denominadas chuchas e chuchas de cão. E, se os peitos da mulher dão leite, também há o leite de figueira e de celidónia.

Dentro do peito há o coração, mas cá por fora há o coração das melancias e a corve coração de boi.

Como lucraria agora a Civilização cristã se ressuscitasse Ricardo «Coração de Leão»?

Há quem se estomague e, pelo contrário, quem tenha bom estômago.

Assim como há pulmões dentro do peito, também há os pulmões da cidade de Londres (parques).

Comer à tripa forra é comer demasiadamente.

Chama-se tripas da terra às raízes de uma erva brava (grama) e fala-se nas entranhas da terra. Os portuenses têm muita honra em ser chamados tripeiros.

À roda do ventre, pode usar-se uma cinta ou cinturão e os alfaiates fazem casacos de cinta.

Temos um fígado, que segrega fel; mas também há o fígado de enxofre (mineral) e o fel da terra (planta).

Dos órgãos perineais que deram nomes a objectos comuns, não posso falar, por serem termos obscenos; mas citarei o instrumento de carpinteiro chamado macho e fêmea.

Não esquecerei a lombada dos livros, que me fazem tão boa companhia.

Também não quero deixar de aludir ao peito da camisa, ao peitoril da janela, ao dó de peito e ao parapeito das trincheiras.

MEMBRO SUPERIOR

Relacionados com a espádua, lembro-me dos vocábulos seguintes: ombreira da porta ou do vestido, axila das folhas. Há quem ombreie com alguém.

A palavra braço é que deu origem a um vocabulário popular riquíssimo, como vamos ver: braços da cruz, braços das árvores; existem cadeiras de braços, braças, braçadas e braçadeiras, assim como braços de mina, braços dos óculos e braços de alavanca.

Não esquecerei o onomástico local Braço de Prata.

Falarei do cotovelo da estrada, do cotovelo de um cano, das pessoas que se acotovelam na rua, e de outras que têm dor de cotovelo.

Há homens tão valentes, que são de uma cana só (têm só um osso no antebraço). Os cirurgiões usam uma faca de entre-canas.

Do segmento imediatamente superior à mão, falarei dos punhos de renda, das pulseiras, dos pulsos de ferro e das pessoas que têm pulso (força).

Também a enxada e a foice, a espada ou a bengala têm punho, e há pessoas que andam às punhadas. O punhado também é uma medida, como o palmo e a polegada.

Chegamos agora ao segmento distal do membro superior, a parte mais humana do corpo, depois da cabeça. Vejamos como o povo aproveitou a palavra mão, bem como os dedos, para exprimir tão variados pensamentos.

Ao lado da palavra punhado, há também a manada. Mãozada é um cumprimento habitual. Palmas ou Palmeiras são árvores monocotiledóneas muito conhecidas.

Mão travessa é uma medida muito usada, e manobrar ou manipular é obra de mãos, como a cirurgia. Deitar uma mão é ajudar a um trabalho; há coisas que estão à mão de semear e, quando não estamos de bem com um sujeito, damos-lhe de mão.

Ter mão é segurar um cavalo.

De uma bordadeira afamada dizemos que tem mãos de fada. Mão de almofariz é a peça com que se moem sementes na farmácia.

Há quem bata palmas, e quem dê bofetadas sem mão e, como é sabido, fradinho da mão furada é o diabo.

Existem bens de mão-morta, muito podemos aprender lendo um manual, e, se quisermos, metemos mãos à obra. Podemos dar ao manípulo ou comprar uma mão de papel.

Há quem tenha um negócio entre mãos, ou entre dedós, como disse Gil Vicente.

Vão-se os anéis e fiquem os dedos. Há quem goste de dar dois dedos de conversa; digital tanto é uma planta como um adjectivo (relativo aos dedos), e dois dedos também servem de medida. Número dígito é o que tem um só algarismo, dedo de dama é uma casta de uvas e ter uma música em dedos é tê-la ensaiada e em termos de ser tocada.

De uma coisa excelente, não deve perder-se nem pitada.

Existem falanges de soldados, sobretudo em Espanha.

Não devemos esquecer as unhas das pétalas, e fujamos de quem é unhas de fome e dos que cortam as unhas muito rentes.

MEMBRO INFERIOR

O povo chama perna a todo o membro inferior, menos a anca, o joelho e o pé. Dar à perna é andar, marchar, dançar, correr ou saltar.

Podemos çortar uma pernada de salsa ou comer uma pernada de noz.

Dar às gâmbias ou às canelas é fugir, e ter uma pessoa à perna é ser perseguido por ela. Não ir lá das pernas é não conseguir o que se deseja. Os coxos andam, às vezes, com uma perna de pau e há quem faça as coisas com uma perna às costas. Não esqueçamos as pernas da mesa ou da cadeira.

Derivado de joelho, temos as joelheiras das calças, o joelho do caminho, da rua ou de um cano e a rótula da janela.

Tratarei agora do segmento distal do membro inferior, do pé, que, de todos, foi o que deu, certamente, origem a mais numerosos ditos da linguagem popular portuguesa.

Vou mencioná-los, um pouco desordenadamente, à medida que me ocorram à memória.

Nas plantas também há pé, pedúnculo e pecíolo. Temos de nos acautelar de um pé de vento e vivemos no calcanhar do Ocidente.

Há o pedal da bicicleta e o pedestal das estátuas, que podem ser pedestres.

Há os pègões da ponte, o pé de altar, a doença chamada pé aberto, o pé de meia dos avarentos, a mesa de pé de galo, o sopé de um monte.

Às vezes andamos peados, outras vezes apeámo-nos.

Há roda-pé, peanha, guarda-pé e canapé.

Há muitos poetas que fazem versos de pé-quebrado e há muitos que metem os pés pelas mãos.

Existem os pés da cama, da mesa e da cadeira.

Há quem ande aos pontapés e quem ande em bicos de pés. Há quem traduza o jogo do *jutebol* por pedibola.

Há os que vêm com pés de lã e quem procure um pé (pretexto) para fazer qualquer coisa; há quem goste de ter tudo ao pé da porta. Há uvas de pé de perdiz, e fala-se do pé de meia, do pé de café, do pé de altar.

Também se fala do pesunho dos gatos — dos gatos apesunhados.

Há quem dê passadas em vão, quem deixe pègadas e quem ande na peugada de alguém.

Há quem salte a pés juntos, e, às vezes, dá-se um salto ou uma saltada a alguma parte; há saltimbancos e saltapocinhas e conheço o Monte dos Saltos.

Há quem esteja sempre com o pé no estribo e outrora havia estudantes que eram pés de banco (nunca faltavam à aula).

Também há os saltos dos sapatos e o insecto chamado saltão (gafanhoto).

Há quem seja pé de chumbo, quem faça pé-de-alferes a uma rapariga e há quem responda ao pé da letra.

Os velhos têm pés de galinha no canto dos olhos, os gatunos utilizam pés de cabra e não falta quem tenha o seu pé de pavão.

Há quem dê passos em falso, quem dê um mau passo, e quem seja indiscreto em pé de conversa. Há quem não deixe a gente pôr pé em ramo verde.

Perdem-se muitas coisas do pé para a mão.

Não esqueçamos os passos de parafuso.

Mesa manca é um júri de exames a quem falta um dos membros.

Dar pateada é o contrário de bater palmas (aplaudir).

Cheguei ao termo da jornada que me propus fazer. Desde há muitos anos me tenho dedicado a organizar um vocabulário anatómico popular (1).

(1) Ver J. A. PIRES DE LIMA — *Questões de linguagem científica* — Porto, 1942.

Mas agora não tratei de colher palavras com que o povo designa os órgãos do corpo humano.

Aceitando a sugestão que me fez o meu saudoso Amigo Professor Agostinho de Campos, coligi modos de dizer derivados pitorescamente da Anatomia popular, palavras que o nosso povo fez passar do significado primitivo que tinha no corpo humano para designações inteiramente diferentes.

Razão tinha Agostinho de Campos quando me disse que o Homem era medida de todas as coisas.

Devo declarar que este trabalho é apenas modesto subsídio para o estudo do assunto.

Para o escrever, não utilizei qualquer bibliografia: apenas ouvi o povo, e nem sequer, para tentar ser completo, percorri as páginas de um dicionário.

OBRA DIVINA ⁽¹⁾

É tão antiga a arte cirúrgica, vem de tão longe a medicina operatória, que já em tempos pré-históricos se praticavam trepanações do crânio.

A antiguidade clássica muito desenvolveu, na Grécia e em Roma, a cirurgia. Na Renascença, Ambroise Paré também lhe deu grande impulso.

Mas é preciso chegar-se ao século XIX para assistir ao prodigioso desenvolvimento da *obra de mãos* na terapêutica: o século passado resolveu o problema da hemostase, o problema da assepsia e, sobretudo, o problema da anestesia. «Acalmar a dor é obra divina». Assim diziam os antigos, e assim o podemos dizer hoje.

Celebra-se agora o primeiro centenário da descoberta da anestesia cirúrgica; e, graças ao amável convite do Professor Costa Sacadura, poderei apresentar algumas notas a respeito de duas fases da história da anestesia no Porto: a fase inicial, passada há cem anos, e a técnica usada, cinquenta anos depois, na qual modestamente colaborei.

Do estado actual dessa técnica nada posso dizer, pois, há perto de meio século, deixei totalmente a cirurgia, para me dedicar para sempre à anatomia.

Da velha *Gazeta Médica do Porto*, v, 1849, podemos extrair curiosas informações a respeito dos primeiros en-

(1) *Imprensa Médica* — Lisboa, 10-X-46.

saio da anestesia geral na clínica cirúrgica da Escola do Porto.

As primeiras aplicações de éter em inalações, aqui no Porto, devem-se a Luís Pereira da Fonseca, que foi o terceiro lente de anatomia da Escola portuense.

O velho mestre, estando a dirigir, em 1847, algumas enfermarias de cirurgia, parece que inventou um aparelho eterizador, applicando-o em três casos: uma castração e duas circuncisões. Estas applicações não foram de resultado muito brilhante, por causa da grande excitação provocada pelo anestésico.

O grande cirurgião Professor António Bernardino de Almeida também dá conta dos seus primeiros casos de anestesia pelo éter e pelo clorofórmio, concluindo por dar preferência a este último.

Um dos primeiros cirurgiões que, no Porto, praticaram a anestesia foi o Professor Manuel Maria da Costa Leite, futuro Visconde de Oliveira (1).

Na página 17 do mesmo volume da *Gazeta Médica do Porto*, explana o então quintanista António José de Sousa a observação do segundo caso portuense de anestesia pelo clorofórmio. Tratava-se de uma amputação de seio, por motivo de cancro. A operação realizou-se na Clínica cirúrgica da Escola do Porto, às 11 horas de 6 de Fevereiro de 1848. A observação é curiosíssima e muito minuciosa, e inclui um diálogo muito pitoresco entre o operador e a doente, durante a anestesia.

Informa o Professor João Ferreira que a primeira experiência de cloroformização na Escola do Porto foi a 31 de Janeiro de 1848. A paciente foi uma mulher a quem se fez a extirpação de um nevo da coxa.

(1) *Gazeta Médica do Porto* — 1849, págs. 35-40 (artigo de António Bernardino de Almeida).

Saltemos agora meio século depois do início das aplicações de anestésicos gerais aqui no Porto.

Nos anos lectivos de 1901-1902 e 1902-1903, fui aluno interno da Enfermaria n.º 14 do Hospital Geral de Santo António, enfermaria que era então dirigida pelo notável cirurgião Sousa Oliveira; e, em 1904 e 1905, exerci o lugar de chefe de clínica cirúrgica da Escola Médica do Porto (Professor Roberto Frias).

Durante quatro anos, enquanto não comecei a dedicar-me à anatomia, trabalhei com dois ilustres cirurgiões, praticando centenas de anestésias gerais pelo clorofórmio. Nunca assisti, felizmente, a qualquer acidente grave.

Estava sempre de mão no pulso do doente e com a vista atenta à coloração da sua face, para evitar qualquer *alerta azul* ou *alerta branco*, a que, felizmente, nunca tive de atender.

A técnica da cloroformização era extremamente simples no meu tempo e pouco devia diferir da que se empregava no Porto há cem anos, nos primeiros ensaios.

Ao lado da cabeça do doente, na cama de operações, estava um frasco de clorofórmio e duas compressas. Depois de se untar com vaselina a boca e a abertura das fossas nasais do doente, punha-se horizontalmente a primeira compressa a tapar-lhe os olhos.

Colocava-se depois a segunda compressa, verticalmente, na linha média da face; levantava-se a sua metade inferior, lançando-se algumas gotas de clorofórmio na face da compressa que devia voltar-se para a boca e fossas nasais do doente.

Depois, ordenava-se-lhe que respirasse fundo, e ia-se conversando com ele até a anestesia ser completa. Entretanto, outro ajudante procedia à desinfeção do campo operatório.

Como disse, com técnica tão simples, nunca presenciei acidentes graves devidos à anestesia e poucas vezes foi preciso recorrer a um esboço de respiração artificial.

Apenas assisti a diversos casos de delírio pre-anestésico. Uma vez, anestesiava um padre e tive de apreciar um solo pouco afinado de cantochão...

Outra vez, cloroformizava um bêbado incorrigível e não consegui fazê-lo cair...

Gritava sempre, insultando o operador.

—«Corta, filho da ...!»— berrava constantemente o pobre alcoólico, sem poder suportar as dores...

TEATRO DE ESTUDANTES ⁽¹⁾

(*A memória do Professor Aarão de Lacerda no 1.º aniversário da sua morte.*)

QUANDO, há um ano, dobrei o Cabo Tormentório dos setenta, fui rodeado de numerosas manifestações de amizade, que muito me comoveram.

Entre elas, cumpre-me destacar o artigo publicado, nas vésperas das homenagens, pelo meu querido Amigo Professor Aarão de Lacerda. Quando o li, imediatamente resolvi dedicar-lhe um trabalho de comentário ao seu. Infelizmente, o malgrado crítico de Arte mergulhou, inesperada e precocemente, nas sombras da morte.

Já que não posso dedicar-lhe este humilde artigo à sua imperecível memória o consagro.

Na sua valiosa secção «Marginália», do *Comércio do Porto*, foi talvez o Professor Aarão de Lacerda o primeiro que se referiu ao meu *limite de idade*.

Foi no número de 4 de Março de 1947, do *Comércio do Porto*, que o ilustre Professor publicou o seu artigo tão honroso para mim, intitulado: *Exemplar mestrado*.

Nele se alude às relações de intimidade que eu mantive com ele, desde a sua infância, por intermédio do seu vene-

(1) *O Tripeiro* — Setembro de 1948.

rando Pai e homónimo, que fora meu ilustre Professor de Zoologia na Academia Politécnica.

O lente de Zoologia era respeitado, e quase temido, pelas gerações académicas do meu tempo.

Apesar da sua inteligência comprovada, sempre insatisfeito, o Professor Aarão Ferreira de Lacerda, doutor na Faculdade de Filosofia de Coimbra e catedrático da Academia Politécnica, lembrou-se, um dia, de ampliar os seus conhecimentos biológicos, matriculando-se, por isso, na Escola Médico-Cirúrgica.

Deu-se, então, um facto deveras singular: o curso a que ele ensinou Zoologia ficou a ter no preclaro mestre mais um condiscípulo, o mais atento e aplicado dos condiscípulos.

Parafraseando o Evangelho, segundo S. Lucas (II, 41 e seg.), diziam os rapazes que, outrora, em Jerusalém, se perdeu um menino entre os doutores, e que, pelo contrário, se perdeu agora um doutor entre os meninos...

Da permanente convivência com o Professor Aarão Ferreira de Lacerda nasceu entre nós uma perfeita simpatia mútua, que se estendeu à sua ilustre família, à qual pertencia o seu filho primogénito, o *Aarãozinho*, que veio a ser o grande crítico de Arte e professor das Faculdades de Letras do Porto e de Coimbra.

É a propósito desta convivência que o citado artigo de Aarão de Lacerda, filho, se refere à elaboração da récita dos quintanistas de medicina do Porto, de 1902-1903.

Não tinha o Porto nada que se parecesse com a tradição do teatro dos estudantes da Universidade de Coimbra, que chegou até à bela interpretação actual das obras de Gil Vicente.

Mas os estudantes, que no ano anterior (1901-1902), tinham terminado o curso médico no Porto, possuíam um condiscípulo de altos méritos literários, que escreveu uma peça, que foi representada com o maior êxito.

Esse escritor foi Campos Monteiro, cujas obras dramá-

ticas, entre elas a que serviu na récita dos quintanistas de cujo curso ele fazia parte, foram apreciadíssimas nas plateias do Porto.

O curso do ano seguinte, do qual eu fazia parte, lembrou-se de apresentar, também, uma récita dos quintanistas, sem se recordar que o Campos Monteiro se formara no ano anterior, sem deixar discípulos...

Contudo, sem termos dramaturgo, conseguimos levar ao palco do Teatro de São João, uma récita de despedida, intitulada *Visita do Mestre*, a qual foi deveras apreciada.

Oiçamos Aarão de Lacerda, na sua «Marginália», a explicar como se operou o milagre de aparecer uma linda peça de teatro sem autor conhecido:

«Grande parte da récita de despedida dos quintanistas de Medicina (1902-1903) foi planeada em minha casa, na presença de meu pai, contagiado pela alegria dos mais novos... e quase tão novo como eles! Lembro-me do Henrique Teles, ao piano, e do Damião Lourenço, autores da balada

Vem, hoje, triste, dizer-nos adeus
a primavera risonha da vida,

Recordo-me do *Almeidinha* — era assim que o tratavam — a cantar; do Pereira, que fez de Frei Gil de Santarém; do Pinto da Silva, no seu papel de *Broussais, o sangrador...*».

A peça tinha sido feita *por subscrição* e resultou em pleno êxito.

Eu, que não tinha contribuído nada para tal subscrição, saí do palco com uma lindíssima palma adornada de flores, com que duas distintas damas premiaram o meu papel de tímido comparsa...

Foi a 17 de Maio de 1903 que, no Real Teatro de São João, se representou a *Visita do Mestre*, peça pregada ao público pelo curso do 5.º ano médico-cirúrgico de 1902-1903.

Dos intérpretes da peça, fala Aarão de Lacerda do Henrique Teles, regente dos coros, o qual fez a sua curta carreira como oftalmologista e cirurgião do Hospital de São Marcos, de Braga; do Pereira de Almeida, o *Almeidinha*, que encantava as meninas do Porto, com a sua bela voz de tenor, nas suas serenatas, há meio século, e que veio a morrer, na sua terra de Trás-os-Montes, logo depois da formatura; do Damião Lourenço, colaborador da balada, que faleceu há pouco em Caminha, onde era distinto clínico; do Manuel José Pereira, intérprete de Frei Gil de Santarém, que morreu preparador do Laboratório de Bacteriologia do Bonfim...

O meu curso era de cinquenta alunos.

Hoje não existe já nem um terço deles...

O Teatro de São João estava repleto na noite radiosa da nossa récita de despedida.

Quantos sobreviventes restarão, que possam recordar-se dessa engraçada festa académica?

Se algum deles me ler, não repare nas furtivas lágrimas de saudade que querem aflorar-me nos olhos!

SOL NA EIRA E CHUVA NO NABAL ⁽¹⁾

É costume considerar muito exigentes os lavradores, fazendo-se troça das suas lamúrias constantes. Acusa-se o lavrador de nunca estar contente...

O que é verdade é que o esforço de um ano inteiro de trabalho intensíssimo está, às vezes, dependente do estado do tempo. Uma simples variação atmosférica pode, num momento, estragar uma colheita. Sem dúvida que a ciência meteorológica é extremamente falível: falhavam as previsões do «Borda d'Água», as do astrólogo saragoçano e, ainda hoje, quando a Emissora anuncia para o dia seguinte vento bonançoso a soprar do Norte, às vezes surgem inesperadas tempestades...

O ideal seria conseguir-se, à vontade, sol na eira e chuva no nabal; mas isso só há-de acontecer depois de alguma retumbante descoberta de um sábio britânico ou de Nova Iorque. Esperamos que a imprensa ou a rádio nos impinjam mais essa peta...

Entre as crenças e usos populares da gente de Entre-Douro-e-Minho, tenho ouvido muitas coisas curiosas a respeito da cultura dos nabos, e vou ocupar-me hoje de tal assunto folclórico.

O nabal, diz o povo, tem época certa para a sementeira:

(1) *Mensário das Casas do Povo* — Novembro de 1949.

deve semear-se em Agosto. Os nabos devem ser *agostinhos*, diz o povo, tão pitorescamente.

Mas, em Agosto, faz um calor calcinante, e a semente dos nabos é capaz de não poder germinar. Além disso, parece que o nabal não deve ser regado pelo pé...

Acabou-se; as sementes de nabiças clamam ao lavrador:

«Semeia-me no pó
E de mim não tenhas dó...»

Deus bem sabe que nos tem cá, e, quando menos se pensa, favorece-nos com uma chuvinha...

É de constantes sobressaltos a vida do lavrador, que tem de dar três ais, enquanto que se desenvolve o nabal:

Poucos dias depois da sementeira, exclama o pobre labrego:

«Ai, que não nasceu!»

Passados alguns dias, desata a cair uma chuvinha, mas o lavrador, sempre desanimado, sempre pessimista, geme de novo:

«Ai, que são tão raros!»

Mas a Providência vela por nós, e o nabal, de quem o dono desconfia sempre, vai-o regalando, sucessivamente, com um caldo verde de nabiças, no mês de Setembro, com suculentos nabos de São Cosme ou de Freixo de Numão, pelo Natal, e de esplêndidas ervas de grelos pelo Carnaval.

Quando saboreia os sucessivos produtos do nabal, dá então o terceiro e consolador ai:

«Ai, que são tão bons!»

É assim que se passa, entre alegre e triste, a vida dos que trabalham na lavoura.

Por mais humildes que se considerem os lavradores, são eles quem nos dá de comer e, por isso, devemos respeitá-los e desculpar as suas lamentações, quase sempre bem justificadas.

Essas lamúrias não vêm sempre a propósito do nabal. O lavrador tem de se segurar nas suas *tamancas*, porque, diz a trova:

«Ai, i, ó, ai!
Quem 'scorrega também cai:
Quem se engana no caminho,
Torna p'ra trás e não vai...»

O lavrador interamnense tem um espírito humorista, e, apesar do intenso amor que consagra à sua namorada, finge que a despreza, insultando-a àasperamente, pensando, aliás, o contrário do ditado:

«Ai! Ai! Três vezes ai!
Mulheres e porcos é o que sai...»

UM PORTUGUÊS CÉLEBRE NO CEMITÉRIO DO PÈRE LACHAISE⁽¹⁾

(Ao insigne escritor brasileiro Gustavo Barroso).

No seu livro de viagens *Seca e Meca e Olivais de Santarém*, o grande escritor brasileiro Gustavo Barroso insere um pequeno capítulo: «O túmulo do Comendador». Nele descreve uma rápida visita que fez, em Paris, ao cemitério do Père Lachaise.

Ali encontrou uma *exótica sepultura*, que descreve assim: «Pirâmide de pedra branca e lisa, repousando sobre os dorsos de quatro tartarugas de bronze. Entalhado numa das faces, um alentado boi de carro; na outra, uma garça de penacho; na de trás, uma coruja; e, na da frente, este nome: *Comendador Gama Machado*».

E pergunta o acadêmico: «Brasileiro da Monarquia ou português?»

Fez esforços para saber quem seria Gama Machado e não o conseguiu; e termina assim Gustavo Barroso: «E até hoje desejo saber quem foi esse Comendador e o que significam aqueles vários animais esculpidos e gravados sobre o seu túmulo, como se ele fosse um sarcófago de Faraó...».

(1) *O Nosso Lar* — Novembro de 1948.

Por várias vezes, visitei o cemitério do Père Lachaise, admirando, ao fundo da avenida de entrada, o belo monumento aos mortos, parando românticamente à beira do túmulo de Musset, onde vivia ainda o chorão (*saule pleureur*), que ele tinha ali mandado plantar...

Infelizmente, nunca vi o túmulo do Comendador, que o grande escritor brasileiro queria identificar. Mas tenho o prazer de informar quem ele é.

Tenho presente o belo volume, com amável dedicatória do autor, o meu falecido amigo, notável médico-legista e historiador da medicina portuguesa Professor Alberto Pessoa, livro intitulado:

J. J. da Gama Machado — O homem e a obra — O legado à Universidade de Coimbra. — Coimbra. Imprensa da Universidade, 1926.

Esta bela monografia, separata do Vol. x da *Revista da Universidade de Coimbra*, publica uma biografia muito minuciosa do extravagante Gama Machado, grande cultor de frenologia, cujas observações vêm mencionadas no seu famoso livro *Théorie des ressemblances*. Tinha em casa grande quantidade de animais vivos, e é esse o motivo dos adornos do seu túmulo.

Era coleccionador de quadros e de objectos curiosos, que legou à Universidade de Coimbra.

José Joaquim da Gama Machado era português, pois nasceu em Lisboa em 1776, e morreu doido em Paris, com 87 anos.

Era comendador da Ordem de Cristo, conselheiro da legação de Portugal em Paris e sócio da Academia das Ciências de Lisboa.

Foi educado em Paris, donde fugiu por ocasião da Revolução francesa, mas, por fim, voltou para lá, e ali morreu.

Dedicou-se com entusiasmo à história natural e à frenologia, que estava no seu esplendor naquela época.

Era coleccionador de pássaros e de outros animais e

a sua casa era um verdadeiro museu, que recebia a visita de pessoas célebres, entre as quais o nosso príncipe D. Luís, futuro rei.

Gama Machado recebeu também a visita das célebres Irmãs Siamesas, monstruosidade dupla tão conhecida, e jogava o xadrez com elas, episódio que foi fixado num quadro. Um dos seus amigos era o conhecido Roquette, autor de um dicionário francês, que, no meu tempo de rapaz, andava nas mãos de todos os estudantes.

A ele e a outros amigos que o visitavam aos domingos, deixou como lembrança um anel do valor de cem francos.

Uma vez morreu um estorninho da sua coleção, e o comendador mandou construir para ele um túmulo monumental, que veio a ser o modelo do seu, que se ostenta no Père Lachaise.

Todos os seus pássaros, quando morriam, eram embalsamados e, depois, segundo as suas disposições testamentárias, seriam enterrados juntamente com o seu cadáver.

Era partidário da medicina homeopática, e applicava-a nos seus bichos, quando adoeciam.

Para avaliar a importância que teve o extravagante comendador, basta dizer que ele foi estudado, sob o ponto de vista médico-legal, pelo célebre Legrand du Saulle.

Da iconografia que ficou do extraordinário Gama Machado, citarei um belo retrato de Domingos António de Sequeira, onde ele aparece rodeado de animais, ao lado de uma linda rapariga.

O estranho partidário de Gall deixou em testamento à Academia das Ciências de Paris a quantia de 20.000 francos, para, com o seu rendimento, fundar o *Prémio «da Gama Machado»* e para reeditar o seu famoso livro.

O rendimento de dez mil francos seria para um prémio, que teria o seu nome e cujo destino seria recompensar, de três em três anos, a melhor memória acerca das

«partes coradas do sistema tegumentar dos animais ou sobre a matéria fecundante dos seres animados».

Este prémio foi recebido pela Academia das Ciências de Paris no ano em que eu nasci (1877) e, desde 1882, foi distribuído, entre outros, a Rafael Blanchard, Phisalix, e aos professores com quem me relacionei na *Association des Anatomistes*: Duesberg, de Liège, e Verne e Champy, de Paris.

Mas este artigo já vai muito longo, e eu não posso, nem quero, resumir nele toda a documentação da valiosa monografia do saudoso Professor Alberto Pessoa.

O que eu quis foi, apenas, responder a uma interrogação do grande escritor e grande lusófilo Gustavo Barroso.

COMO SE DIVERTIAM OS RAPAZES DO MEU TEMPO (1)

NTEM à noite, ao ouvir uma emissão radiofónica, fui surpreendido com a notícia da morte do grande actor Ermete Zacconi. E fiquei a meditar largo tempo na bela noite que passei, há meio século, no Teatro Príncipe Real, a assistir à representação d'«Os espectros», de Ibsen.

Naquela noite memorável, reunia-se no Príncipe Real o escol da rapaziada do Porto, que se arrumava democráticamente no «galinheiro», enquanto que, na plateia, se sentavam os mais graves portuenses, entre os quais o maior dos psiquiatras portugueses, o então director do Hospital do Conde de Ferreira Júlio de Matos, que fora ao teatro estudar como um actor insigne podia representar em cena a evolução de um caso de paralisia geral.

O teatro era, naquele tempo, uma escola.

E os melhores estudantes, nas vésperas de feriado, e, às vezes, até nas outras noites, iam gastar dois ou três tostões, para passarem útilmente algumas horas, a ouvir a ópera, ou o teatro de declamação.

Tínhamos, nesse tempo, João Rosa, Augusto Rosa, Eduardo Brasão, Ferreira da Silva, Virgínia, Rosa Damasceno, Lucinda Simões.

(1) *O Tripeiro* — Novembro de 1948.

E, a cada passo, vinham até nós as maiores sumidades estrangeiras, como Zacconi, Emanuel, Novelli, a Duse, a Vitaliani, a Mimi Aguglia, assim como Coquelin, Mounnet-Sully e a Sarah Bernardt.

Os autores interpretados eram os trágicos gregos, Shakspeare, Gil Vicente, Molière, Ibsen.

Nos átrios da Academia Politécnica ou da Escola Médica, nos intervalos das aulas, não faltavam alunos que se entretivessem a cantarolar as árias favoritas das óperas que iam no São João, não faltavam alunos que discutissem a sério os problemas filosóficos ou morais dos dramas representados nos teatros.

No meu tempo de estudante, havia, realmente, muitos rapazes que sacrificavam a Vénus e a Baco, ou que passavam as noites na batota, a estafar a mesada.

Mas os melhores alunos, quando tivessem uns tostões no bolso, iam, à noite, ao teatro, receber lições dos grandes clássicos.

Não se falava ainda, felizmente, na brutalidade do futebol, nem na torpeza do cinema.

Alguns rapazes, mais dados à educação física, faziam ginástica ou exercitavam-se na esgrima no Ginásio Lauret.

Alguns, ainda, afeiçoados ao peninsular toureio, não faltavam às corridas, que, nos domingos de verão, se realizavam na Praça da Serra do Pilar ou no Coliseu da Rotunda da Boavista.

Como tudo passa e se transforma no decorrer de meio século!

A ALMA DE PORTUGAL NA SUA PASSAGEM PARA O BRASIL ⁽¹⁾

*(Ao seu filho Fernando, apreciando
o seu entusiasmo pelo folclore).*

PARA coroar o sonho do Infante D. Henrique, lá partiram as naus do Gama:

«Ficava o caro Tejo e a fresca serra
De Sintra, e nela os olhos se alongavam.
Ficava-nos também na amada terra
O coração, que as mágoas lá deixavam.
E, já depois que toda se escondeu,
Não vimos mais, enfim, que mar e céu.

Assim fomos abrindo aqueles mares,
Que geração alguma não abriu,
As novas ilhas vendo e os novos ares
Que o generoso Henrique descobriu;
De Mauritània os montes e lugares,
Terra que Anteu num tempo possuiu,
Deixando à mão esquerda, *que à direita*
Não há certeza doutra, mas suspeita.
Passámos a grande Ilha da Madeira,
Que do muito arvoredo assim se chama;
Das que nós povoámos a primeira,

(1) *Revista de Dialectologia y de Tradiciones populares*, IV,
3.º — Madrid, 1948.

.....
 Passadas tendo já as Canárias ilhas
 Que tiveram por nome Fortunadas,

Foi assim que *Os Lusíadas* (Canto v) explicaram a partida de Vasco da Gama.

A epopeia de Camões apenas quis celebrar, em versos de bronze, a Descoberta da Índia.

Mas adivinhou a façanha da Descoberta do Brasil.

E essa profecia fê-la uma ninfa, depois do banquete da *Ilha dos Amores* (Canto x):

«Com doce voz está subindo ao Céu
 Altos varões que estão por vir ao Mundo,
 Cujas claras Ideias viu Proteu
 Num globo vão, diáfano, rotundo,
 Que Júpter em dom lho concedeu
 Em sonhos, e depois no reino fundo,
 Vaticinando, o disse, e na memória
 Recolheu logo a Ninfa a clara história.

.....
 Mas cá onde mais se alarga, ali tereis
 Parte também, co'o pau vermelho nota;
 De Santa Cruz o nome lhe poreis;
 Descobri-la há a primeira vossa frota.
 Ao longo desta costa, que tereis,
 Irá buscando a parte mais remota
 O Magalhães»

Li, há alguns anos, uma obra de Richet sobre ocultismo e recordo-me de ver ali o processo de adivinhar, por meio de cristalomância, fitando demoradamente um espelho esférico.

É curioso que já Luís de Camões, pelo mesmo processo, dizia que era possível prever as acções de *Altos varões que estão por vir ao mundo*.

As *claras Ideias* desses heróis eram previstas por Proteu, *Num globo vão, diáfano, rotundo*, exactamente como

o que o fisiologista Richet aconselhava, quatro séculos depois de Camões.

Seria por esse processo que a Ninfa da Ilha dos Amores profetizaria aos descobridores da Índia a vindoura façanha da Descoberta do Brasil e da primeira volta ao mundo por Fernão de Magalhães...

Antes de encontrar a *terra do pau vermelho*, percorreu o argonauta luso inúmeras paragens e, no caminho, ia deixando sempre reflexos da sua alma, representada pela sua religião, a sua língua e os seus costumes.

São já muito numerosos e muito valiosos os estudos de confronto entre o folclore português e o de Marrocos, da Madeira e de Cabo Verde, e dos Açores.

Mais raros são os trabalhos a respeito da sobrevivência da língua e dos costumes portugueses nas Canárias.

É a esse difícil estudo que dedico este modestíssimo trabalho.

Antes que o ardente Lusíada desse o primeiro abraço a Íracema, transmitindo-lhe, bem como à prole comum, a língua e os costumes de Portugal, ao passar por tantas terras, já por elas tinha desbaratado a sua fala e as suas canções.

A história das Canárias é muito confusa.

Segundo Damião Peres (1), «tudo indica ter sido feita por genoveses, se não prôpriamente a redescoberta, pelo menos a primeira conquista das Canárias».

Parece que tal facto se deu em princípios do século XIV, e que a uma família de origem genovesa que habitava a Bretanha (Lancelot Maloysel) se deve tal descoberta.

(1) DAMIÃO PERES — *História dos descobrimentos portugueses* — Porto, 1943.

Ver também:

DAMIÃO PERES — *O descobrimento do Brasil por Pedro Álvares Cabral*.

Antecedentes e intencionalidade — Porto-Rio de Janeiro, 1949.

Parece que os Portugueses participaram nalgumas das primeiras expedições àquelas ilhas.

Quando, na bula de 15 de Novembro de 1344, o Papa Clemente VI concedia a um neto de S. Luís o senhorio das Canárias, o nosso rei D. Afonso IV, impugnando a decisão do pontífice, afirmou que foram Portugueses os redescobridores das Canárias e que, por isso, «mandamos lá as nossas gentes e algumas naus, para explorar a qualidade daquela terra». Tais expedições ter-se-iam realizado antes de 1336.

Os documentos que se referem a estas expedições têm sido muito discutidos, e há quem não os julgue autênticos.

Mas parece não haver dúvidas que, já no tempo do Infante D. Henrique, um capitão da nossa armada conquistou parte da Grã Canária.

O que é certo é que uma parte do arquipélago foi, por algum tempo, em princípio do século xv, ocupada pelos Portugueses.

A história da acção de Portugal nas Ilhas Canárias foi largamente exposta numa valiosa memória apresentada por Elias Serra Ráfols, da Universidade de La Laguna, ao Terceiro Congresso do Mundo Português em 1940 (1).

Resumirei, pois, a seguir, a excelente memória de Ráfols.

Começa o ilustre autor por manifestar a sua estranheza perante o facto singular de não serem portuguesas as Ilhas Canárias, que estavam no caminho das Navegações do Infante D. Henrique e do Gama, exactamente como as da Madeira, Cabo Verde, Guiné, S. Tomé e Príncipe.

Confessa o autor que, realmente, no século xiv, já os Portugueses ali estiveram, mas, nesse tempo, ainda não tinha aparecido o sonho das descobertas, que só no século seguinte surgiria na mente do Infante D. Henrique.

(1) E. SERRA RÁFOLS — «Portugal en las Islas Canarias». *Congresso do Mundo Português*, III, 1.º — Lisboa, 1940.

Entretanto, apareceram no arquipélago canário uns aventureiros nórdicos, o mais hábil dos quais, João de Bethencourt, se proclamou rei das Canárias, recorrendo ao rei de Castela para reconhecer a sua soberania.

Não se conhecem as razões que levaram Bethencourt a pedir a protecção de Castela e não a da França, de Portugal ou de Aragão.

Como quer que seja, daquele facto derivou a posse para Castela de tal arquipélago, antes que Portugal tivesse organizado o seu plano expansionista.

Mas não há dúvida também, que ambas as nações peninsulares colaboraram na cristianização das Canárias, que foram descobertas pelos genoveses.

Pouco depois, no reinado de D. Afonso IV, realizou-se uma expedição de Portugueses e Genoveses àquelas ilhas. Nessa altura, o rei de Portugal protestou contra a concessão das Canárias aos Espanhóis, pelo Papa Clemente VI.

Parece que o Infante D. Henrique pretendeu obter, por meios brandos, certas concessões em algumas das ilhas, mas não o conseguiu.

Em 1466, o fidalgo português Diogo da Silva de Meneses, que se tinha notabilizado, dois anos antes, no ataque a Tânger, em que ficou prisioneiro o Infante Santo, Diogo da Silva comandou uma esquadra, que tentou a conquista das Canárias.

Não desejo deter-me na narração dos feitos românticos do fidalgo português. Só quero mostrar a influência dos nossos antepassados na história do arquipélago canário.

Na conquista das ilhas, colaboraram Portugueses, e, nos séculos XVI e XVII, muitos compatriotas nossos emigraram para ali, não só humildes camponeses, como alguns letrados.

É, pois, notável a influência portuguesa nas Canárias, a qual se confunde com a dos Galegos.

Para justificar a apresentação deste modesto trabalho

ao Congresso luso-brasileiro de folclore (1), basta dizer que, na passagem para o Brasil, deixaram os nossos navegantes amplos vestígios de portuguesismo na costa de Marrocos e da Guiné e nas ilhas da Madeira, Cabo Verde e Canárias.

Como fecho da sua notável memória, diz-nos Ráfols que o grande apóstolo do Brasil José de Anchieta nasceu em La Laguna, capital da ilha de Tenerife, em 1533. Aos 17 anos partiu Anchieta para Coimbra, onde estudou no Colégio da Companhia de Jesus.

Em 1553, completada em Coimbra a sua educação, foi Anchieta mandado para o Brasil, onde trabalhou na sua evangelização, na Baía e em S. Paulo.

Ráfols considera-o, talvez, merecedor da canonização, pois Anchieta foi para o Brasil o que S. Francisco Xavier foi para a Índia.

Vê-se, pois, que é preciso estudar-se a influência dos Portugueses nas Canárias, ponto de passagem da velha metrópole lusitana para o reino do Brasil.

A seguir à obra de Ráfols, actual reitor da Universidade de La Laguna, citarei agora uma conferência que, sobre o mesmo assunto, proferiu recentemente outro canariense ilustre, o actual cônsul de Espanha no Porto Emílio Hardisson (2).

O ilustre diplomata, comparando a acção dos Portugueses com a dos Espanhóis nas lutas com os sarracenos, na expansão colonial, na colaboração intelectual universitária, na evangelização do mundo novo, em que sobressaíram os espanhóis São Francisco Xavier e o Padre Anchieta, na assistência aos doentes, em que trabalharam, mais que

(1) Este projectado congresso não chegou a realizar-se.

(2) EMÍLIO HARDISSON — *Las Canarias y Portugal*. Conferência pronunciada nos «Estudos Portugueses» a 16-I-47 (Câmara Municipal) — Porto, *Boletim Cultural*, x, 1-2, 1947.

ninguém, os portugueses São João de Deus e a Rainha D. Leonor.

Em todas essas manifestações espirituais, trabalharam sempre tão unidos Portugal e a Espanha, que devemos considerá-las gêmeas as duas nações peninsulares.

As nossas relações com as Canárias parece que começaram já no tempo dos Mouros, antes da conquista de D. Afonso Henriques.

Refere-se Hardisson às expedições, já mencionadas por Petrarca e Bocácio, bem como à que foi organizada em 1341 por D. Afonso IV.

Como aquelas ilhas não tinham dono, um príncipe espanhol, Luís de La Cerda, conseguiu que o Papa Clemente VI o autorizasse a tomar conta delas com o título de Príncipe da Fortuna (1344).

Tanto Afonso XI de Castela como Afonso IV de Portugal impugnaram a doação papal, alegando que, antes daquele príncipe, as duas nações estiveram em contacto com as Canárias.

A questão ficou em aberto por muito tempo, até que o rei D. Fernando de Portugal fez a doação das ilhas ao seu almirante e vassalo Lançarote da França.

Mais tarde, quando o Infante D. Henrique tentou apoderar-se delas, encontrou-as ocupadas pelos Castelhanos.

Mas, como disse atrás, foi a expedição de João de Bethencourt (1402), que fez consolidar o domínio espanhol.

Conquanto o Infante D. Henrique não conseguisse a conquista de algumas das ilhas Canárias, tinha ali apoio seguro, por ocasião das Descobertas.

E o ilustre conferencista narra os trabalhos diplomáticos que se efectuaram, para definir, ao certo, de quem deviam ser as Ilhas Afortunadas.

Como quer que seja, foi notável a acção dos Portugueses naquelas ilhas; parece que foram eles, por exemplo, quem ali introduziu a cultura da cana do açúcar.

Na toponímia de Tenerife encontram-se as povoações

de Ramalho e de Portugal; na Grã Canária existe a Costa de Silva. O sangue português está ali assinalado pelos apelidos Abreu, Azevedo, Afonso, Brito, Pereira, Melo, Velho, Nóbrega, Cabral, Mendes, Lourenço, Tavares, Matos, Machado, Pinto, Lima, Rosa, Oliveira, Viana, Sá, Rebelo, Menezes, Gonçalves Zarco, Eanes, etc. Entre eles contam-se titulares, bispos, ministros, generais, almirantes, governadores, deputados, teólogos, poetas, etc.

Na etnografia, encontram-se, a cada passo, adivinhas portuguesas, práticas de medicina popular portuguesa, ditados e costumes portugueses.

Usam-se nas Canárias numerosos vocábulos francamente portugueses ou de origem portuguesa, que não se encontram na fala dos habitantes das demais províncias espanholas.

Entre muitos, cita o ilustre cônsul de Espanha o canarismo «arbeja» (ervilha), que se usa em vez da palavra castelhana «guisante».

Também os canários dizem, à portuguesa, *largo* em vez de *ancho*.

Depois de largo litígio a respeito da posse das Canárias por Espanha ou Portugal, veio uma colaboração pacífica entre os dois povos peninsulares, que, na descoberta e conquista de novos mundos, começaram a sua tarefa pelas terras que lhes ficavam à porta.

Quando o Príncipe Perfeito mandou por terra à Índia, a preparar a portentosa viagem do Gama, a expedição de Pero da Covilhã, foi este acompanhado por «um homem das Canárias (Afonso de Paiva), de língua castelhana», no dizer de Gaspar Correia.

E, ao chegar a Calecute, Vasco da Gama aproveitou como intérprete, no dizer de Camões, o mouro Monçaide, que falava espanhol.

Missionários franciscanos portugueses trabalharam nas Canárias e, dali, partiram para as ilhas portuguesas recen-

temente descobertas, muitos missionários franciscanos espanhóis.

Por último, as Canárias brindaram Portugal com um grande tesouro: o Padre José de Anchieta, o prodigioso taumaturgo e apóstolo do Brasil, a figura mais nobre e atraente, mais santa e mais fecunda, da história evangelizadora de Portugal no Novo Mundo.

Assim termina a brilhantíssima conferência de Hardisson, que, com toda a propriedade, chama a Portugal e Espanha irmãos gémeos.

Naturalmente mais versado em assuntos biológicos, acrescentarei: irmãos gémeos univitelinos.

Nos últimos anos, graças à actividade benemérita do «Consejo Superior de Investigaciones Científicas» e da sua filial «Instituto de Estudios Canarios», têm sido publicados numerosos trabalhos de grande valor, sobre a história e a etnografia daquelas ilhas.

Em rápida síntese, vou mencionar aquelas de que tenho conhecimento, graças à solicitude do letrado canário Dr. José Pérez Vidal, que tanto se tem afeiçoado à minha família.

Começarei pelo minucioso estudo crítico sobre o misterioso rei das Canárias João de Bethencourt, estudo de Bonnet y Reverón, prefaciado por Ráfols (1), que considera Bethencourt, leproso e pirata, o verdadeiro precursor e pioneiro da colonização europeia do mundo.

(1) BONNET Y REVERÓN — *Las Canárias y la conquista franco-normanda*. I, Juan de Bethencourt — La Laguna de Tenerife, 1944.

JOSÉ BRUNO CARREIRO — *Antero de Quental*. Subsídios para a sua biografia. I-1948 — fala na possível ascendência de Antero em Bethencourt.

A primeira nação que aproveitou as lições do misterioso normando, diz Reverón, foi Portugal. Depois, logo atrás, foi a Espanha. Muito mais tarde, no tempo da rainha Isabel, é que a Inglaterra se tornou nação colonizadora. Depois, a Holanda, a França napoleónica, por fim a Itália...

Prefaciado pelo mesmo professor, saiu também o primeiro volume de *Tradiciones Populares* (1).

Insere esse volume um «Vocabulario toponímico de la Isla del Hierro», por Alfonso de Armas de Ayala.

Regista esse vocabulário o termo *mermellados*, para designar os animais domésticos que possuem uns pequenos apêndices na parte inferior do pescoço.

Num meu antigo trabalho (2), estudei essas formações, a que ouvi chamar *contas* ou *brincos* (*pendeloques* dos Franceses). Às cabras que possuíam tais apêndices, que representam um segundo par de orelhas, ouvi chamar cabras *conteleiras*.

Do mesmo autor, insere o primeiro volume das *Tradiciones Populares* um «Pequeño Vocabulario de Voces Canarias», no qual encontro os termos e modos de dizer seguintes, que podem ser de origem portuguesa:

Uslo? — onde (correspondente à antiga palavra portuguesa *ullo*).

Amuar — diz-se do furão que não faz sair o coelho da lura.

Avisado — em português: estás bem *aviado*!

(1) TRADICIONES POPULARES — I *Palabras y cosas*. Colección de ensayos y notas de folklore canario — La Laguna de Tenerife, 1944.

(2) J. A. PIRES DE LIMA — *Agenesia do canal auditivo externo e atrofia da orelha*. («Anais Científicos da Faculdade de Medicina do Porto», II, 1914-1915).

Ver também: MARTINS D'ALTE e ÁLVARO MOITAS — *Cordeiro com um par de brincos...* («Actas do I Congresso Nacional de Ciências Naturais» — Lisboa, 1941, livro III).

Bagos (de uva).

Casas (dos botões de camisa).

Entullido — tolhido (de frio).

Fisco — chisco (coisa muito pequena).

Forte — em sentido admirativo — *forte coisa!*

Hilo — medida de água, correspondente em português a *pena de água*.

Indina — má (numa edição antiga d'*Os Lusíadas*, lê-se: *galo indino*).

Lagrimita — vestígios de um líquido qualquer.

Madre — útero.

Magarefe — homem desalinhado (em Portugal: *mar-chante*).

Matalote — embrulho grande de roupa (em Portugal: *rapaz já crescido*).

Pujavante — urinol volumoso para uso de doentes (em Portugal o adjectivo *puxavante* é sinónimo de *estimulante*).

Tejemeneje — movimento contínuo (em português: «Que sarilho!»).

Templero — *tempero* das comidas, em português.

Tenderete — algazarra (como, em português, *estenderete*).

Totiso — (Cf. o português *toutiço*).

Troca-tinteros — pessoa volúvel (em português, *trocá-tintas*).

Darle un aire — ficar paralítico (em português, *foi um arzinho que lhe deu...*).

Dejarse caer — em português: *deixar-se cair na esparrela*.

Estar negro como um casón (como um *carvão*, em português).

A la banda de — ao lado de (*da banda de*, em português).

Está a mano — está perto, à *mão de semear*.

Virar p'a un lado — voltar-se.

Arreniego del demonio! Como em Portugal.

Estar p'a áfuera — estar ausente, *para fora*.

Aguanta un pouco — espera um bocado.

A medio pañuelo — a meio pau.

Aventar onzas — ser rico (em português, *avezar; não aveza cheta!*).

La muchacha de adentro — a cozinheira (moça de dentro).

A la vuelta de la esquina — muito perto (*ao virar da esquina*).

La Obra de Santa Ana — obra que não acaba (corresponde às *Obras de Santa Engrácia*).

No mesmo volume, está publicado um artigo de Blanco Montesdeoca, que trata de práticas de medicina popular e de superstições comuns entre nós; e o mesmo sucede aos trabalhos de Marina Dumpierrez Rodriguez e de Dolores Miranda sobre o nascimento e o baptizado.

Insera ainda trabalhos de outros autores sobre alfaias agrícolas e industriais. Tudo merecia ser confrontado com as portuguesas.

Merecia também pormenorizado estudo o vol. II de *Tradiciones Populares* (1), que se ocupa exclusivamente do folclore infantil. Trata de uma valiosa colecção de trabalhos etnográficos sobre a infância nas Canárias, estudos devidos a Diego Cuscoy, tais como: canções do berço, orações, jogos, romances, contos, adivinhas, etc.

É tal a opulência da colectânea, que, a mau pesar, se torna impossível analisá-la nesta simples comunicação.

Devo contudo informar que, nesta vasta colecção de jogos e canções infantis das Canárias, a cada passo se encontram íntimas afinidades com as do nosso País.

(1) TRADICIONES POPULARES — II *Folklore infantil*, por LUÍS DIEGO CUSCOY — La Laguna de Tenerife, 1944. — Cf. A. C. PIRES DE LIMA, *Jogos e canções infantis*, 2.^a ed. Porto, 1943. Idem, *O livro das adivinhas*, 2.^a ed. Porto, 1943.

As orações que nas Canárias se ensinam aos meninos são, por vezes, perfeitas traduções das que aqui aprendemos na infância, por exemplo estas:

«Con Dios me acuesto,
Con Dios me levanto,
Con la Virgen María
Y el Espiritu Santo.»

«Angel de mi guarda,
A semejanza del Señor,
Para mim fuiste criado,
Para amparo y guardador.»

Nos jogos infantis canários, a cada passo se encontram, igualmente, semelhanças com os das crianças portuguesas.

No Romanceiro, lá tem, como nós, «O caçador», «Delgadina». O «jogo do homem», que, há sessenta anos, tanto me fez divertir à saída da Escola de Areias, também se usa nas Canárias, com o nome de *Tejo*.

Também joguei, na minha recuada infância, a bilharda, jogo que vem descrito neste livro com o mesmo nome (*billarda*), mas que já não se usa.

Aparecem ali ditos infantis iguais aos nossos: A um menino que vem de cortar o cabelo, diz-se nas Canárias:

«Quién te peló
que las orejas te dejó?»

Em Portugal, mais enérgicos, dizemos:

«Quem te rapou,
que nem orelhas te deixou?»

Quando um menino das Canárias quer apanhar uma borboleta, diz:

«Mariposa, posa, posa,
En tu casa hay una rosa.»

É como, no Minho, quando se quer deixar em liberdade uma joaninha (pequeno Coleóptero):

«Joaninha, avoa, avoa,
Que o teu pai 'stá em Lisboa,
A comer sardinha e broa!
Zzzzz»

Nas Canárias, no Inverno, aconselha-se, irónicamente, às crianças:

«Tienes frío?
Métete en el río.»

Exactamente como em Portugal:

«Mete-te no rio
E cobre-te com a capa do teu tio...»

Usam-se por lá fórmulas de medicina popular e ensalmos iguais aos nossos.

Também as adivinhas são parecidas, a começar pelo clássico enigma da Esfinge de Tebas.

Veja-se como é definido o *ovo*, nas Canárias e em Portugal:

«Una casita chiquita, blanquita,
Sin puertas ni ventanitas.»

«Uma casinha branca,
Sem porta, nem tranca.»

E a *língua*:

«Una señorita
bien enseñorada
que siempre está en casa
y siempre está mojada.»

«Uma senhorita
muito assenhorada,
nunca sai de casa
e está sempre molhada.»

É curioso notar que o autor confronta algumas das lengas-lengas infantis das Canárias com outras arquivadas no nosso País por Santos Júnior, no seu trabalho *Lenga-lengas e jogos infantis*, Porto, 1938.

O vol. III da publicação do «Instituto de Estudios Canarios» (1) ocupa-se da festa do S. João, estudada pelo nosso Amigo Pérez Vidal; muito conviria confrontar esse trabalho com outro análogo de F. C. Pires de Lima (2).

Citarei, agora, muito rapidamente, o estudo extraordinariamente erudito do Dr. Max Steffen (3), no qual trata do confronto dos nomes vulgares de algumas plantas em diversas línguas.

Entre elas, lembrarei a *Gilbarbeira*, pedindo licença para acrescentar à riquíssima sinonímia apresentada por aquele ilustre filólogo uma deturpação, que, durante a minha infância, ouvi ao povo da minha terra do Minho (Areias — Santo Tirso).

Pela Páscoa, quando o povo fazia uma limpeza geral às suas casas, as paredes eram espanadas vigorosamente com vassouras de *Gilbardeira*, a que deturpavam o nome, chamando-lhe *Gimbardeira*. Juntarei mais um nome às dezenas daqueles que designam a agreste planta medicinal.

Na obra, atrás citada, do nosso Amigo Doutor Pérez Vidal, lá vem a descrição das fogueiras de São João, da colheita das ervas milagrosas, do tratamento das hérnias das crianças e de outras superstições tão nossas conhecidas.

Continuando a rápida excursão pela rica bibliografia das Canárias, apenas de relance, vou citar o erudito estudo

(1) TRADICIONES POPULARES — III *La fiesta de S. Juan en Canarias*, por JOSÉ PÉREZ VIDAL — La Laguna de Tenerife, 1945.

(2) F. C. PIRES DE LIMA — *São João na alma do povo* — Porto, 1944.

(3) MAX STEFFEN — *Lexicologia canária*, I («Revista de História», núm. 70, Abril-Junho, 1945).

sobre filologia de Tenerife, devido a J. Alvarez Delgado (1). Ali se estuda a língua primitiva dos guanches, baseando o autor a sua obra em riquíssima bibliografia, que começa ao nosso Gomes Eanes de Azurara.

Vou referir-me agora à excelente revista *El Museo Canario*, da qual tenho presente um número consagrado ao 26.º aniversário da morte do ilustre filho da Grã Canária, glória das letras espanholas Pérez Galdós (2).

Entre os valiosos trabalhos que insere esse número de *El Museo Canario*, citarei o novo estudo sobre «La adivinha», de L. Diego Cuscoy, que compara as adivinhas canárias com as portuguesas, recolhidas por A. C. Pires de Lima no citado *Livro das adivinhas*, 2.ª edição.

Entre muitas adivinhas que poderíamos confrontar, citarei esta, que se refere ao morcego:

«Estudiantes que estudiais
Libros de sabiduría...
Cuál es el ave que vuela,
Que tiene pechos y cría?»

que corresponde à versão portuguesa:

«Estudantes de Coimbra,
Que estudais na estudaria:
Qual é a ave do ar
Que com leite seus filhos cria?»

Este número de *El Museo Canario* relata a sessão inaugural das novas instalações daquele importante museu regional, que contava nada menos de 590 sócios em 3 de Fevereiro de 1946.

(1) J. ALVAREZ DELGADO — *Teide*. Ensayo de filología tinerfeña — La Laguna de Tenerife, 1945.

(2) *El Museo Canario*, VII, 17 — Las Palmas de Gran Canaria, 1946.

Publicou-se, há um ano, com prólogo e notas do ilustre etnógrafo J. Pérez Vidal, um curioso vocabulário (1), colhido um século atrás por um célebre diplomata, oriundo das Canárias.

Da vasta coleção, vou extrair uma série de termos que poderão ser considerados portuguesismos.

Abanar (ao lume).

Alpende (alpendre).

Andoriña (andorinha).

Apuntar (marcar a roupa, pespontar).

Baca (baga).

Balayo (balaio, açafate).

Balde (de tirar água do poço).

Baña (gordura de porco).

Borrvalho (cinza da lareira).

Buzio (caracol do mar).

Cambar (entortar).

Cambado (torto).

Cañoto (surdo) — em português, *canhoto* é o que trabalha com a mão esquerda.

Carunchento — diz-se da madeira carcomida pelo caruncho.

Caruncho.

Cumplido (comprido; *largo*, em espanhol).

Chazo (também se diz em português *chaço* ou pedaço de madeira).

Chocallero (chocalheiro, falador).

Diestro (destro, ligeiro, ágil).

Empenado (torto, diz-se da madeira).

Engasgarse (como em português).

Engodar, engodo (idem).

(1) *Colección de voces y frases provinciales de Canarias*, por D. SEBASTIÁN DE LUGO. Edición, prólogo y notas de JOSÉ PÉREZ VIDAL — La Laguna de Tenerife, 1946.

Engillado (engelhado, enrugado).
Entrudar, entrudo (brinquedo de carnaval).
Entullo (canarismo de estirpe lusa).
Enzetar (encetar, começar).
Escarranchadó, escarranchasse (de pernas abertas).
Fastidio — fastio.
Fechadura (o f inicial indica portuguesismo).
Ferruja, ferruje, ferrujiento (palavras galaico-portuguesas).

A propósito, este livro cita uma versão da D. Silvana do *Romanceiro minhoto*, de J. A. Pires de Lima e F. C. Pires de Lima:

«Dá-me o menino *mais velho*,
 Que eu quero educar.
 Dá-me também o *mais novo*,
 Que lhe quero dar de mamar.»

Zerne — *cerne* da madeira.
Zorrivar — *surrivar* em português.
Botar — como em português (botar fora).
Moza — moça, criada, como em português.
Tacha — prego pequeno, idem.

Ao terminar a análise deste livrinho, verifico que é ali citada a obra do seu ilustre anotador Pérez Vidal — *Portuguesismos en el español de Canarias*, Las Palmas de Gran Canaria, 1944.

Apressei-me a solicitá-la do seu distinto autor, que ma enviou. Trata-se de uma separata da revista *El Museo Canario* (1), da qual vou extrair algumas informações.

Diz Pérez Vidal que os trabalhos fundamentais acerca das relações das Canárias com Portugal são os de Serra Ráfols e *Problemas léxicos* de Max Steffen, que, naquele momento, ainda não estavam publicados, e que já cito atrás.

(1) JOSÉ PÉREZ VIDAL — *Portuguesismos en el español de Canarias* («El Museo Canario», núm. 9, 1944).

Pérez Vidal confessa modestamente que o seu trabalho é apenas uma contribuição para a obra prometida de Max Steffen.

Vou forragear, pois, a lista de supostos portuguesesismos:

Abanador, do fogão da lareira.

Andoriña.

Barboleta.

Bico (Conf. a lenga-lenga, parecida com as da Galiza, dos Açores e das Canárias):

«Pico, pico, maçarico,
Quem te deu tamanho bico?»

Pérez Vidal não se esquece de citar, a este propósito, obras portuguesas, entre elas os *Jogos e canções infantis*.

Buraca, buraco.

Cañoto, com o significado de surdo.

Caruncho.

Colmo, de centeio.

Desiscar — tirar a isca do anzol.

Empurrar.

Engodar, engodo.

Escarrancharse.

Espajar — espalhar (dissipar).

Feje — feixe.

Gorar, goro — fracassar.

Grielo — grelo (das sementes). O autor cita aqui o *Livro das Adivinhas* de A. C. Pires de Lima.

Iscar.

Juro — furo.

Lobagante — lavagante. Crustáceo que possui uma pata anterior muito desenvolvida.

Certa ocasião, vi um rapaz a observar um lavagante junto à janela de uma peixaria.

O lavagante, de repente, bateu no vidro, e o observador assustou-se, dizendo: «Que est... de bicho é este?»

Maljurada — milfurada (Hipericão).

Mazaroca — maçaroca, das fiandeiras.

Meldorico — maçarico.

Merenguiño — mendinho (dedo). A propósito dos nomes populares dos dedos, cita Pérez Vidal rica bibliografia portuguesa.

Millo — milho.

Mollo — molho (feixe).

Rolo — peça enrolada.

Sorumbo — sorumbático.

Soturno — sombrio.

Como se vê, é muito rica a contribuição de Pérez Vidal para o estudo dos supostos portuguesismos das Canárias.

Se não fosse forçado a ser breve, analisaria agora o primeiro dos *Cuadernos de folklore Drago* (1) e três voluminhos da *Biblioteca Canaria* (2).

Nas quadras populares apresentadas por Pedrón Acosta, quantas semelhantes às nossas!

Pelo contrário, parece que as danças regionais das Ilhas Canárias têm grande originalidade, e que não se encontram na Espanha continental, nem em qualquer outra parte.

Vou agora referir-me, sumariamente, a algumas memórias publicadas no derradeiro fascículo da *Revista de Dialectología y Tradiciones Populares* (3).

(1) SEBASTIÁN PEDRÓN ACOSTA — *Musa popular canaria*. «La copla», folias, isas, malagueñas y seguidillas. Cuadernos de folklore «Drago», núm. 1 — La Orotava, Tenerife.

(2) BETHENCOURT ALFONSO — *Los cantos y danzas regionales* — Santa Cruz de Tenerife. — MIGUEL SARMIENTO — *Cuentos de la tierra* — Idem. — B. PÉREZ ARENAS — *Escenas marineras* — Idem.

(3) REVISTA DE DIALECTOLOGÍA Y TRADICIONES POPULARES, III, 2.º — Madrid, 1947.

No trabalho ali publicado «Notas sobre el español de Canarias» procura demonstrar o seu autor Alvarez Delgado que o canarismo *bucio* não deriva do português *búzio*, assim como *talla* não provirá do português *talha*, nem *cañoto* de *canhoto*.

Pelo contrário, Alvarez Delgado considera autênticos portuguesismos *andoriña*, *más nada*, e outros.

Nestes assuntos, o autor mostra-se muito cauteloso, e não aceita a autoridade das *Saudades da Terra* de Gaspar Frutuoso, achando-o demasiadamente nacionalista.

Segundo refere Alvarez Delgado, Menéndez Pidal, no seu estudo sobre Colombo, diz-nos que o grande navegador aprendeu espanhol em Lisboa, numa época em que os grandes escritores portugueses Camões e Gil Vicente escreviam tanto em português como em castelhano.

É, por isso, muito difícil saber quais são os verdadeiros portuguesismos das Canárias...

Se eu não fosse um velho diabético, a quem é perigoso mexer nessas coisas, gostaria de confrontar, não só pela vista, como pelo paladar, o artigo de Pérez Vidal «Conservas y dulces de Canarias» com um lindo livrinho de Maria do Minho (1).

Confesso, todavia, que sinto crescer água na boca quando penso nos *almendrados*, *pan de leche*, *rebanadas*, *sopas de miel*.

Não quero ofender o patriotismo dos Canários, mas sempre lhes digo que também por cá temos essas lambarices, e outras que tais...

O mesmo fascículo da *Rev. de Dialectología y Tradiciones Populares* insere um trabalho de Jiménez Sánchez, de Las Palmas de Gran Canaria, intitulado «Danzas y canciones de la Isla de Hierro», trabalho que amplia os conhe-

(1) MARIA DO MINHO — *Doces portuguesas* — Porto, 1944.

cimentos que nos deu o livrinho, atrás citado, de Bethencourt Alfonso.

Esgotada a bibliografia que possuo, terminarei este trabalho confessando que é extremamente difícil e imprudente assegurar se foram de Portugal ou de outra parte um tão grande número de expressões, factos e costumes regionais das Ilhas Canárias.

O meu intuito é apenas lembrar aos filólogos e aos etnógrafos portugueses que é necessário entrar também na liça, estudando estes assuntos com o mesmo entusiasmo com que o estão fazendo tantos e tão ilustres letrados daquelas Ilhas.

Mas pode já concluir-se que os Portugueses, antes de chegarem ao Brasil, há perto de 500 anos, deixaram amplos vestígios da sua alma pelas terras do caminho, que foram descobrindo e conquistando, e ainda no Arquipélago das Canárias, ao qual nos ligam tantas tradições históricas.

ADITAMENTO

No número 1 da opulenta revista do Instituto de Estudos Canários, alude-se várias vezes a trabalhos portugueses de etnografia, relacionados com factos observados nas Canárias.

Ráfols ocupa-se dos jugos e cangas usados, em La Palma, e compara-os com os do Norte de Portugal.

Os padrinhos das crianças são ali tratados por compadres, ainda que sejam irmãos, tal como no nosso país.

E, para afastar o *mau olhado* das crianças, também se lhes põem figas (cuernitos) nos punhos.

Pérez Vidal trata da medicina popular canária e cita várias vezes superstições portuguesas, colhidas em Teófilo Braga, Tomás Pires e outros. É notável o estudo de Pérez Vidal, que encontrou na literatura folclórica muitos costumes portugueses, que se espalharam nas Canárias.

Nos *Documentos sobre os Reinos de Tenerife*, alude-se, por vezes, a antigos escritores nossos.

E, ao fazer esta curta resenha sobre o Vol. I de *Tagoro*, não posso deixar de mostrar a minha admiração pelo esforço grandioso do Instituto de Estudos Canários, integrado na formidável obra cultural que é o Conselho Superior de Investigações Científicas de Espanha.

COISA RUIM ⁽¹⁾

A gente do Baixo Minho foi sempre muito supersticiosa; não sei por que motivo, parece-me que as crendices deste povo são ainda, por vezes, mais acentuadas.

Conheci a feitora de uma quinta, que estava sempre a falar de maus agouros, que, muitas vezes, saíam certos.

Uma das suas crendices em maus presságios baseava-se no cantar dos galos. «Quando o galo canta depois do sol posto, dizia ela, tem de morrer fatalmente um fôlego vivo». E temos muita sorte quando é sacrificado um bicho em vez de um cristão...

Aqui há meses, uma linda cadelinha que guardava a casa morreu inesperadamente: certamente foi o carpinteiro que embirroou com ela e lhe deu pão com veneno...

É preciso ter sempre os bichos escondidos, defendendo-os do mau olhado!

Havia na casa um gatinho pardo, muito lindo e muito brincalhão, que era o encanto de todos. Pois, uma noite caiu ao alambique, e lá morreu, cozido e assado no caldeirão. «Cruzes! Credo! Nossa Senhora!»

Outra vez, a velha feitora saiu da cozinha, de pau na mão atrás de um gato. *Lambom*, que me comeste uma

(1) *Douro Litoral* — Bol. da Comissão Provincial de Etnografia e História, terceira série, III — Porto, 1948.

sardinha que tinha custado um cruzado! Hás-de levar uma *polinheira* que te rebento! (1).

Havia na casa um imponente peru, já completamente cevado, destinado a ser sacrificado num dia de festa.

Poucos dias antes, o peru manifestou certa antipatia pela senhora Maria e atirou-se às bicadas à feiticeira.

Na manhã seguinte, o peru estava morto na capoeira.

Grande desgosto na família da casa, que não quis mandar cozinhar a ave, receando que ela estivesse envenenada. Foi quanto aproveitou a mulherzinha, que decerto comeu peru pela primeira vez na sua vida.

Dizem as más línguas que ela, por vingança, lhe estorcegou o pescoço... Ela, porém, diz que foi coisa ruim. «Credo! Santo Nome! Cruzes! Nossa Senhora!»

A antipática velhota sabia, com o emprego das calças do homem, praticar certas habilidades mágicas de grande proveito.

E defendia estes princípios: «quando a gente pare um filho, devia baptizá-lo imediatamente, para lhe salvar a alma; logo depois, para o livrar de trabalhos, devia retorcer-lhe o pescoço...»

Esta velha tem umas poucas de filhas e, com a sua habilidade de alcoviteira, vai-as casando todas.

Uma delas, muito ladina, quando já estavam a ler-se os banhos, foi interrogada por uma vizinha:

— «Então você vai-se *arreceber* com F.?»

— «Com esse ou com *oitro*», respondeu ela prontamente.

E quando andava a distribuir o *pão branco* pelas pessoas amigas, era mais clara nas suas confissões:

— «Eu falei p'ra muitos moços, mas — Nossa Senhora! — inda espero ir à igreja como vim ao mundo!...»

(1) A velhota era natural do Douro; por isso, usava por vezes um vocabulário estranho ao Baixo Minho.

Esta gente é de Amarante, cujos habitantes herdaram dos nobres Romanos o priapismo e o culto fálico, ende-reçando-o agora a S. Gonçalo, casamenteiro das velhas, e de quem as mais novas solicitam igual favor.

Nas festas daquele santo do calendário cristão, costuma o povo cantar umas quadras brejeiras, como aquela que assim começa:

«São Gonçalo de Amarante
É feito de pau de pinho:

.
.»

A crença em bruxarias vem de longe.

Há vinte ou trinta anos, entretinha-me, nas férias, a fazer clínica nesta aldeia. Um dia, vieram chamar-me para ir ver um vizinho que estava de cama.

Fui visitá-lo e reparei que ele estava deitado, com um lenço da mulher amarrado na cabeça.

Interroguei-o e, examinando-o cuidadosamente, não lhe descobri qualquer sintoma ou sinal de doença.

Disse ao homem parecer-me que ele se podia levantar da cama, porque não lhe encontrava doença nenhuma.

Reparei então que estava a ouvir-me, do cimo das escadas, a mãe do falso doente, que trazia à cabeça um chapéu de homem.

Ficou furiosa com o meu diagnóstico, e sentenciou:

—«Isto não é coisa de doutores. É preciso procurar o remédio em outra banda...»

Queria dizer na sua que se tratava de obra de bruxedo, para combater a qual a medicina era impotente.

Abandonei a casa embruxada e tive a sorte de encontrar no caminho o abade da freguesia, pessoa inteligente e

muito culta, que eu comparo ao «Senhor Reitor» de Júlio Dinis.

Perguntou-me de que se tratava e eu expliquei-lhe tudo.

— «Ai, ele é bruxedo?» — replicou o venerando pároco, que já faleceu há muito. — «Então eu vou curá-lo!» E entrou no quarto do pseudo-doente, de cacete em punho, e disse-lhe, com voz intimativa:

— «Levante-se, que você não tem doença nenhuma!»

Intimidado com a ameaça de uma terapêutica assás dura, o labrego saiu pela cama fora e creio que nunca mais amarrou na cabeça um lenço de mulher, por causa do mau olhado...

* * *

A feitiçaria ainda é muito vulgar no Baixo Minho. Mas há espíritos fortes que não acreditam nas bruxas, vangloriando-se de tal prosápia.

Ontem estive a conversar com o meu barbeiro, enquanto ele me tosquiava.

— «Na nossa terra, disse o barbeiro, há muita gente que acredita em feitiçarias e vai, a cada passo, consultar o bruxo de Alfena. Eu nisso é que não vou!» — exclamou o valoroso espírito forte.

— «Contudo, acrescentou, não posso deixar de acreditar nos ares ruins. Acredito, porque já me aconteceu o seguinte: tinha um porco que, uma vez, à hora do meio dia, foi apanhado por um ar ruim, que o deixou tolhido das quatro patas, sem se poder mexer. Mas, no dia seguinte, à mesma hora, pus o porco tolhido no mesmo lugar da véspera. O mau ar desapareceu, e o porco ficou são e escorreito».

PREFÁCIO DE UMA EDIÇÃO NOVA DO «MÉDICO À FORÇA»

DURANTE a parte mais válida da minha existência, dediquei-me, de alma e coração, ao estudo das anomalias e monstruosidades, no Homem e em diversos animais.

Chegando a velho, impossibilitado de trabalhar num laboratório, ainda assim, tenho-me ocupado em estudos de teratologia, que eram tanto do meu agrado.

Se não vou ao meu querido Instituto de Anatomia estudar monstros, dedico-me ainda ao assunto, estudando-os na literatura.

Deste modo, depois do fatal limite de idade, estudei os monstros da mitologia n'Os *Lusíadas*, apresentando meu filho Fernando uma sùmula do meu trabalho, que está no prelo, na última reunião da Sociedade Anatómica Portuguesa.

Solicitado ainda pelo Fernando para escrever o prefácio de uma nova edição do *Médico à força*, não sairei do âmbito da minha especialidade, estudando, de relance, um caso de dextrocardia exposto pelo cómico Sganarello.

Na cena vi do acto II do *Médecin malgré lui*, lê-se o monólogo, tão cómico, do rachador de lenha, que, à força de paulada, se formou em medicina:

«estes vapores, de que lhe falo, passando do lado esquerdo, onde está o fígado, para o lado direito, onde está

o coração, segue-se que o pulmão, que designamos em latim por *armyan*, tendo comunicação com o cérebro, ao qual chamamos em grego *nasmus*, por meio da veia cava, que chamamos *cubile* em hebraico, encontra no caminho os ditos vapores, que enchem os ventrículos da omoplata...

E, quando dizem ao «Médico à força» que o coração está situado à esquerda e o fígado à direita, ele replica, ufano:

«Sim, isso era antigamente: mas nós trocamos tudo, e praticamos agora a medicina com um método inteiramente novo».

Mas deixemos a minha pobre tradução, e recorramos à que foi «trasladada libèrrimamente» da prosa original a redondilhas portuguesas pelo grande escritor António Feliciano de Castilho:

Quando os tais vapores vão
aqui, do lado direito,
onde mora o coração,
para a esquerda aqui do peito,
onde nós temos o baço,
ao passarem pelo bofe,
que em latim chamamos *sasso*,
ou, segundo os Gregos, *trofe*,
tendo comunicação
co'o cérebro, ou *roz* no hebreu,
pela veia cava, então
co'os vapores (percebeu?)
co'os vapores que o omoplata
nos ventrílocos encerra,
fazem uns aos outros guerra;»

E, mais adiante, Géronte, que é traduzido por Januário, pelo grande Castilho, estranhou a transposição das vísceras:

«Faz admirar!
O que me fez novidade
foi trocar-nos o lugar
do baço e do coração...

O coração sempre ouvi
que ficava à esquerda; aqui;
e à direita o baço; não.»

Ao que Sganarello responde, triunfante:

«Antigamente assim era;
mas a moderna ciência
trocou tudo isso; pudera!
hoje há mais experiência.»

* * *

Não devemos desprezar completamente a doutrina do charlatão criado pelo grande Molière.

A anatomia chamada normal é sempre a mesma; mas as variações morfológicas são vulgaríssimas.

Durante dezenas de anos me dediquei ao estudo das anomalias e das monstruosidades.

Durante a minha carreira, vi dois casos de dextrocardia e, por coincidência, o meu último estudo de morfologia humana foi um caso de «Situs inversus» apresentado de colaboração com o meu distinto ex-assistente Dr. Álvaro Moitas.

Esse trabalho, apresentado à Faculdade de Medicina do Porto, foi depois publicado na revista lisbonense *Medicina Contemporânea* (Setembro de 1946).

Nesse trabalho, além do caso estudado pelo Dr. Moitas, de colaboração comigo, citam-se mais quinze casos portugueses, estudados pelos doutores Alvarenga, Evaristo, Henrique Parreira, Hernâni Monteiro, Azevedo Neves, Emídio Guerra, Geraldino Brites, Egídio Aires, Maximino Correia, etc.

A anatomia normal é um esquema sempre igual; mas o corpo humano é extremamente variável e, de vez em

quando, vê-se o coração à direita, o figado à esquerda e *os pulmões dentro do peito.*

E assim, um velho teratologista arranhou maneira de prefaciá uma obra de Molière.

E aproveita a ocasião de prestar homenagem ao genial escritor, ao seu insigne tradutor português, e até ao cómico charlatão que ele inventou.

PREFÁCIO DE UMA EDIÇÃO NOVA DO «ARCO DE SANT'ANA»

 *Arco de Sant'Ana*, tão discutido romance histórico do grande escritor Almeida Garrett, tem seu fundamento num passo da *Crónica de D. Pedro I*, de Fernão Lopes.

O Capítulo VII dessa crónica do historiador máximo de Portugal intitula-se cruamente: «Como el Rei quisera meter huum bispo a tormento...».

Garrett aproveitaria esse episódio, transpondo-o livremente para o começo do século XIX, para uma época das mais tristes da nossa história, na qual colaborou, como um dos 7.500 desvairados que estiveram ao serviço de D. Pedro IV. De entre eles, penitenciou-se Garrett, traçando as *Viagens na minha terra* e o *Romanceiro*.

O que era o Arco de Sant'Ana na velha cidade do Porto di-lo em *O Tripeiro*, vol. 3.º, 1910, o meu falecido amigo José Júlio Gonçalves Coelho, distinto escritor e ilustre diplomata.

A pág. 88 desse volume, um desenho do autor representa a «Rua e Arco de Sant'Ana no começo do século XIX, segundo desenho da época».

A seguir à epígrafe, transcreve Gonçalves Coelho, as duras frases de Garrett tiradas do Capítulo I do seu romance histórico: «Assentaram os miseráveis reformadores que uma pouca de luz mais e uma pouca de imundicie menos,

em rua já de si tão escura e mal inxuta, era preferível á conservação d'aquelle monumento em todos os sentidos respeitável!».

Atrás do Arco de Sant'Ana foram todos os arcos, portas e postigos do velho Porto, onde já poucos vestígios restam das memoráveis muralhas fernandinas. Atrás delas, quantos monumentos vão desaparecendo! Basta citar o célebre convento da Ave Maria, que desapareceu inglôriamente, para dar lugar à prosaica estação de São Bento, sem estética nem comodidade. Disseram que transportariam o belo mosteiro, que iria substituir a gloriosa igreja românica de Cedofeita, e vejam que lástima ficou junto do venerando monumento!

Por toda a parte succede o mesmo em Portugal.

Há pouco li, num jornal de Lisboa, que estavam a demolir um velho arco do Bairro Alto. E o articulista acrescentava, pouco mais ou menos: «que se contentem os lisboetas, porque ainda ficam com o Arco da Rua Augusta!».

Por toda a parte, é um *bota-a-baixo* desolador; mas estejam descansados, porque vão surgindo arranha-céus como os da América...

Até em Coimbra, na *colina sagrada*, se vai demolindo tudo; mas ficará uma opulenta cidade universitária, com edifícios colossais. O que é preciso é pôr lá dentro muita gente capaz a trabalhar! Enquanto o não fizerem, já me apeteceu comparar tais arranha-céus às Pirâmides do Egipto, túmulos dos Faraós, onde há milhares de anos, parou toda a actividade, pois que nem os corpos dos antigos reis foram reduzidos a pó.

É curiosa a educação que a grande imprensa dos nossos dias pretende ministrar ao povo português.

Atrás dos monumentos históricos, vão sendo também prostradas as velhas árvores, que eu considero também monumentos.

Há tempo, vi-as injuriadas por um jornalista, que as acusava de deixar cair as folhas no outono, dando, assim,

tanto que fazer aos varredores municipais... Que se lembrasse aos poderes públicos que o castigo das árvores, pelos seus malefícios, tinha até grande utilidade pública, porque as árvores nos podiam fornecer lenha e madeira...

Que não tivéssemos pena delas: Ainda cá ficavam as inocentes acácias, dignas companheiras dos eternos Acácios, celebrados pelo Eça...

Há mais de cem anos que demoliram o Arco de Sant'Ana do bairro da Sé.

Passou quase século e meio e a doutrina devastadora não poupa monumentos arqueológicos nem árvores monumentais.

Mas há monumentos mais fortes e mais duradouros que os gigantes vegetais e que os de pedra e de bronze que os homens construíram.

Um deles é o *Arco de Sant'Ana* do genial Garrett, do qual me honro de prefaciá-lo hoje uma nova edição.

Ó MALHÃO, MALHÃO, TRISTE MALHÃO! ⁽¹⁾

*(A memória de minha querida Filha
Maria Clementina).*

HÁ meio século, eram os trabalhos do campo realizados na maior alegria, acompanhados de canções e danças, em que o som da viola era reforçado pela voz cristalina das raparigas.

As vindimas e as esfolhadas, as espadeladas e as malhas não se faziam sem que os lavradores manifestassem alegremente a sua gratidão a Deus por, mais uma vez, tornar férteis os campos.

As malhas eram, há cinquenta anos, pretextos para muito ruidosas festas, e o malho, para soltar das espigas os grãos de centeio ou de milho, esse instrumento singelo tinha um significado quase litúrgico.

Durante a minha infância recuada, ouvi, por vezes, na escola de Areias, que meu Pai fundou, os rapazes da aula cantar o «Hino do Trabalho», em que havia este verso:

«De entre a orquestra da serra e do malho...»

Essa orquestra calou-se há muito, e os sons harmoniosos dela foram substituídos pelos horrísonos cantares que nos transmitem constantemente as emissoras radiofónicas.

Já não se semeia linho, e, por isso, já não há espadeladas. Desapareceu por completo o som da viola, desapareceram as belas canções regionais, que eram o encanto da gente do Minho. Desapareceu até o malho, que foi substituído por máquinas cada vez mais aperfeiçoadas, que impõem ao lavrador novos costumes.

Essa inovação não entrou no uso da lavoura sem protesto. Quando apareceu o primeiro escarolador, lembro-me que um feitor, irritado com o progresso, meteu no aparelho novo, em vez de uma espiga de milho, uma pedra, que rebentou os cilindros da máquina.

Infelizmente, não é hoje possível colher os dados necessários para descrever o que era antigamente uma malha.

É pena que não ficassem arquivadas no pentagrama e em discos de gramofone as centenas de melodias que se cantavam no Minho.

A essa colheita patriótica se dedicou, na sua infância, a minha malograda Filha Maria Clementina, de cuja obra artística rezam os trabalhos: *Folclore de Riba d'Ave*, conferência por ela pronunciada em 1937 e publicada no ano seguinte; *O vinho verde na cantiga popular*, volume publicado em Barcelos, 1939, de colaboração com seu irmão Fernando; e o seu volume *Folclore Musical*, editado já depois da sua morte (Porto, 1942).

Nenhum destes trabalhos insere a conhecida melodia: «Ó malhão, malhão!», mas tenho a certeza de que a encontraria no seu riquíssimo espólio artístico, que não posso agora consultar.

Eram muito numerosas as quadras com que se cantava o popular «Malhão».

Lembro-me agora de uma delas, que não é das mais formosas:

«Ó malhão, malhão!
Pêras cabaçais.
Diz que malhas bem, que malhas bem?
Malhas com'os mais...

Que saudades eu tenho de ouvir cantar o «Malhão»!
Nesta quadra, por exigência da rima, entram as *pêras cabaçais*, que já ninguém conhece.

A triste desnacionalização, que se nota nas nossas aldeias, estende-se até ao desaparecimento das castas de frutas, tão portuguesas, que hoje quase ninguém conhece, nem sequer nos hortos dos viveiristas, que, agora, quase só fornecem fruteiras de nomes exóticos, que importam da América ou do longínquo Japão.

Quem se lembra hoje da forma e do paladar das pêras de Amorim, das pêras cabaçais, das de Baguim, das pêras de D. Joaquina, das pêras formigas; das maçãs camoesas, das sempre-noivas, das Martim-Gil, das maçãs da Abadia, dos pipos de Basto, e das deliciosas pardo-lindo?

Quem se lembra das ameixas caranguejeiras e dos figos bacorinhos, dos figos pretos, dos figos do São João, que davam duas camadas, e que só o pensar neles faz pecar um velho diabético...

Não é a impossibilidade de provar tão deliciosa fruta o principal motivo desta melancolia que me invade.

A minha invencível tristeza é causada pela lembrança de que a minha querida Filha faria hoje anos, se, há muito, Deus a não tivesse levado...

A TERATOLOGIA N' «OS LUSÍADAS»⁽¹⁾

(À memória de Vicente José de Carvalho, iniciador do ensino da Anatomia no Porto).

Ao criar-se, por decreto de 8 de Outubro de 1825, a Real Escola de Cirurgia desta cidade, foi nomeado lente da primeira cadeira (Anatomia e Fisiologia) o modesto cirurgião, que tão elevados serviços prestou.

Ainda hoje é venerado, na sala da biblioteca do Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina, o coração daquele que iniciou os estudos de Anatomia aqui no Porto.

Um século depois de Vicente José de Carvalho, ocupava o autor deste estudo o lugar que ele tanto honrou.

Por lá trabalhou durante quarenta anos.

Apesar de ainda vivo, por lá deixou também o seu coração.

Diz o nosso povo, repetindo o conceito do «Leal Conselheiro» de El-Rei D. Duarte I (Cap. xxx):

«Onde está vosso tesouro, lá está vosso coração».

A velhice e a doença, piores que uma lei terrível, forçaram-no a deixar a Casa onde passou a maior e a

(1) *Boletim Cultural* da Câmara Municipal do Porto, XII, 1-2 de 1949.

Na XIV Reunião da Sociedade Anatómica Portuguesa (Porto, Outubro de 1948), foi apresentada uma súmula deste trabalho por Fernando C. Pires de Lima.

melhor parte da vida. Era o Instituto de Anatomia do Porto o seu verdadeiro tesouro.

Lá deixou, pois, o seu coração, ao lado do do sempre lembrado fundador da Anatomia portuense, o cirurgião Vicente José de Carvalho, ao qual dedica esta memória.

I

...olha o assento
De Pegu

A PARECEU-ME, no Museu de Anatomia, há cerca de trinta anos, quando comecei a dedicar-me a estudos de teratologia, uma aluna, a fazer-me uma estranha consulta.

Uma sua amiga, de Matosinhos, tinha dado à luz uma criança monstruosa, e constava ali que a parturiente costumava ter familiariedade excessiva com um cão.

Poderia provir dali a causa da procriação do monstro?

Essa aluna de anatomia mostrou tal ignorância dos princípios fundamentais das ciências biológicas, que nunca pôde terminar o curso médico.

Por mim, desculpei a pobre aluna, que, afinal, traduzia uma crença popular que já vem da Renascença, e que talvez proviesse da Índia do tempo do Gama.

Na epopeia camoneana, a não ser uma vaga referência no episódio do Gigante Adamastor (v, 49), só numa estância (x, 122) se encontra, duas vezes, a palavra monstros:

«... olha o assento
De Pegu, que já monstros povoaram,
Monstros filhos do feio ajuntamento
Duma mulher e um cão, que sós se acharam.»

Em VII, 53, fala-se da *bruta incontinência* do filho de Semele com

«O feroz ginete ardente.»

Já há longos anos que registei a crença popular no poder do diabo como agente teratológico (*Congresso luso-espanhol para o progresso das Ciências*, Porto, 1921) (1).

Quando eu desempenhava o cargo de chefe de clínica cirúrgica, foi internada na Enfermaria n.º 8 do Hospital de Santo António uma pobre mulher afectada de um quisto ovárico extraordinariamente volumoso.

Considerava-se grávida no último tempo, e, como era solteira, e afirmava solenemente nunca ter conhecido homem, começou a ter perturbações mentais e acabou por convencer-se que, uma noite, lhe apareceu o diabo, violentando-a. Era, pois, obra do espírito das trevas a sua estranha gravidez...

No meu citado trabalho, menciono esta superstição, que já vem, pelo menos, da Idade Média ou da Renascença.

E fui informado de que, dos Processos do Santo Offício, consta que uma freira, Maria do Rosário, em meados do séc. XVIII (1748), foi condenada por feitiçaria, pois declarou ter relações luxuriosas com o demónio, do qual concebera sete vezes, três vezes cachorros e quatro vezes monstros e gatos.

Também fui informado pelo Dr. Carlos de Passos que a *Gazeta de Lisboa* noticiara que em Beja, em Julho de 1727, Maria Lopes pariu de um só parto uma menina perfeita e mais nove bichos...

Mesmo hoje, a imprensa refere, de vez em quando, que se deram partos fantásticos, como estes...

(1) J. A. PIRES DE LIMA e F. C. PIRES DE LIMA — *Tradições populares de Entre Douro e Minho* — Barcelos, 1938.

Como é sabido, Camões, além de poeta genial, era um sábio, que armazenava no seu espírito toda a ciência do tempo (1).

Nos *Lusiadas*, apenas duas vezes emprega a palavra *monstros*, a propósito de uma lenda que trouxe da Índia.

Mas a célebre epopeia, a cada passo, se refere a seres lendários criados pela mitologia greco-romana, ou a personagens citadas pelo Velho Testamento.

Neste trabalho, procurarei ocupar-me dos seres monstruosos de que falam os *Lusiadas*, desde as mais simples hemiterias, como o hirsutismo e o gigantismo, até às mais fantásticas criações mitológicas, como os ciclopes e as Górgonas, os tritões e as sereias.

À hipertricose refere-se, uma vez, comparando à de Sansão a força prodigiosa do Mestre de Avis (iv, 12):

«Joane, a quem do peito o esforço crece,
Como a Sansão Hebreio da guedelha.»

Na Bíblia (Juízes, XIII-XVI) pode ler-se donde provinha a espantosa força de Sansão, e como veio a perdê-la, por traição de Dalila.

A noção da força das pessoas cabeludas ainda se encontra na sabedoria popular de hoje, como pode ver-se no adágio: «veloso, ou forte ou libidinoso».

Passemos agora ao estudo dos gigantes camoneanos.

(1) «E. o Autor mostra nelle muito engenho e muita erudição nas sciencias humanas». (*Frey Bertholameu Ferreira*).

(Do parecer do censor do Santo Officio na edição de 1572 dos *Lusiadas*).

«Desde que intendo, que leio, que admiro os *Lusiadas*, inter-neço-me, choro, insuberbeço-me com a maior obra de ingenho que ainda apareceu no mundo, desde a *Divina Comédia* até ao *Fausto*. . .».

(GARRETT — *Viagens na minha terra*, VI).

II

Os gigantes

São numerosos os casos de gigantismo versados nos *Lusíadas*, desde o filisteu Golias, até ao célebre Adamastor, descoberto por Bartolomeu Dias.

Vou passá-los em revista sumária.

Sobre o gigante Golias, Camões (III, 111) diz quase tanto numa estância, como a Bíblia em dois longos capítulos (I Reis, XVI-XVII):

«Qual o membrudo e bárbaro Gigante,
Do Rei Saul, com causa, tão temido,
Vendo o Pastor inerme estar diante,
Só de pedras e esforço apercebido,
Com palavras soberbas, o arrogante
Despreza o fraco moço mal vestido,
Que, rodeando a funda, o desengana
Quanto mais pode a Fé que a força humana.»

Por duas vezes, no Canto III (73, 77), se refere ao gigante Atlas, que sustentava o Céu:

«E posto, enfim, que desde o Mar de Atlante
Até o Cítico Tauro, monte erguido,
Já vencedor te vissem, . . . »
«Já se ajuntam do monte a quem Medusa
O corpo fez perder que teve o Céu;
Já vem do promontório de Ampelusa
E do Tinge, que assento foi de Anteu.»

Referem-se estas duas estâncias ao gigante Atlas, encarregado por Júpiter, seu pai, de sustentar aos ombros a Terra. Foi metamorfoseado em monte, ao ver a cabeça da Medusa, cujos cabelos eram serpentes, e que tinha o poder de transformar em pedras quem olhasse para ela.

Anteu era outro gigante, filho da Terra.
Neste monte fundou Tingena, filha do gigante, a cidade
de Tânger.

Do monte Atlas ou Atlante, deriva o nome do Oceano
Atlântico.

Entre os gigantes mitológicos, também cita Camões a
Jápeto, pai de Prometeu, que arrebatou o fogo do Céu
(iv, 103):

«Trouxe o filho de Jápeto do Céu
O fogo que ajuntou ao peito humano,
Fogo que o Mundo em armas acendeu,
Em mortes, em desonras (grande engano).»

Também se refere ao mito da formação da constelação
dos Peixes, em virtude do terror provocado pelo gigante
Tifeu (i, 42):

«. e o Sol ardente
Queimava então os Deuses que Tifeu
Co' o temor grande em peixes converteu.»

Nova referência ao mesmo gigante (vi, 13):

«Noutra parte, esculpida estava a guerra
Que tiveram os Deuses co' os gigantes;
Está Tifeu debaixo da alta serra
De Etna»

Em outro passo (ii, 112), refere-se vagamente aos
gigantes ou titanes que quiseram escalar o Céu, sendo ful-
minados por Júpiter:

«Cometeram soberbos os gigantes
Com guerra vã o Olimpo claro e puro;»

Do mesmo modo (vi, 78):

«Nunca tão vivos raios fabricou
Contra a fera soberba dos Gigantes.»

Também fala de Sínis, salteador gigantesco e feroz (III, 39):

«Neles sós experimenta toda sorte
De tormentos, de mortes, pelo estilo
De Sínis e do touro de Perilo.»

A propósito de Pedro o Cru, fala igualmente de Teseu, outro gigante mitológico que matou Sínis (III, 137):

«As cidades guardando, justicioso,
De todos os soberbos vitupérios,
Mais ladrões, castigando, à morte deu
Que o vagabundo Alcides ou Teseu.»

No fim do Poema, alude Camões à elevada estatura dos povos da Patagónia (X, 135):

«Dês que passar a via mais que meia
Que ao Antártico pólo vai da Linha,
Duma estatura quase giganteia
Homens verá, da terra ali vizinha;»

Antes de me ocupar do gigante Adamastor, criação suprema de Camões, desejo ainda referir-me a um gigante mitológico do sexo feminino, a indiscreta Fama, filha da Terra e irmã de Gigantes.

Para divulgar as maravilhas da Ilha dos Amores, como ainda não havia a imprensa periódica nem a radiotelefonía, Vénus e seu filho recorreram à deusa Fama, como diz Camões (IX, 44):

«Mas diz Cupido que era necessária
Uma famosa e célebre terceira,
Que, posto que mil vezes lhe é contrária,
Outras muitas a tem por companheira:
A Deusa Giganteia, temerária,
Jactante, mentirosa e verdadeira,
Que com cem olhos vê, e, por onde voa,
O que vê, com mil bocas apregoa.»

E continua na Estância seguinte (ix, 45) a celebrar as proezas da Fama.

A Fama era, com efeito, representada pelos poetas como uma figura gigantesca e monstruosa, com asas e muitos olhos, bocas e línguas.

III

Eu sou aquele oculto e grande cabo

Para encerrar o capítulo do gigantismo, vou agora referir-me ao Adamastor, sublime criação de Bartolomeu Dias e de Camões.

Ao genial poeta dou a palavra, para descrever a morfologia do gigante e a sua transformação mitológica (Canto v):

«Não acabava, quando uma figura
Se nos mostra no ar, robusta e válida,
De disforme e grandíssima estatura;
O rosto carregado, a barba esquelada,
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má e a cor terrena e pálida;
Cheios de terra e crespos os cabelos,
A boca negra, os dentes amarelos.

Tão grande era de membros, que bem posso
.
Mais ia por diante o monstro horrendo,
Dizendo nossos fados, quando, alçado,
Lhe disse eu: Quem és tu? Que esse estupendo
Corpo certo me tem maravilhado!
A boca e os olhos negros retorcendo
E dando um espantoso e grande brado,
Me respondeu,

Eu sou aquele oculto e grande Cabo
A quem chamais vós outros Tormentório,

Fui dos filhos aspérrimos da Terra
Qual Encélado, Egeu e Centímáno;
Chamei-me Adamastor

Amores da Alta esposa de Peleu

Um dia a vi, co'as filhas de Nereu
Sair nua na praia
Qual será o amor bastante
De Ninfa, que sustente o dum gigante?
.

Uma noite, de Dóris prometida,
Me aparecé dè longe o gesto lindo
Da branca Thétis, única, despida.
Como doido corri de longe, abrindo
Os braços para aquela que era vida
Deste corpo, e começo os olhos belos
A lhe beijar, as faces e os cabelos.

Oh! Que não sei de nojo como o conte:
Que, crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achei c'um duro monte
De áspero mato e de espessura brava.
Estando c'um penedo frente a frente,
Que eu pelo rosto angélico apertava,
Não fiquei homem, não; mas mudo e quedo
E, junto dum penedo, outro penedo!»

Atentando na beleza suprema deste episódio, creio que estarei desculpado da longa transcrição.

De relance (v, 51), ao lado do Adamastor, figuram outros filhos da Terra, como Encélado, Egeu e o Centímáno, ou Briareu. O primeiro, o mais poderoso dos gigantes, foi sepultado no Etna, sendo o responsável pelas erupções desse vulcão; Egeu deu o nome ao mar assim chamado e Centímáno é o mesmo que Briareu, monstro de cem braços, ao qual me reférerei mais adiante.

Entre os gigantes citados nos *Lusiadas*, não esquecerei o ensífero Oriente (vi, 85), transformado em constelação.

Vou agora falar dos ciclopes ou olharapos, que a mitologia criou, certamente, depois que se observou algum monstro ciclocefaliano.

IV

Os ciclopes (1)

Por ocasião da visita da Armada de Vasco da Gama ao Rei de Melinde (ii, 90),

«Mostra-se dos Ciclopes o exercício,
Nas bombas que de fogo estão queimando;»

Como é sabido, os ciclopes eram os operários de Vulcano, que fabricavam os raios para Júpiter.

Possuíam apenas um olho, situado no meio da testa.

A um deles se refere especialmente Camões, noutro passo dos *Lusiadas* (v, 28):

«Nem ele entende a nós, nem nós a ele,
Selvagem mais que o bruto Polifemo.»

Um negro da Costa de África era assim comparado, pela sua selvageria, ao gigantesco Ciclope Polifemo, cujo olho único foi vazado por Ulisses.

(1) V. J. A. PIRES DE LIMA — *Sobre três monstros ciclocefalianos* (An. Cient. da Faculd. de Medicina do Porto, iv, 1919).

— Idem — *A teratologia nas tradições populares* (Ass. Portuguesa para o Progresso das Ciências. Cong. do Porto — Coimbra, 1926).

Adiante (v, 87), mostra-se Camões incrédulo da mitologia, dizendo:

«Fingindo magãs Circes, Polifemos.»

Mais extravagante era a monstruosidade das Górgonas, que habitaram antigamente as ilhas Dórcadas, na Guiné, por onde passou a Armada de Vasco da Gama (v, 11):

«As Dórcadas passamos, povoadas
Das Irmãs que outro tempo ali viviam,
Que, de vista total sendo privadas,
Todas três dum só olho se serviam.
Tu só, tu, cujas tranças encrespadas
Neptuno lá nas águas acendiam
Tornada já de todas a mais feia
De víboras encheste a ardente areia.»

As Górgonas eram três e só tinham um olho para todas. Quando queriam ver, passavam o olho de uma para outra.

Transformavam em pedra quem olhasse para elas. Uma delas era Medusa, cujos cabelos foram mudados em serpentes por Minerva.

Perseu cortou-lhe a cabeça, e as gotas de sangue, que iam caindo, transformavam-se em serpentes.

V

O Centímano

Passarei agora a referir-me à noção de polimelia, que se colhe nos *Lusíadas*.

Mas, enquanto que, na teratologia real, não poderemos ver mais que um ou dois membros supranumerários, na

fantasia dos mitólogos os monstros polímelos podem ter patas mais numerosas que as de um Miriápode.

Veja-se, no episódio do Gigante Adamastor (v, 51):

«Fui dos filhos aspérrimos da Terra,
Qual Encélado, Egeu e o Centímano;»

Parece que, tanto Egeu como Centímano, eram gigantes de cem braços, que são confundidos com Briareu.

À chegada dos Navegadores à Índia, entraram num templo gentílico, onde o providencial Monçaide explicava o significado das imagens (vii, 48):

«Outro com muitos braços divididos,
A Briareu parece que imitava;»

VI

Jano

Na mesma estância (vii, 42) podemos ver referências a outras extravagâncias teratológicas da mitologia indiana:

«Um na cabeça cornos esculpidos,
Qual Júpiter Amon em Líbia estava;
Outro num corpo rostos tinha unidos,
Bem como o antigo Jano se pintava;
.....
Outro fronte canina tem de fora,
Qual Anúbis Menfítico se adora.»

Como se vê, os ídolos indianos eram das mais fantásticas variedades. Os egípcios adoravam na figura de um carneiro o pai dos deuses, a quem chamavam Júpiter Amon.

Outro tinha a figura de um monstro duplo janicipite. Camões comparou-o a Jano, que tinha duas caras,

uma voltada para o passado e outra para o futuro. De Jano fala ainda em x, 82.

Anúbis Menfítico era uma divindade egípcia, que se representava com o corpo de homem e cabeça de chacal. Por isso, disse Camões que o ídolo indiano tinha fronte canina.

VII

Cérbero

A propósito da derrota dos Castelhanos na Batalha de Aljubarrota (iv, 41), fala o grande Camões de um monstro triplo, Cérbero, cão com três cabeças (1), que guardava a porta do Inferno:

«Muitos também do vulgo vil, sem nome,
Vão, e também dos nobres, ao Profundo,
Onde o trifauce Cão perpétua fome
Tem das almas que passam deste Mundo.»

Ao falar em monstros triplos, não deverei esquecer a alusão à casta Diana, deusa da caça, simbolizada pela Lua, na descrição do firmamento.

Pensando nas fases do nosso satélite, diz Camões (x, 89):

«Com três rostos, debaixo vai Diana.»

(1) A simbolizar o passado, o presente e o futuro (PLÍNIO SALGADO — *Vida de Jesus*).

VIII

Nascido de duas mães

Vejamos agora alguns prodígios e outras monstruosidades quiméricas, de que se ocupa a Epopeia das Descobertas.

Por duas vezes (I, 73 e II, 10), se refere Camões a um aborto ou cesareana *post-mortem* praticada em Sêmele, mãe de Baco. Júpiter, seu pai, encerrou o feto numa das suas coxas, até acabar o período da gestação.

Eis os passos camoneanos:

- «Do claro Assento etéreo, o grão Tebano
Que da paternal coxa foi nascido.»
— «Mas aquele que sempre a mocidade
Tem no rosto perpétua, e foi nascido
De duas mães,»

Segundo a mitologia, Baco começou a ser gerado no ventre de sua mãe Sêmele, acabando a gestação na barriga da perna de Júpiter, seu pai.

IX

Tritões

Por duas vezes se referem os *Lusíadas* a um Tritão, que era um deus marinho, filho de Neptuno, que servia de correio a seu pai, tocando um búzio, e que era homem na parte superior do corpo e peixe na parte inferior.

Segundo o Canto II, 21, leva às costas a ninfa Dione, mãe de Vênus:

- «Nos ombros de um Tritão, com gesto aceso,
Vai a linda Dione furiosa;»

E no Canto vi (16, 17, 18, 19), descreve-se por miúdo a morfologia exterior do monstro marinho:

«Julgando já Neptuno que seria
Estranho caso aquele, logo manda
Tritão, que chama os deuses da água fria,
Que o Mar habitam duma e doutra banda
Tritão que de ser filho se gloria
Do Rei e de Salácia veneranda,
Era mancebo grande, negro e feio,
Trombeta de seu pai e seu correio.

Os cabelos da barba e os que decem
Da cabeça nos ombros todos eram
Uns limos prenes de água, e parecem
Que nunca brando pente conheceram.
Nas pontas penduradas não falecem
Os negros mexilhões, que ali se geram.
Na cabeça, por gorra, tinha posta
Uma mui grande casca de lagosta.
O corpo nu, e os membros genitais
Por não ter ao nadar impedimento,
Mas porém de pequenos animais
Do mar todos cobertos, cento e cento:

Camarões e cangrejos e outros mais,
Que recebem de Febe crescimento.
Ostras e camarões, do musgo sujos,
As costas co'a casca os caramujos.
Na mão a grande concha retorcida
Que trazia, com força já tocava;»

D. Sancho II, destronado pela sua incapacidade, é um tanto desculpado por Camões, que não podia compará-lo com antigos viciosos reinantes (III, 92):

«Não era Sancho, não, tão desonesto
Como Nero, que um moço recebia
Por mulher, e depois, horrendo incesto
Com a mãe Agripina cometia;
Nem tão cruel às gentes e molesto
Que a cidade queimasse onde vivia;
Nem tão mau como foi Heliogabalo,
Nem como o mole Rei Sardanapalo.»

X

Precocidade

É crença popular que algumas crianças podem falar logo ao nascer, ou mesmo ainda no ventre materno.

Fernão Lopes narra o caso extraordinário da aclamação do Mestre de Avis por uma menina de oito meses. É o mesmo que informam os *Lusíadas* (IV, 3):

«Ser isto ordenação dos Céus divina
Por sinais muito claros se mostrou,
Quando em Évora a voz duma menina,
Ante tempo falando, o nomeou.
E, como cousa, enfim, que o Céu destina,
No berço o corpo e a voz alevantou:
Portugal, Portugal, alçando a mão,
Disse, pelo Rei novo, Dom João.»

É curioso notar que Garcia de Rezende (*Miscelânea*, 305) cita um caso semelhante, passado também em Évora em 1523.

Finalmente, devo acrescentar que, numa carta dirigida por Clenardo ao seu discípulo Réscio, carta datada de Évora, 1535, o grande humanista refere que havia ali um pequeno de quatro anos que sabia latim a fundo e recitava de cor passos inteiros da *Eneida* (G. Cerejeira, *O Renascimento em Portugal*, Clenardo, II, Apêndice).

Valia a pena verificar se se trata de erros de cronologia ou de três prodígios distintos.

XI

A Ursa Maior

Calisto, ninfa de Diana, teve um filho de Júpiter, chamado Árcade. Mãe e filho foram transformados em ursas,

e colocados no Céu como constelações. Juno pedira que as ursas não mergulhassem no mar, o que realmente sucede no hemisfério Norte, mas não no austral (v, 13, 15):

«Por este largo mar enfim me alongo
Do conhecido pólo de Calisto,»
— «Assim, passando aquelas regiões,
Por onde duas vezes passa Apolo,
Vimos as Ursas, a pesar de Juno,
Banharem-se nas águas de Neptuno.»

Já em antes (I, 51) Camões alude ao mesmo assunto:

«Do mar temos corrido e navegado
Toda a parte do Antártico e de Calisto;»

Sobre diversas constelações e sua origem, leia-se x, 88. Não se esquece ali a *Carreta*, ou Ursa Maior.

O trópico de Capricórnio é simbolizado por um ser monstruoso que tem a forma de cabra na parte anterior do corpo e de peixe na posterior (v, 27):

«Achamos ter de todo já passado
Do semicapro Peixe a grande meta,»

XII

Metamorfoses

Quatro vezes falam os *Lusiadas* de Proteu, adivinho, filho do Oceano e de Tethys, pastor de focas, que mudava de forma constantemente.

«Vinha o padre Oceano, acompanhado
Dos filhos e das filhas que gerara;
O profeta Proteu, deixando o gado
Marítimo pascer pela água amara.» (vi, 20)

«Bem quisera primeiro ali Proteu
Dizer, neste negócio, o que sentia;» (vi, 36)

«Nenhum que use de seu poder bastante
Para servir a seu desejo feio,
E que, por comprazer ao vulgo errante,
Se muda em mais figuras que Proteio.» (vii, 85)

«Com doce voz está subindo ao Céu
Altos varões que estão por vir ao Mundo,
Cujas claras Ideias viu Proteu
Num globo vão, diáfano, rotundo,
Que Júpiter em dom lhe concedeu
Em sonhos, (x, 7). (1)

As metamorfoses de homens e animais muitas vezes são citadas por Camões, baseado quase sempre em Ovídio.

Por exemplo, vejamos os habitantes da Lícia, transformados, por castigo, em rãs (ii, 27):

«Assim como em selvática alagoa
As rãs, no tempo antigo Lícia gente,»

Os rochedos de Scila e Caríbdis, do estreito de Messina, eram considerados por Virgílio dois monstros em que foram transformadas criaturas humanas mitológicas (ii, 45):

«E se o piedoso Eneas navegou
De Scila e Caríbdis o mar bravo,
Os vossos, mores cousas atentando,
Novos mundos ao mundo irão mostrando.»

Em vi, 82, nova referência a Scila e Caríbdis.

Em iii, 12, há uma alusão a um monstruoso carneiro alado que conduzia Hele, deixando-a cair no estreito que ficou a designar-se por Helesponto:

(1) V. J. A. PIRES DE LIMA — «A alma de Portugal na sua passagem para o Brasil» (*Rev. de Dialectología y Tradiciones Populares*, iv, 3.º — Madrid, 1948).



«Entre o remoto Istro e o claro Estreito
Aonde Hele deixou, co' o nome a vida,
Estão os Traces de robusto peito,
Do fero Marte pátria tão querida.»

Ainda hoje, perto de cinco séculos depois de Camões, os Traces (povos danubianos) estão a dar que fazer, com o seu *robusto peito*...

No episódio dos Doze de Inglaterra (vi, 63), alude ao velo de oiro do animal de Hele.

XIII

Trabalhos de Hércules

Em iv, 80, refere-se aos trabalhos de Hércules, entre os quais havia a destruição de seres monstruosos, como as hárpias, que tinham rosto de mulher e corpo de abutre, asas, garras nos pés e nas mãos, e orelhas de urso; e a hidra, serpente de sete cabeças, que renasciam quando se cortavam.

«Imaginei tamanhas aventuras
Quais Euristeu, a Alcides inventava:
O leão Cleoneu, Harpias duas,
O porco de Erimanto, a Hidra brava,
Descer, enfim, às sombras vãs e escuras
Onde os campos de Dite a Estige lava;
Porque o maior perigo, a mor afronta,
Por vós, ó Rei, o espirito e carne é pronta.»

Camões, como se vê, menciona apenas cinco dos portentosos trabalhos de Hércules.

Em v, 89, de novo se refere Camões às monstruosas hárpias:

«Ventos soltos lhe finjam e imaginem
Dos odres e Calipsos namoradas;
Harpías que o manjar lhe contaminem;»

Outra metamorfose mencionada por Camões foi a do pescador Glauco, transformado em peixe e depois em divindade mitológica.

Apaixonou-se por Scila, mas a feiticeira Circe transformou-a em monstro (vi, 24):

«E o Deus que foi num tempo corpo humano
E, por virtude da erva poderosa,
Foi convertido em peixe, e deste dano
Lhe resultou deidade gloriosa,
Inda vinha chorando o feio engano
Que Circe tinha usado co'a formosa,
Scila, que ele ama»

No Canto vi, 77, fala-se dos maçaricos ou pica-peixes, em que foi transformada Alcíone, e dos delfins (golfinhos), tão afeiçoados a certas pessoas:

«As Alcíoneas aves triste canto,
Junto da costa brava, levantaram,
Lembrando-se de seu passado pranto,
Que as furiosas águas lhe causaram.
Os delfins namorados, entretanto,
Lá nas covas marítimas entraram.»

No mesmo Canto vi, 22, já diz que:

«Anfitrite
O delfim traz»

XIV

O Dragão de Cadmo

Em vii, 8, fala-se de Cadmo, que matou um dragão, semeando-lhe os dentes, dos quais nasceram guerreiros, que se exterminaram uns aos outros.

Camões compara os homens que nasceram dos dentes do dragão morto por Cadmo aos cristãos, que deixavam o Santo Sepulcro na posse dos maometanos, enquanto se degladiavam nas lutas derivadas do protestantismo:

«Ó míseros Cristãos, pela ventura
Sois os dentes, de Cadmo desparzidos
Que uns aos outros se dão à morte dura,
Sendo todos de um ventre produzidos?
Não vedes a divina Sepultura
Possuída de Cães, que, sempre unidos,
Vos vem tomar a vossa antiga terra,
Fazendo-se famosos pela guerra?»

Que diria hoje Camões da partilha da Palestina entre mouros e judeus?

Pouco depois (VII, 10), fala em Aleto, uma das fúrias que chicoteava, no inferno, os condenados, com serpentes:

«Entre vós nunca deixa a fera Aleto
De semear cizâneas repugnantes.»

Já anteriormente (VI, 43), se referia a outra fúria:

«. semeava
A fera Erinis dura e má cizânia.»

XV

As Sereias

Falemos agora das sereias, seres mitológicos, metade mulheres e metade peixes ou aves, que encantavam os mareantes com os seus cânticos maviosos.

Vejam os passos dos *Lusíadas* referentes às sereias: No Canto III, 19, está a primeira referência camoneana a uma sereia que tentou enganar Ulisses, sendo sepultada

junto de Nápoles (Perténope), que fora conquistada pelo tarragonês Afonso V, rei de Aragão:

«Tem o Tarragonês, que se fez claro
Sujeitando Parténope inquieta;»

Em v, 59, há mais claras referências a esses seres sobrenaturais:

«Cantem, louvem e escrevam sempre extremos
Desses Semideuses e encareçam
Fingindo magas Circes, Polifemos,
Sirenas que co'o canto os adormeçam;»

Ao falar do banquete da Ilha dos Amores, entre os Navegadores e as Ninfas (x, 5), refere-se ainda ao cântico da sereia:

«Músicos instrumentos não faltavam
.....
C'uma voz duma angélica Sirena.»

Por último, ainda se refere Camões ao canto da sereia, muito mais harmonioso, certamente, do que o das vocalistas ligeiras, que hoje somos forçados a ouvir pela rádio (x, 45):

«Mais estâncias cantara esta Sirena
Em louvor do ilustríssimo Albuquerque:»

Termino aqui as minhas referências a casos teratológicos, quase sempre lendários, referidos nos *Lusíadas* (1).

(1) Talvez o mito das Sereias derivasse da observação de algum monstro real.

Em Portugal, só uma vez se registou a observação de um monstro humano que lembra a morfologia de uma Sereia: — CONSTÂNCIO MASCARENHAS e SINAI DUBAXI — *Monstro simélico e ectrómele* (Anais do Instituto de Medicina tropical, III, 1946).

Mas tais criações poéticas não poderão ser incluídas nos quadros da teratologia.

Pelo contrário, tais figuras lendárias devem considerar-se não só perfeitamente normais, mas devem supor-se tão belas, sob o ponto de vista morfológico, como a Vénus de Milo, quando tinha braços.

Tais são as Tágides que inspiraram o Poeta, as Nereidas, as Ninfas, uma das quais foi transformada em arco-íris (II, 99):

«Qual aparece o arco rutilante
Da bela Ninfa, filha de Taumante.»

Do mesmo modo, a ninfa Perístera foi transformada em pomba (IX, 20).

XVI

As Ninfas

É certo que, dezenas de vezes, quase em todas as páginas da genial epopeia lusa, se encontram citados seres sobrenaturais que enfeitam com a sua beleza as páginas imorredouras dos *Lusíadas*.

Lembremos as ninfas do Tejo e do Mondego, e as das fontes de Sintra...

A estes seres fantásticos associo as Musas, as Náiades, escondidas nas fontes, as Camenas inspiradoras de Virgílio.

Deviam ser muito belas as ninfas que foram entregues aos Nautas do Gama, depois da portentosa descoberta da Índia.

Comparo-as às ninfas do Reno, que vi representadas, uma noite, num grande aquário exibido na Ópera de Paris, ao cantar-se o maravilhoso «Ouro do Reno» de Wagner.

Como prémio da maior façanha que o mundo viu,

imaginou Camões a mais extraordinária orgia que jamais se inventara.

Todos os seres femininos saídos da fantasia de Camões deviam ser modelos de perfeita morfologia corporal e de suprema beleza.

Mas o maior dos nossos poetas, que é também um dos maiores de todas as literaturas, Camões, afeito às fantasias teratológicas da mitologia, até nas belas Nereidas notou, uma vez, rabadas de peixe, como na extremidade podálica dos monstros sirenómelos (II, 20):

«Já na água erguendo vão, com grande pressa,
Com as argêntas caudas branca escuma;» (1)

Ainda hoje há quem chame *um peixão* a uma mulher bonita.

Certamente, trata-se de reminiscência do mito das sereias...

Tais reminiscências mantêm-se ainda nos mais recônditos lugares da Província do Minho, como pode ver-se nesta quadra popular ali colhida:

(1) Por ser curioso, informarei que, na opulenta obra de XAVIER COUTINHO — *Camões e as artes plásticas* — a gravura n.º 64, de Monnet e Chenu, representa quatro ninfas, quatro lindas mulheres nuas.

Uma delas, em vez de terminar em forma de peixe, apresenta os dois membros inferiores bem distintos, cobertos de escamas...

Também é muito belo o desenho de Soares dos Reis que ilustra o Canto II dos *Lusíadas* (edição bilingue prefaciada por Pinheiro Chagas, Lisboa, 1878).

O quadro do célebre escultor comenta a estância:

«Põem no madeiro duro o brando peito
Para detrás a forte nau forçando;
Outras em derredor levando-a estavam,
E da barra inimiga a desviavam.»

«Eu ia por o mar fora,
 Ouvi cantar, escutei:
 Ouvi cantar a sereia
 Lá no palácio do Rei». (1)

Donde viria, ao bisonho camponês do Minho, a noção do canto da sereia?

É fácil verificar que, da velha Braga, irradia, desde há muitos séculos, uma intensa cultura religiosa e literária. Por isso, canta o alegre Minhoto:

«Eu hei-de subir ao alto,
 Que eu, do alto, vejo tudo:
 Também vejo o meu amor,
 Que anda em Braga no estudo». (2)

Há mais de meio século que passei por Braga, onde fiz a maior parte dos preparatórios secundários.

Vi lá dançar o Rei David, a tocar violão, empoleirado num carro de bois, em dia de São João; vi muitas vezes, no Campo das Carvalheiras, uma gravura rupestre, que dizia: «Bracara Avgvsta Fidelis et Antiqua»; passei muitas vezes à Rua de Jano; olhei com veneração, à porta da Sé, para contemplar os túmulos dos pais de D. Afonso Henriques...

(1) F. C. PIRES DE LIMA — *Cantares do Minho*, II, 1441.

(2) F. C. PIRES DE LIMA — *Cantares do Minho*, I, 671.

Sobre a iconografia das *sereias* e de outros seres mitológicos, ver: «Bol. Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais», *Oppidum Romanum de Conimbriga*, 1948.

É muito vasta a bibliografia portuguesa sobre as *sereias*. Não posso deixar de citar, sobre o assunto, a opulentíssima colecção de «*Cantos populares portugueses recolhidos da tradição oral e coordenados por Tomás Pires*, Vol. I, Elvas, 1902.» Sobre as *sereias*, insere a notável colectânea 21 quadras populares, ouvidas nas nossas diferentes províncias.

Estas quadras deverão ser confrontadas com as espanholas citadas num estudo recente de Castillo de Lucas.

XVII

Difusão dos mitos

Da terra dos Arcebispos de Braga irradia, há mais de oito séculos, por Entre-Douro-e-Minho, uma cultura literária e artística que ficou estratificada para sempre no subconsciente do rude Minhoto.

Nas festas do São João, persistem ideias prècristãs, que provêm de há dezenas de séculos. O mesmo sucede, por exemplo, às festas do Corpo de Deus em Monção, com a sua Coca, terrível dragão, semelhante aos da mitologia greco-romana.

As canções populares, por mais alegres que pareçam, derivam, por vezes, de graves cânticos litúrgicos, que ressoaram das abóbadas da Sé de Braga (1).

No século xvi, foi a metrópole do Primaz das Espanhas um notável centro de estudos humanísticos, pois ali fundou uma escola de latim o célebre Clenardo.

Foi tal o prestígio da escola do mestre do futuro Cardeal-Rei D. Henrique, que ali concorriam pessoas de todas as categorias, conforme diz o actual Eminentíssimo Cardeal Patriarca, na sua monumental tese de doutoramento (2): «Misturavam-se sacerdotes com escravos negros, os pais com os filhos, pessoas já idosas com crianças que mal tinham ainda cinco anos».

Clenardo ensinava latim a brincar e, em pouco tempo, toda a gente de Braga falava aquela língua, até os sapa-teiros, os almocreves e as criadas de servir!

(1) MARIA CLEMENTINA PIRES DE LIMA TAVARES DE SOUSA — *Congresso das Ciências da População* — Porto, 1940.

(2) GONÇALVES CEREJEIRA — *O Renascimento em Portugal*, I, II, Coimbra, 1917-1918.

A Clenardo sucedeu, na regência daquela escola, o grande humanista Vaseu, que recebia de ordenado a enorme soma de 100\$000 réis por ano.

Tanto Clenardo como Vaseu não sabiam falar português, o que se considerava de grande vantagem para um professor de latim.

Depois da época gloriosa de D. João III, decaiu Braga como centro de cultura.

Mas voltou a brilhar, graças aos seminários, aos colégios das congregações religiosas, ao liceu, à rica Biblioteca pública.

Nos fins do século XVIII, chegou mesmo a capital do Minho a ter uma escola de medicina, fundada pelo grande arcebispo D. Frei Caetano Brandão (1).

E agora, criada a Faculdade Pontifícia de Filosofia, esperemos que a Augusta Braga volte a desempenhar no Norte do País, um grande papel cultural (2).

NOTA — Devo declarar que todas as citações que faço da Epopéia camoniana são devidas exclusivamente ao meu esforço analítico pessoal.

Muito trabalho teria poupado, se, a tempo, conhecesse o monumental *Dicionário dos Lusíadas* de AFRÂNIO PEIXOTO e PEDRO PINTO, Rio de Janeiro, 1924.

(1) J. A. PIRES DE LIMA — *Ares do Campo*, IV, Barcelos, 1937.

(2) «Por que há-de ser esta centralização de ensino em Lisboa? Em que se funda um privilégio dado à capital, em prejuízo e à custa das províncias?»

(GARRETT — *Viagens na minha terra*, XXXIX).

O grande poeta romântico reclamava a fundação de escolas em Santarém, terra da *Joaninha dos olhos verdes*.

Certamente, recordava-se da velha Universidade de Évora e da escola seiscentista de Braga.

INVERSÃO VISCERAL ⁽¹⁾

(Ao Mestre insigne da Anatomia lisbonense Prof. Doutor Henrique de Vilhena, por ocasião do seu jubileu).

Não são tão raros como habitualmente se crê os casos de situação à direita do coração humano, anomalia que serviu de pretexto a uma das cenas mais hilariantes da comédia tão célebre de Molière-Castilho.

O primeiro signatário deste artigo conheceu, na sua infância recuada, um rapaz, filho de um médico muito distinto de Braga, que se gabava de ter o coração à direita.

Mais tarde, teve ocasião de verificar a realidade dessa anomalia, quando esse velho amigo P. era farmacêutico, em serviço do Hospital de Santo António, do Porto.

O segundo caso, que viu, de dextrocardia foi em António S. G., descendente de Vasco da Gama, que foi observado por Sousa Feiteira e Hernani Monteiro (2). No Instituto de Anatomia do Porto havia uma radiografia do

(1) Comunicação de J. A. Pires de Lima e F. C. Pires de Lima à Reunião da Sociedade Anatómica Portuguesa — Lisboa, 1949; em publicação no volume em homenagem ao Professor Henrique de Vilhena.

(2) SOUSA FEITEIRA e HERNANI MONTEIRO — «Transposição de vísceras» — *A Medicina Moderna*, x — Porto, 1923.

tórax deste indivíduo, que tinha sido tirada por S. Feiteira. Junto da radiografia, havia uma carta dirigida pelo radiologista ao primeiro signatário deste trabalho.

Nessa carta, declara Sousa Feiteira que se tratava de uma perfeita transposição do coração e dos vasos.

Informou ainda que era indiscutível a situação do estômago à direita e do fígado à esquerda.

António S. G. tinha tomado parte na Primeira Grande Guerra e informou que estivera internado num hospital da Fundação Rockefeller, onde fora examinado por Carrel.

O Professor Hernani Monteiro apresentou também o resumo desta observação na XVIII Reunião da *Association des Anatomistes* (Lyon, 1923) (1).

Em 1945 teve ocasião, o primeiro signatário, de observar sumariamente um terceiro caso de dextrocardia, que, mais tarde, foi minuciosamente observado por Álvaro Moitas (2).

Tratava-se de um caso complexo de inversão da posição do coração, do fígado e do estômago.

Foi o primeiro signatário convidado, há pouco, para dirigir uma nova edição do *Médico à força*, a notável comédia de Molière-Castilho. No prefácio dessa edição, faz oportunos comentários à dextrocardia inventada pelo insigne charlatão Sganarello (3).

E o seu último contacto com uma inversão visceral vai registado neste trabalho, cuja observação foi feita inteiramente por Fernando de Castro Pires de Lima.

Como se pode ver pelas bibliografias das obras citadas, já foram observados, em Portugal, com mais ou menos mi-

(1) H. MONTEIRO — «Cas portugais de transposition de vis-cères» (*Association des Anatomistes* — Lyon, 1923).

(2) J. A. PIRES DE LIMA e ÁLVARO MOITAS — «Mais um caso de *Situs inversus*» (*A Medicina Contemporânea* — N.º 9, de 1946).

(3) *O Médico à força* — Ed. prefaciada por J. A. PIRES DE LIMA — Porto, 1949.

núcia, para cima de duas dezenas de casos de inversão visceral.

O primeiro autor português que se referiu ao assunto foi o célebre Professor Alvarenga, de Lisboa (1868). Seguem-se Joaquim Evaristo, F. Fonseca, H. Parreira, Emídio Guerra, Hernâni Monteiro, Geraldino Brites, Egídio Aires e Maximino Correia, Álvaro Moitas, etc.

A bibliografia portuguesa do assunto pode ver-se também numa conferência do Professor Hernani Monteiro (1).

A essa bibliografia devemos acrescentar o trabalho de Ângelo Vaz e Morais Sarmiento, que cita mais duas observações (2).

A propósito do caso de inversão visceral descrito pelos Professores Egídio Aires e Maximino Correia, informou o primeiro destes a J. A. Pires de Lima que apresentara também a um Congresso luso-espanhol, que reuniu há anos em Coimbra, mais três casos de inversão visceral, mas que ignora se as actas desse congresso chegaram a ser publicadas.

Também, João de Melo e Júlio Vasconcelos apresentaram, a um congresso que reuniu no Porto em 1944, quatro novos casos, mas parece que nunca foram publicadas as observações completas (3).

(1) HERNANI MONTEIRO — «A importância das anomalias anatómicas na medicina interna (*Portugal Médico* — VIII — 1923-1924).

(2) ÂNGELO VAZ et MORAIS SARMIENTO — *Deux cas portugais de transposition totale des viscères* — Porto, 1927.

(3) Segue-se a observação colhida por F. C. Pires de Lima.

OS FIÉIS DE DEUS ⁽¹⁾

O culto dos mortos é dedicado o dia 2 de Novembro, que é sempre um espectáculo emotivo e que demonstra o respeito e a ternura dos vivos por aqueles que já deixaram de pertencer a este mundo. Quem, como os autores deste ensaio, todos os anos, nesse dia vão até ao cemitério de Agramonte prestar homenagem à memória dos entes queridos que, por vontade de Deus, partiram primeiro, podem testemunhar o amor e o carinho com que toda a população do Porto sabe não esquecer os seus mortos e recordá-los, aquecendo as campas frias do cemitério com ramos de lindíssimas e perfumadas flores. A saudade é sentimento que não morre na alma dos Portugueses...

Mestre Leite de Vasconcelos nas *Nótulas etnográficas*, XII — *Dia dos Mortos* (*Lusa*, II, 32, de 1-VII-918), diz-nos que «em Lisboa, no dia 2 de Novembro, vão muitas pessoas aos cemitérios, em romaria piedosa depositar flores sobre os túmulos de mortos que lhes são queridos. Este costume veio-nos dos Romanos...». Adolfo Coelho, num estudo notável a respeito *De Algumas Tradições de Espanha e Portugal a propósito de Estantigua*, separata da *Revue His-*

(1) De colaboração com F. C. Pires de Lima.

Em publicação em Madrid, no volume de homenagem ao Professor Hoyos Sáinz.

panique, tomo VII, Paris, 1900, refere que Jacob Grimm nota que parece haver relação entre o dia de fiéis defuntos (2 de Novembro) dos cristãos, em que se visitam os cemitérios e põem flores nas sepulturas, e os três dias em que, segundo os Romanos, o mundo subterrâneo se abria (*mundus patet*) e os manes subiam à superfície. Chamava-se *mundus* uma cova profunda, que se fazia numa praça pública de cada cidade nova, cuja parte mais baixa era consagrada aos espíritos dos mortos e aos deuses dos infernos, e cuja entrada se fechava com uma pedra (*lapis manalis*), olhada como porta desse mundo».

Não há dúvida nenhuma que os Romanos consagravam vários dias do ano à festa dos mortos.

Adolfo Coelho ensina-nos que a semana que precedia o dia 21 de Fevereiro era dos *dies parentales*, consagrados à festa dos mortos. No dia 21, dia dos *Feralia*, terminava esta festa com o último dia do ano antigo. No dia 22, celebrava-se a festa geral dos *Caristia*. Nos *Feralia*, depositavam-se presentes piedosos e várias comidas nas sepulturas. Nos *Caristia* havia o banquete solene de família. Em Roma, algumas famílias celebravam excepcionalmente a festa dos mortos em Dezembro. De um lado, o facto do dia 8 de Novembro ser um daqueles em que o *mundus* se abria, doutro a generalização do termo do ano no fim de Dezembro, foram talvez as causas da mudança da festa dos mortos para o primeiro desses meses.

Como se verá no decorrer deste ensaio, a prática tradicional do culto aos mortos perde-se pelos séculos fora. A Igreja, inteligentemente, absorveu o que de aproveitável tinha esse rito pagão e santificou a respeitável cerimónia, dando-lhe características cristãs.

É Adolfo Coelho quem nos diz: «Na tradição portuguesa encontramos ainda hoje a festa de família, do «magusto», no dia 1 de Novembro, em que se faz a grande fogueira para assar as castanhas, se beber mais do que usualmente e em que há jantar mais ou menos lauto,

segundo as posses. Talvez houvesse primitivamente a intenção de assar castanhas para os mortos; certo é que persiste o costume de aconselhar as crianças a que, na noite de 1 para 2 de Novembro, metam castanhas piladas (secas) debaixo do travesseiro, para que os defuntos, que então entram nas casas, lhes não roam as orelhas».

Citados ainda por Adolfo Coelho, vamos encontrar costumes semelhantes aos nossos, por exemplo, nos asturianos.

Olavarría y Huarte, em *Folk-Lore de Proaza*, p. 246-7, entre várias práticas pitorescas, conta-nos que, no dia dos fiéis defuntos, vêm à terra os mortos, depois das doze badaladas da meia noite, e que os que roubaram alguma coisa durante a vida, a trazem às costas: assim, por exemplo, os que roubaram uma árvore, trazem-na ao ombro, estendida e com a copa para a frente, de maneira que a primeira coisa que se vê são os ramos. Se isto fosse possível, em Portugal, poderia assistir-se, no baixo Minho, à meia noite do dia 2 de Novembro, a uma grande parada de milhares e milhares de almas do outro mundo com pinheiros às costas, pois que os ladrões de árvores são vulgaríssimos nessas terras. Seria um espectáculo fantasmagórico e de um realismo surpreendente...

F. Maspons y Labrés em «El día de difuntos», na *Revista de Letteratura Popolare*, 1 (Roma, 1877), informa-nos que, na Catalunha também é costume o uso das castanhas à mesa, e que, em algumas aldeias da província de Tarragona, depois da *Castañada*, nome que se chama ao refrigerio celebrado para os mortos, deixa-se uma castanha em cada canto da casa, para que o morto que a ocupa participe do convite. No dia dos defuntos, recolhem-se esmolas durante a missa que depois se transformarão em pão para os defuntos. Na Normandia há prática semelhante assim como na Sicília. No País de Gales, há peditério na véspera de todos os santos. Nos Países de língua alemã, há costumes parecidos. Na Boémia, no dia dos Fiéis

defuntos, atiram-se ao fogo farinha ou migalhas de pão, também para alívio das almas do purgatório.

Em Portugal, conclui Adolfo Coelho, (por exemplo nos arredores de Coimbra) fazem-se uns pães especiais pela festa dos Fiéis defuntos, de farinha de trigo e milho, misturada com pinhões, aos quais chamam *michos* (fr. *miche?*).

Teófilo Braga, no vol. II de *O povo português nos seus costumes, crenças e tradições*, Lisboa, 1885, pág. 319, diz-nos: «A 2 de Novembro é a festa dos *Fiéis defuntos*. Os rapazes, em Coimbra, pedem os *bolinhos, bolinhós!* Nos arredores de Lamego vendem-se neste dia os *Santoros*, ou bolos de trigo com ovos».

Desta festa, nos Açores, escreve José de Torres: «*Pão por Deus* é puramente a esmola que se dá em tenção dos defuntos, ou seja, no dia próprio ou na véspera; esmola a que também a rapaziada se julga com direito e para o que, de porta em porta, a todos importuna voz em grita, com monótona cantilena. Quando o pedido é infrutuoso, costumam ir ao largo da casa, resmungando facécias pouco espirituosas. Na Sicília também se dão *estreias* às crianças no dia 2 de Novembro, e, neste dia, como nas ilhas dos Açores, comem-se favas cozidas. Os costumes deste dia eram praticados pelas *Columbaria*, ou associações funerárias de Roma, entre as quais se formou a Igreja».

Teófilo Braga, no *Cancioneiro Popular Português*, vol. II, Lisboa, 1913, a págs. 503 e 504, informa-nos, a respeito do dia 2 de Novembro (Fiéis defuntos), que, no estudo de Adolfo Pictet sobre o *Culto dos Cabiras entre os antigos Irlandezes*, que o primitivo costume ainda subsiste, adoptado pela Igreja. «Na véspera do primeiro dia de Novembro, celebrava-se uma festa em honra de Samhan, ainda hoje chamada na Irlanda a *noite de Samhan*, e o mês de Novembro tinha o nome de *Mês de Samhan*, mês do luto. Samhan era considerado como um juiz. E, assim, em 2 de Novembro, Samhan chamava as almas perante o seu tribunal e, segundo os seus méritos ou deméritos na

vida privada, assim os admitia no mundo da felicidade divina, ou então os condenava a recomeçarem a existência terrestre, ou a sofrerem a punição das suas culpas no Ithirin (inferno)».

É ainda Teófilo Braga quem transcreve dos estudos de Adolfo Pictet o seguinte: «Na véspera do dia de Samhan, os aldeãos ajuntam-se, munidos de varapaus, e vão de casa em casa, recebendo dinheiro, bolos, ovos, etc. Recitam versos referentes à festa, recomendando que guardem o *bezerro branco* e lhes dêem o *carneiro preto*. Iluminam as casas, há consoadas, tiram-se sortes, e muitas cerimónias supersticiosas».

Teófilo Braga, nos seus tempos de Coimbra, ouviu cantar a rapaziada os mesmos versos que meu Pai, dezenas de anos depois, iria escutar nessa Coimbra tão ciosa das suas tradições.

Ainda é Teófilo Braga quem transcreve do *Almanaque de Lembranças* de 1862: «Na vila de Alpedrinha é costume saírem os rapazes, pela festa de Todos-os-Santos, a pedir a oferta, a que ali se chama *Pão por Deus*, e que os lavradores abastados costumam então fazer-lhes, de merendeiros, tremoços, maçãs, nozes, ou outra qualquer fruta, etc. O pedido é feito da seguinte forma:

«Pão, pão por Deus
A mangarola,
Encham-me o sacco
E vou-me embora.»

Se recusam a esmola, dizem:

«O gorgulho, gorgulhete
Lhe dê no pote,
E lhe não deixe fardo
Nem fardote.»

Na ilha de São Miguel (Açores), também se pede pão por Deus.

Entre os flamengos (França), persiste a mesma tradição.

Nas *Memórias Arqueológicas-Históricas do Distrito de Bragança*, tomo ix, Porto, 1934, págs. 310-311, o meu sábio e saudoso Amigo Padre Francisco Manuel Alves, Reitor de Baçal, concelho de Bragança, informa-nos que vão ao monte buscar um carro de lenha, que trazem para o povo sem auxílio de animais, puxando eles próprios ao carro. A lenha é arrematada em hasta pública e o importe aplicado em missas e ofícios no dia seguinte, pelas almas do purgatório. Daqui veio o chamarem-lhe *Pau das Almas*.

Nessa noite, pedem aos vizinhos da povoação castanhas e outros frutos destinados ao mesmo fim. Este uso é quase geral por todo o Distrito de Bragança e em muitas terras, também as raparigas vão buscar outro carro de lenha, nas mesmas condições acima.

Tanto quando chegam com o *Pau das Almas*, como quando pedem os comestíveis, toda a gente lhes dá pão e vinho à farta e os ovaciona festivamente.

O meu querido Amigo e insigne etnógrafo Luís Chaves, no ensaio «O Culto dos Mortos», publicado a págs. 154 a 156 do livro *Portugal Além*, diz-nos o seguinte: «Chega, porém, o mês de Novembro e são comemoradas as almas dos mortos no «dia de finados» ou dos «fiéis defuntos». Restam-nos da comemoração factos ou memórias de factos de largo interesse etnográfico: uns de carácter acentuadamente pagão, outros do culto cristão dos mortos. Além da superstição de andarem neste dia pelo mundo as almas, e elas se manifestarem objectivamente de noite em procissão de luzes pelos montes (Mondim-de-Basto), o que melhor persiste dos vestígios pagãos, é o repasto fúnebre.

Alguns prazos do século xv estipulavam a obrigação de se distribuir pão cozido aos pobres no dia de fiéis defuntos; era o dia de «Pão por Deus». Em Lamego, come-se «bolo podre», de farinha triga com ovos. É geral o uso dos «magustos», onde as castanhas são regadas copio-

samente com vinho, como se come o prato-do-dia de carne de porco».

Conta Borges de Figueiredo (*Coimbra Antiga e Moderna*, Lisboa, pág. 359) que, no dia de finados, iam os garotos de Coimbra cantarolar pelas portas, numa espécie de romaria das *Janeiras* e das *Reisadas*, e pediam os «bolinhos», que constavam de figos secos, nozes, avelãs, doces, etc. Faziam algazarra, se lhos negavam.

Em Óbidos, os rapazes pedem pelas portas «*Pão por Deus*». Recebem castanhas, maçãs, figos secos, pinhões, passas, etc. Se lho negam, gritam por desforra: «*Pau pelas costas, livre-nos Deus!*»

Leite de Vasconcelos, nas *Nótulas Etnográficas*, vii, «*Pão por Deus*» (*Lusa*, II, 25) (15-III-1918), informa que «em Óbidos é costume, no dia 1 de Novembro (dia de Todos os Santos), andarem rapazinhos pelas portas, com saquinhos pedindo: «*Pão por Deus!*». Cada família dá geralmente pinhões, castanhas, maçãs, figos secos, passas, etc. Quando, porém, não quer dar nada, diz-lhes, fazendo trocado de palavras: «*Pau pelas costas, livre-nos Deus!*». Conheço o costume de outras terras, mas sem a resposta (Cadaval). Cfr. também Adolfo Coelho em *Rev. de Etnologia*, págs. 85-86. Em Flandres há um costume semelhante... Cfr. *Revista Lusitana*, vi, 243, 246...

Na *Lusa*, II, n.º 33, pág. 69, na Nótula xiv: Vária — «*Pão por Deus*» segundo informações de Custódio de Morais: «Na Marinha Grande, no dia 1 de Novembro, andam os garotos de porta em porta gritando: «*Pão por Deus!*». Quem o não tem, Deus lho dê; se o tem e não quer dar, vou lá dentro e quebro-lhe a panela do jantar».

É costume fazerem uns bolos doces para dar nesse dia; quem os não tem, dá castanhas, pinhões, etc., quando não dá... pancadaria.

Não podemos alongar-nos em demasia, porque o espaço é limitado. O que deixamos dito já dá uma ideia precisa

do que há de fundamental no nosso país sobre os Fiéis de Deus».

Vamos concluir com uma página de memórias que um de nós escreveu sobre o «Dia de Finados», memória essa que está bem vincada na alma do autor, porque durante mais de cinquenta anos assistiu a essa cerimónia.

Na sua recuada infância, assistia todos os anos um de nós (J. A. P. L.), na sua terra (Areias — Santo Tirso), à comemoração dos fiéis defuntos (2 de Novembro).

Desde o meio dia da véspera (dia de Todos-os-Santos), começava o sino a dobrar a finados, e as mulheres e filhos dos jornaleiros e dos artífices percorriam as casas dos lavradores, com sacos ou fronthas de travesseiros às costas, a pedir os *fiéis de Deus*.

Não se tratava de mendicidade, porque, naqueles dias (1 e 2 de Novembro), as esmolos eram dadas a todos, por alma dos defuntos.

Em geral, os lavradores e as pessoas mais abastadas ofereciam uma *canèquinha* de milho ou de feijões galegos. O peditório começava ao meio dia de 1 de Novembro e terminava a igual hora do dia seguinte. Durante essas 24 horas, o sino tocava constantemente a defunto e as esmolos eram oferecidas por alma daqueles que nos precederam na fatal jornada. Na madrugada do dia 2 de Novembro, toda a gente ia à igreja ouvir três missas pelos fiéis defuntos. Depois delas, seguiam todos, os homens adiante, as mulheres atrás, envolvidas nas suas longas capa: negras, em direcção ao cemitério.

Tratava-se da procissão dos defuntos, e cantavam todos, em voz alta, a ladainha de Todos os Santos. No cemitério, estavam as campas adornadas com *urtemijes* (pequenos crisântemos) e com velas acesas.

Meio século depois (Novembro de 1938), foi o mesmo a Coimbra passar com sua Filha os feriados dos Santos, e ali assistiu, na véspera do dia dos Fiéis defuntos, a uma cerimónia muito pitoresca. Bandos de rapazes, armados

com cabaços em que figuravam uma caveira dentro da qual havia uma vela acesa, cuja luz era coada através dos buracos que simulavam as órbitas, e as aberturas das fossas nasais e da boca, andavam de porta em porta, na Cumiada, a cantarolar a melodia «Bolinhos, bolinhós».

Um dos do grupo batia, então, à porta de uma casa e, conforme o acolhimento que lhes faziam, respondiam:

- Esta casa cheira a unto:
Mora aqui algum defunto!
- Esta casa cheira a breu:
Mora aqui algum judeu!
- Esta casa cheira a vinho:
mora aqui algum anjinho!
- Ferrão! Ferrão!
Esta casa cai ao chão!

Felizmente pode o autor acompanhar estas notas com a melodia colhida por sua Filha Maria Clementina.

É curioso confrontar estes costumes com as práticas populares da Beira (J. Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, VII vol.): Em Castelo (Sertã), bandos de crianças percorrem, no dia dos Santos as povoações a *pedir os Santos*, e dizendo: «Bolos, bolos em honra dos Santos todos; bolinhos, bolinhos, em honra dos Santinhos». Também na Beira se fazem os magustos.

Seria curioso estabelecer o confronto entre esta festa dos Santos e a que o povo celebrava outrora no Minho, e que vai perdendo de moda, porque são cada vez mais raros os castanheiros. Fala Jaime Lopes Dias nas *castanhas ajilhadas*, que, aqui no Norte, chamam *castanhas filipinas*, naturalmente como alusão à união ibérica do tempo dos Filipes. O mesmo autor refere-se também às missas e à procissão no dia 2 de Novembro, bem como ao peditério pelos finados.

QUEM SERÁ ESTE PLÁCIDO

DURANTE o período em que se desenrolou a chamada Grande Guerra (1914-1918), muitos episódios se deram entre nós, dos quais já ninguém se lembra.

Uma vez assisti, na estação de São Bento, à partida de um corpo expedicionário para Moçambique.

Um médico meu amigo, que dele fazia parte, gritava a plenos pulmões: «Vivam os heróis à força!»

Vou agora contar a forma como escapei, por um triz, de ser também «herói do 9 de Abril».

Em determinada altura, era preciso arranjar carne para canhão. Chamaram-me ao Hospital, que, nesse tempo, tinha o nome honroso de D. Pedro V, chamaram-me para ser inspeccionado pela segunda vez. Tinha uma doença de olhos muito grave e fui, facilmente isento de todo o serviço.

Mas a autoridade militar não se deu por satisfeita, e determinou que eu fosse sujeito a nova inspecção, em Lisboa.

Eu era professor da Faculdade de Medicina, mas não atenderam a essa qualidade.

Parti para Lisboa em carruagem de 3.^a classe, como qualquer galucho.

Ao chegar à capital, hospedei-me num hotel do Rossio. Depois de jantar, ouvi grande alarido e vim, à porta da rua, assistir a um motim popular, que a polícia dispersou. O povo manifestava-se dando vivas à Sérvia. Já não me

lembro do significado de tal simpatia por essa falecida nação eslava.

Na manhã do dia seguinte, caminhei para o Hospital da Estrela. Que me estaria reservado? Meu irmão mais novo já tinha sido arremessado para a guerra de África, mobilizado contra todas as leis.

Iria eu também?

Constituiu-se a junta de inspecção, de que faziam parte três graduados médicos militares. Era numerosa a tropa que tinha de ser examinada. E os militares compareciam à junta por ordem decrescente dos postos a que pertenciam.

Eu entraria em último lugar, por ter a categoria de soldado raso.

Esperei, sem paciência, umas poucas de horas, até que me chamaram para a inspecção.

Estava-se no inverno e eu envergava duas camisolas, camisa, colete, casaco e um sobretudo muito grosso.

Pois um médico militar auscultou-me com um estetoscópio, por cima dessa roupa toda.

Depois, perguntou-me se eu não me queixava de nada.

Passei-lhe para as mãos um atestado em que o Professor Plácido da Costa afirmava que eu sofria de grave doença de olhos.

E o médico militar passou rapidamente o documento pelos olhos, e, depois, arremessou-o para o lado com o maior desdém, perguntando: «Quem será este Plácido?». Mentalmente, fiz também, aos meus botões, esta pergunta: «Quem será esta Besta?».

Se se perguntasse, na França ou na Alemanha, a um médico de mediana cultura, quem tinha inventado o queratoscópio, logo ouviria o nome consagrado do oftalmologista Plácido.

O que ninguém era capaz de saber era o nome dos médicos militares que constituíam aquela junta, que me

apurou para todo o serviço. Se não fui parar com os ossos na guerra, é porque ela acabou pouco depois.

Bem procurei saber quem eram os médicos. Mas os pobres galuchos que faziam guarda ao hospital, ou não sabiam quem eles eram ou estavam proibidos de o dizer.

São Simão de Novais, 14-VIII-48.

MANIFESTAÇÕES DA ALMA HUMANA

JÁ em outra ocasião (1) me referi à consulta que, uma vez, me fez uma aluna: uma sua amiga tinha dado à luz uma criança monstruosa, e constava que esse parto teratológico seria devido à convivência excessivamente íntima que a parturiente tinha com um cão...

Trata-se de uma crença popular de origem muito remota. Confronte-se tal crença popular com o passo do Canto x d'Os *Lusíadas*:

. «olha o assento
De Pegu, que já monstros povoaram,
Monstros filhos do feio ajuntamento
Duma mulher e um cão, que sós se acharam.»

Veja-se como a humilde sabedoria do povo se aproxima do pensamento sublime de um dos maiores génios que a humanidade tem gerado.

Mas vou mostrar ainda como a alma humana pode manifestar a sua identidade em confronto ainda mais desigual.

Ante-ontem fui almoçar à quinta de São Simão. Sentei-me ao ar livre, a uma pitoresca mesa de pedra, em frente da vasta eira onde secavam os primeiros feijões moleiros.

(1) J. A. PIRES DE LIMA — *A teratologia n'Os Lusíadas*.

Estava um sol ardente e pedi um refresco de limão. O fruto foi partido ao meio e ficou com o bico para cima.

Aproximou-se uma criancinha de dois anos, filha dos meus feitores.

Nesta aldeia, as mães amamentam os filhos até muito tarde, acreditando que não *alcançam* outra vez, enquanto estiverem a criar.

Este menino continua a ser alimentado ao seio materno, apesar de ter já dois anos e de começar a balbuciar as primeiras sílabas.

Pois este menino, de dois anos de idade, ao avistar o limão partido ao meio, apontou-o com o seu dedinho indicador da mão direita e balbuciou nitidamente: «Chucha!...»

É assim que costuma designar os túmidos seios maternos de que se nutre.

Não posso deixar de confrontar esta ingénua manifestação de psicologia infantil com outro passo d'*Os Lusíadas* (Canto IX):

«Os formosos limões ali cheirando,
Estão virgíneas têtas imitando.»

A alma de uma criança de dois anos é da mesma natureza da alma ingénua do povo e ambas são obra do mesmo Criador que fez a alma sublime dos homens de génio.

São Simão de Novais, 19-VIII-48.

O REI MUITO AMADO (1)

(Ao meu insigne Colega Prof. Doutor Luís de Pina).

HÁ dias, li um artigo do nobre magistrado Conde de Aurora, que reclamava a restauração das antigas denominações toponímicas Campo de Santo Ovídio, Rua da Rainha, Rua do Príncipe.

Efectivamente, uma excitação política, que, durante anos, nos dominou, alterou tudo e chegou a retirar da esquina de uma das ruas principais o nome do maior santo português.

As grandes figuras da nossa história foram esquecidas e enxovalhadas e prestaram-se homenagens a autênticos bandidos.

Foi caluniado um grande Rei e acabaram por matá-lo. Pois os cúmplices do regicídio, ou seus descendentes, chamam-lhe agora sábio e grande artista e não hesitam em receber benefícios materiais do seu espólio.

Todos estes factos foram derivados de campanhas tremendas em que entraram até grandes escritores, que mancharam para sempre o seu nome, falsificando a história de Portugal.

(1) Este artigo, inteiramente falsificado, foi publicado num jornal do Porto. Mas agora é publicado exactamente como foi escrito.

Tudo tem explicação.

O que não se explica, segundo penso, é a perseguição ao nome do «Rei muito amado», o quase santo D. Pedro V, de quem nunca ninguém se atreveu a dizer mal.

Chegou-me às mãos um curioso anuário do Porto, que tem o título: *Elucidário do viajante no Porto*, por Francisco Ferreira Barbosa, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1864.

Nesse tempo, era muito vivo o desgosto dos portuenses pelo inesperado falecimento do malogrado rei que inaugurou o Palácio de Cristal e que tantos benefícios prestou ao Porto.

«No centro do arborizado largo da Batalha está este monumento, diz Ferreira Barbosa, que, perpetuando a glória do excelso monarca, é um padrão de immorredoura saudade para os portuenses, que tão jovem o viram descer à campa».

Naquele tempo, só estava levantado o pedestal que deveria receber em cima a estátua de D. Pedro V.

Perto de um século depois, a Praça da Batalha foi espojada do seu arvoredado, a linda cercadura de tílias, que foram derrubadas, depois de vários insultos da imprensa periódica, para que os carros eléctricos tivessem mais amplo espaço para circular.

E a estátua de D. Pedro V esteve arriscada a um triste exílio...

«Na rua de Fernandes Thomaz, diz o mesmo Ferreira Barbosa, em frente á praça do Bolhão, vê-se levantada uma columna de granito mui singela, terminando por uma estrella! Nesta memória estão escriptas as datas da visita de D. Pedro V ás fabricas de fundição e estamperia, sitas na mesma rua».

Muitas vezes contemplei, em frente da estamperia do Bolhão, a *coluna de granito mui singela*, que a gratidão dos portuenses aí fizera erigir.

Que foi feito desse documento de pedra, tão singelo e tão significativo?

Mas quero referir-me a outra ofensa, muito mais grave, à memória do «Rei muito amado»:

A 22 de Abril de 1862, assentou-se a pedra fundamental do Hospital militar de D. Pedro V, na Rua da Boa Vista.

Essa pedra, como diz o *Elucidário* de Ferreira Barbosa, «foi collocada no alicerce da parte central e anterior do edifício, com a seguinte legenda:

«VALETUDINARIUM MILITARE SUB TITULO PETRI
 QUINTI REGIS LUDOVICO I LUSITANIAE IMPERANTE
 ANNO MDCCCLII
 ERECTUM — HEC DOMUS HOSPITALES EX DECRETO XI
 KAL APRIL
 MDCCCLXII
 AD POSTERIORUM MEMORIAM A PETRO V PRINCIPE
 OPTIMO OB EJUS EXIMIAM SOLLICITUDINEM FAUSTIS
 AUSPICIIS NOMEN ACCEPERUNT.»

À memória dos pósteros foi dedicado para sempre ao óptimo príncipe D. Pedro V o Hospital militar do Porto, em cujos alicerces foi enterrada uma lápide a celebrar o facto.

Como pode explicar-se a ignóbil façanha de retirar da fachada do Hospital Militar o nome quase sagrado de D. Pedro V?

Trata-se de uma infâmia cívica, que só tem comparação com outra que se praticou quase em frente do Hospital Militar, apagando da esquina de uma rua o nome da excelsa Rainha Santa Isabel.

Porto, 6-VI-49.

O ENSINO SUPERIOR NO PORTO ANTES DA FUNDAÇÃO DA UNIVERSIDADE

ANTES do advento da República, havia no Porto duas escolas superiores: a Escola Médica e a Academia Politécnica.

Os cursos eram presos e pode dizer-se que não havia ensino prático: o mestre, por vezes severíssimo, contentava-se que o aluno papagueasse o compêndio, exactamente como sucedia, para o ensino secundário, nos liceus e nos colégios.

Mas os estudantes eram, por via de regra, muito cábulas, passavam as noites no teatro, na batota e nas casas das raparigas suspeitas, e, ao irem para a aula, inventavam estratagemas curiosos para enganar os mestres: faltavam à aula e, no fim do mês, conseguiam anular as faltas, comprando-as ao contínuo por um preço previamente fixado.

Os que não faltavam, *metiam jarpa*, davam *negas* ou *mergulhavam*.

Quando não podiam escapar-se, lá aguentavam a *chamada*, mas arranjavam um condiscípulo que *apontasse* a lição, lendo às escondidas o compêndio.

Parece-me que os mestres se não deixavam intrujar completamente, porque, no fim do ano, o número de alunos *chumbados* era de respeito...

Os lentes eram muito mal pagos, e resistiam dando

as aulas de fugida. Tive um lente, que era um clínico da Grande Guerra. Pois na curta hora da lição, enquanto o aluno papagueava o compêndio, ele dormia a sono solto. Pudera! Só tinha tempo de dormir na aula e em casa dos clientes...

Este era o ambiente geral nas escolas superiores do Porto, quando lá passei como aluno.

Mas havia excepções brilhantíssimas, que vou sumariamente analisar.

Na Academia Politécnica, havia o matemático insigne Gomes Teixeira, o químico notável Ferreira da Silva; na Escola Médico-Cirúrgica pontificava o grande higienista Ricardo Jorge, o historiador máximo da Medicina portuguesa Maximiano Lemos.

Fora das escolas superiores, tinha o Porto instituições científicas de extraordinário valor. Citarei os Laboratórios de Higiene e de Química sustentados pela Câmara Municipal, num modesto edifício situado à entrada da Rua do Laranjal, do lado esquerdo; os serviços de psiquiatria e de neurologia, que a Misericórdia mantinha no Hospital do Conde de Ferreira; as notáveis clínicas médicas e cirúrgicas, que a mesma Santa Casa sustentava no Hospital Geral de Santo António.

Se, em 1910, aparecesse um reformador do ensino que soubesse aproveitar as circunstâncias, poderia fundar-se no Porto uma Universidade de extraordinário valor.

Mas tudo o que tinha mérito se desperdiçou, sendo aniquilado pela baixa política da época.

Gomes Teixeira, que honrava o lugar de Director da Academia, foi solenemente demitido pelo Governo, por causa de uns motins carnavalescos. E assisti à cena degradante de um estudante de engenharia insultar o grande sábio.

Isto era o princípio do descalabro.

A pág. 172 do 1 vol. da *Gazeta dos Hospitais do Porto*, 1907, lê-se a notícia seguinte:

«*Laboratorio chimico municipal* — Por deliberação da camara municipal d'esta cidade, acaba de ser extinto o Laboratorio chimico municipal do Porto, que ha cerca de trinta annos produzia trabalhos que honravam a sciencia portuguesa.

«Não podemos deixar de lamentar este facto e de estranhar profundamente que seja uma vereação composta de professores e de diplomados que se atreva a destruir uma das poucas instituições scientificas de que o paiz se podia orgulhar de possuir...».

Quem escreveu esta notícia fui eu, que era o secretário da redacção da *Gazeta dos Hospitais do Porto*.

Lembro-me bem que me saiu cara a audácia.

Logo ao chegar à Escola, um dos directores da revista, o meu grande amigo Professor Sousa Júnior, telefonou-me a protestar furiosamente. E, pouco depois, chegava à Secretaria da Escola o illustre Professor Plácido da Costa, que também protestou indignado contra a audaciosa notícia. «A vereação... atreveu-se... *teve o atrevimento* de destruir...».

Está por fazer, e é preciso que se faça a história destes tempos tenebrosos.

Vimos como foram tratados Gomes Teixeira e Ferreira da Silva.

Vejamos agora o que aconteceu a Ricardo Jorge, o maior higienista português do seu tempo e um dos maiores do mundo.

Por ter tido a infelicidade de diagnosticar no Porto uma epidemia de peste, que prejudicou os interesses materiais dos negociantes, houve um jornalista célebre, o sábio Sampaio Bruno, que se atreveu a reclamar na imprensa a sua demissão.

Ricardo Jorge não foi demitido, mas teve de ir continuar longe da sua terra a sua brilhantíssima carreira.

E lá perdeu o Porto os notabilísimos laboratórios de hygiene e de química, onde trabalharam Ricardo Jorge,

Ferreira da Silva, Alberto de Aguiar, Câmara Pestana, Sousa Júnior, Balbino Rego...

Ao chegar a República, receberam as escolas superiores uma certa autonomia. O Hospital do Conde de Ferreira tinha ao seu serviço dois eminentes clínicos, que a Faculdade pôde incluir no quadro dos seus catedráticos: Júlio de Matos e Magalhães Lemos. E não foi possível nomear também o grande cirurgião Júlio Franchini, porque não se pôde provar que ele fosse um *bom republicano*...

Mas o grande psiquiatra Júlio de Matos pouco tempo esteve ao serviço da Faculdade de Medicina do Porto.

Teve aqui grandes desgostos, sendo forçado a requerer a sua transferência para Lisboa.

Ao saber disso, proclamou um ilustre mesário da Misericórdia: «Quando ele for, a Santa Casa terá de embandeirar em arco!»

Eu ouvi esta frase, e fui testemunha de muitos factos que envergonharam a jovem Universidade do Porto e que a prejudicaram para sempre.

Triste é relembra-los, mas, ao mesmo tempo, parece-me útil este depoimento, para esclarecer factos escuros da história.

Porto, 6-VII-49.

AS BEBIDAS ALCOÓLICAS NO FOLCLORE ÍBERO-AMERICANO

NA noite de 20 de Dezembro de 1938, no Palácio de Cristal portuense, meu filho Fernando de Castro Pires de Lima fez uma conferência intitulada «O Vinho Verde na cantiga popular». A conferência terminou por um concerto, em que o meio-soprano Noémia de Macedo Pinto cantou onze melodias de carácter báquico recolhidas no Minho por minha saudosa Filha Maria Clementina Pires de Lima, que acompanhou ao piano aquela cantora, precedendo de algumas palavras a execução de cada uma das obras.

Foi o seguinte o programa do concerto:

- 1) *Cantilena dos pedreiros de Melgaço*, harmonização de Lucien Lambert.
- 2) *Olha o Quico*, harmonização de Maria Clementina.
- 3) *O Chirinó*, idem.
- 4) *Para os nossos copos*, idem.
- 5) *Ó peão!*, idem.
- 6) *Ó vinho, licor famoso!*, harmonização de Berta Alves de Sousa.
- 7) *Pelo mar abaixo!*, idem.
- 8) *Boa noite, ó meu patrão!*, idem.
- 9) *O vinho*, harmonização de Luís Costa.

- 10) *Adega de vinte pipas*, harmonização de Lucien Lambert.
- 11) *Debaixo daquela ponte*, harmonização de Maria Clementina.

A conferência, com o álbum musical, foi publicada no ano seguinte pela «Companhia Editora do Minho», num volume de 87 páginas, intitulado:

«Fernando de Castro Pires de Lima, Maria Clementina Pires de Lima — *O Vinho Verde na cantiga popular*, Barcelos, 1939».

A conferência é precedida de um prefácio meu, em que me refiro, de relance, às *bodegas* dos Países-Baixos, e aos *poetas de la ripaille*.

Portugal, dizia eu, país vinhateiro por excelência, não tem aproveitado aquele motivo com a largueza com que o fizeram os artistas das nações do Norte.

E aludia a algumas obras primas portuguesas, como o *Baco* de Teixeira Lopes, reproduzido na capa do livro, ao *Fado*, tela formosa de Malhoa, aos versos do quase esquecido poeta João Penha.

Se os nossos artistas se não têm dedicado com largueza a temas báquicos, pelo contrário, o povo das nossas aldeias celebra em quadras ingénuas e em belas melodias todas as operações da cultura da vinha e do fabrico do vinho e canta ruidosamente a alegria das libações.

Os meus dois filhos, Fernando e Maria Clementina, interessados desde a infância pela etnografia, entretiveram-se a colher, durante longos anos, aquele as quadras populares e a infeliz Maria Clementina as belas melodias correspondentes.

Daí nasceu a bela conferência-concerto pronunciada nos «Estudos Portugueses» nas férias do Natal de 1938, que foi publicada em volume no ano seguinte.

O Fernando encarou a questão sob o ponto de

vista etnográfico e higiênico, focando, entre outros, estes assuntos:

«O uso moderado do vinho verde é útil à saúde. A água, como bebida, pode ser mais nociva que o vinho. O vinho na História de Portugal: a alegria de D. Pedro I; A oferta de vinho do Gama ao Catual; Albuquerque e o vinho tinto do Reino; se os nossos navegadores não levassem uns barris de vinho nos porões das caravelas, não teriam chegado à Índia e ao Brasil; meia dúzia de portugueses que bebiam vinho e comiam carne, dominaram centenas de milhões de homens que bebiam água e comiam arroz; o vinho e a água na canção popular; a água só deve usar-se para lavar a casa e a roupa e para regar os campos; porque é que os soldados portugueses não bebem vinho às refeições?; o vinho na canção popular; o uso do vinho sob o ponto de vista higiênico; o vinho nas romarias.

Na vi melodia deste programa, intitulada «O vinho, licor famoso!», vou comparar uma quadra popular com outra do célebre poeta Faustino Xavier de Novais. A cantiga popular minhota dizia textualmente:

«O vinho, licor famoso,
A vida devo-a a ti
No tempo d'agora gozo,
No outro tempo sofri.»

Como vai ver-se, esta quadra popular é quase uma reprodução do começo de uma poesia de Faustino Xavier de Novais:

«Oh vinho!... licor famoso!
A ventura devo-a a ti!
Quanto hoje no Mundo gozo,
Quanto outr'ora padeci!»

(FAUSTINO XAVIER DE NOVAIS — Poesias publicadas por António Martinho de Sousa — Porto, 1879).

Uma das canções báquicas mais expressivas tem o nome de «O vinho». Estava muito em voga nas vindimas

de São Simão de Novais, onde foi colhida por Maria Clementina, sendo depois harmonizada pelo ilustre compositor Luís Costa.

A letra diz o seguinte:

«Hei-de morrer numa adega,
O tonel é o meu caixão,
O vinho é minha mortalha
P'ra 'star c'o copo na mão.

Era o vinho, meu amor, era o vinho
Era a coisa qu'eu mais adorava
Só por morte, meu bem, só por morte,
Só por morte é qu'eu o vinho deixava!»

As canções báquicas minhotas passaram, com variantes, ao Brasil, levadas pelos emigrantes.

Se, no Brasil, não é vulgar o vinho verde, não faltam bebidas que o substituam, sem vantagem, antes com maior dano para a saúde.

É muito vulgar, no Brasil, o uso e abuso da aguardente de cana, que ali chamam habitualmente *cachaça*.

Em dois trabalhos brasileiros fui encontrar referências à *cachaça*, que muito fazem lembrar as canções populares do Minho relativas ao vinho verde.

O primeiro desses trabalhos deve-se ao Professor *José Calasans*. Intitula-se «Aspectos folclóricos da *cachaça*» e foi publicada em 1943 no n.º 1 da *Revista de Aracajú*.

Aquele distinto etnógrafo, auxiliado por vários colaboradores, fez valiosas investigações folclóricas em Sergipe, apresentando os resultados das suas pesquisas neste trabalho.

À grande riqueza folclórica registada no Norte de Portugal a respeito do vinho verde, corresponde a exuberância das colheitas no Brasil acerca da *cachaça*.

Este vocábulo significa, no Brasil, aguardente de cana e também se emprega no nosso país para designar a aguardente bagaceira.

Esta bebida alcoólica é usada correntemente no Norte de Portugal; quase toda a gente do Minho, trabalhadores do campo, operários da construção civil ou das fábricas de tecidos, todas as manhãs *matam o bicho* bebendo um cálice de aguardente chamada *bagaceira*, por ser obtida pela destilação do bagaço que ficou depois da colheita do vinho.

O minhoto, antigamente, emigrava, com grande frequência, para o Brasil e para Angola.

Por esse motivo, não devemos estranhar que no Brasil se encontrem grandes afinidades folclóricas com Portugal.

Enquanto o português do Norte se compara ao rouxinol, depois de beber uma pinga:

«Já comi e já bebi,
Já molhei minha garganta.
Eu sou como o rouxinol:
Quando bebe, logo canta.»

o brasileiro julga-se um melodioso sabiá, conforme diz José Calasans:

«Cachaça, fia da cana
Neta do canaviá:
Quem bebe muita cachaça
Canta que nem sabiá.»

No Brasil, quando se convida alguém a beber, diz-se:
«Venha de lá, que eu vou de cá!»

Em Portugal, é coisa semelhante:

Logo que, no Minho, se convida alguém para beber um copinho, o convidado pega nele imediatamente, e desculpa-se, dizendo: «Já que tanto ateima...».

O minhoto nunca deixa de aceitar um copo de vinho verde, assim como o brasileiro nunca recusa uma *tiliscada*:

«Quando eu enjeitá cachaça
macaco enjeita banana
Vigaro perde a sumana.»

José Calasans (op. cit.) refere-se ao livro *Vinho verde na cantiga popular*, quando trata da genealogia da cachaça. São muitas as quadras relativas a tal assunto, tais como esta:

«Cachaça, fia de cana
Neta de veia mutamba:
Quando bebo essa cachaça,
Minhas perna fica bamba.»

Assim como, no Brasil, as bebidas se referem constantemente à genealogia da cachaça (cachaça filha da cana), em Portugal, como referiu Fernando C. Pires de Lima, os folcloristas ao tratarem do vinho, lembram a cada passo, a sua origem: a uva, a vide, a ramada.

Calasans recorda as quadras populares minhotas registadas no *Vinho verde na cantiga popular*:

«Hei-de morrer numa adega,
o tonel é meu caixão,
O vinho a minha mortalha,
P'ra estar c'o copo na mão.

Rapazes, quando eu morrer,
Levai-me devagarinho:
Por baixo com aguardente,
Por cima, botai-me vinho.»

E compara-as, muito justamente, com estas, colhidas em Sergipe:

«S'eu morrer longe da venda
Note branquinha no caixão
Com a garrafa e o copo,
Que é p'ra minha salvação.

Da garrafa quero a vela,
Da pipa quero o caixão.
Mesmo depois de morto
Me bote o copo na mão.»

Como estas, regista Calasans muitas quadras populares brasileiras, que têm flagrante semelhança com outras portuguesas.

É já muito vasta a literatura sobre as afinidades etnográficas entre Portugal e o Brasil.

Mas, como desejo ser breve, apenas me referirei mais à comunicação intitulada *Cachaça e folclore*, apresentada em 29 de Setembro de 1949, por Guilherme Santos Neves, secretário geral da sub-comissão *Espírito Santense* do folclore à Comissão Nacional do Folclore do Instituto Brasileiro da Educação, Ciência e Cultura (I. B. C. C.), cuja sede é o Palácio Itamaraty do Rio de Janeiro.

Santos Neves compara o produto das suas investigações com as do citado folclorista Calasans.

A quadra:

«A cachaça é massa branca,
Filha do homem *intrigueiro*.
Quem se mete muito nela
Fica pobre, sem dinheiro?»

é confrontada com inúmeras variantes, como esta:

«A cachaça geribita,
A neta da cepa torta,
Faz uns perder o tino
E outros erram a porta.»

Também se refere a outra, que já foi citada por Afrânio Peixoto e por Sílvio Romero:

«A cachaça é meu parente,
O vinho meu primo irmão;
Não há nenhuma função
Que meus parentes não vão!»

À canção minhota atrás citada, corresponde perfeitamente esta brasileira, colhida em Vitória:

«Quando eu morrer,
Quero em minha sepultura

Uma pipa cheia
de aguardente sem mistena,
e um encanamento
que me venha até à boca:
Em pouco tempo
deixarei a pipa oca...»

«O folclore da cachaça, diz Santos Neves, é dos mais ricos e pitorescos. Bem se pudera reunir tudo o que a tal respeito se tem escrito...».

Quem se deu a esse trabalho, não deverá esquecer, para confronto, os trabalhos portugueses, espanhóis e ibero-americanos, sobretudo o que diga respeito às bebidas alcoólicas na Etnografia.

Daria um grosso volume o estudo completo sobre as bebidas alcoólicas na etnografia portuguesa, confrontada com o folclore brasileiro e hispano-americano.

Por agora, apenas desejo mencionar, sobre o assunto, alguns trabalhos fundamentais.

Ao congresso luso-espanhol para o Progresso das Ciências, que reunia no Porto em Junho de 1942, apresentou o jovem médico Fernando de Castro Pires de Lima uma audaciosa comunicação intitulada: *O vinho na medicina* (V. F. C. Pires de Lima, *Ensaio*, Porto, 1943).

Nesse trabalho, em que se faz a apologia do vinho na terapêutica, incluem-se várias quadras populares referentes ao assunto:

«Doi-me tanto a cabeça,
Que me quer cair ao chão.
Dai-me mais uma pinguinha,
Ou ela me caia ou não...»

«Já comi e já bebi,
Já molhei minha garganta.
Eu sou como o rouxinol:
Quando bebe, logo canta...»

«Quem quiser que eu cante bem,
Dê-me uma pinga de vinho;

O vinho é coisa boa:
Faz o cantar mais fininho...»

«Ó meu amor, vinho, vinho,
Que eu água não sei beber:
A água tem sanguessugas,
Tenho medo de morrer...»

E, a fazer a apologia do vinho, além dos poetas anónimos, cita Camões, Gil Vicente, Francisco Xavier de Novais, e até El-Rei Dom Duarte, o Padre António Vieira e a Bíblia!

Como vemos, se quisessemos ser completos, tínhamos de percorrer toda a literatura portuguesa, desde a sua origem até hoje. Agora mesmo, chegou às minhas mãos o fascículo correspondente a Setembro e Outubro deste ano da revista vimaranense *Gil Vicente*, que insere o belo trabalho de Luís de Almeida Braga, «Loa do vinho verde», onde se encontram quadras populares deliciosas, como estas:

«Dei um nó na fita verde,
Outro na folha da vinha;
Ainda espero dar outro
Na tua mão e na minha.»

«A bideira sempre chora
Quando a corta o podador;
Tamen eu tenho chorado
Cum penas do meu amor.»

E toda a vida anual da vinha é anotada com quadras populares:

«Chora a bideirinha,
A bideirinha chora,
Pelos seus amores,
Que se bão imhora.»

«Chora a bideirinha,
Daixá-la chorar,
Pelos seus amores
Que os bão deixar.»

«Chora a bideirinha,
Da pena que tem;
Eu choro se 'stou
Longe do meu bem.»

E recorda Almeida Braga as aspirações supremas do aldeão de São Simão de Novais:

«Antoninho, pede, pede,
Que eu não tenho que te dar:
Darei-te um cachinho d'ubas
Quando meu pai bindimar!»

Chegado Novembro, o minhoto recorda:

«Pelo São Martinho
Bassa o teu binho,
E com três castanhas,
Faz um magostinho.»

E o vinho e as videiras não se afastam do minhoto:

«Eu queria cantar alto,
A pergunta não me ajuda;
Falta-me aqui o pão branco
E mais o sumo da uba.»

«Debaixo desta ramada,
Quem me cobre são bideiras;
Tu hás-de ser meu amor,
Quer tu queiras ou não queiras.»

Para confronto com o cancionero minhoto, citemos agora algumas trovas populares colhidas no *Cancionero Popular Gallego*, de José Pérez Ballesteros, Madrid, 1886:

«Con castañas asadas
foxe o friño
Con pescada salpresa
n'hai ruin viño.»

«Moito había de cantar
esta miña gargantiña;

moito había de cantar
si bebera unha pinguíña.»

«Estou rouca, ben non canto,
estou rouca, ben non canto;
acabei d'enrouquecer
c'un vaso de viño branco.»

«Estou rouca, be-n-o sinto,
estou rouca, be-n-o sinto;
acabei d'enrouquecer
c'un vaso de viño tinto.»

«San António de Cuiña
tem unha pipa n-o monte;
as mulheres béban viño
e os homens auga d'a fonte.»

«Dáme viño, dáme viño,
auga, nin moita nin pouca;
sonche d'esta condición
tamén podía ser d'outra.»

«Teño gana de beber,
Manoel, trám'a cabeza
sonche d'esta condición!
bebendo, logo me pasa!

«Dá miña ventá ben vin
O que non quixera ver;
Dices que non bebes viño
e yen ben ch'o vin beber.»

«Teño sede, teño fame
mais a sede no é de viño;
teño sede, teño fame
teño sede d'un *biquiño*.»

É curioso confrontar estas cantigas da Galiza com outras do Minho. Lembrarei apenas as seguintes, registadas nos *Cantares do Minho*, de Fernando de Castro Pires de Lima, Barcelos, 1937:

110

«Antoninho pede, pede —
 eu não tenho que te dar:
 darei-te um cachinho de uvas,
 quando meu pai vindimar.»

1132

«Tenho fome, tenho sede,
 não é de pão nem de vinho:
 tenho sede dum abraço,
 tenho fome dum beijinho.»

Caminhemos agora para o sul, e estudemos os *Cantos populares españoles*, recolhidos pelo insigne etnógrafo Rodrigues Marín, IV, Sevilha, 1883.

Da opulentíssima colecção de Marín extrairei as quadras:

«Mi compadre s'ajogó
 Eu una cuba de bino;
 Compadre del arma mia,
 Quiéu s'ajogara contigo!»

«Si el rio de Sevilla
 Fuera de viño
 Y la Torre del Oro
 Tuera el cuartillo...!»

«Madre mia, ri me muero,
 Enterradme eu la bodega;
 Abridme la sepultura;
 Al quié de la cuba nueva.»

Confronte-se esta quadra com a portuguesa atrás citada:

«Quero morrer numa adega,
»

Continuemos a registar quadras espanholas colhidas pelo grande etnógrafo espanhol Marín:

«Esta noche es Noche — buena,
Y mañaría Navidad;
Dame la bota, morena,
Que me quiero emborrachar.»

«Echa bino, montañés,
Qu'el agua me fase mar;
Más auiero morir borracho
Que oír las ranas cantar.»

«Un borracho se murió
I dejó eu su testamento
Que lo enterraram en viño,
Para chupar las sarmientos.»

«Mi madre estará diciendo:
Dónde estará ese muchacho? —
I yo estoy en la taberna,
Poço méenos que borracho.»

«Maria, del alma mia
Mucho te quiero y te estimo;
La garganta tengo mala,
Aclárama com viño.»

«Quando mi marido viene
Andando de medio lado,
A Díos me encomiendo entonces:
Señal que viene achispado.»

«De borrachizo qu'stoy
Ia no me pmeo tener;
Echem'usté otra cañita,
Que quisás m'alibiaré.»

«Cuaslesquiera bebe bino;
Cuaslesquiera s'emborracha;
Cuaslesquiera s'echa nobia,
I cuaslesquiera se casa.»

«La guitarra está borracha
I el que la toca tambien;
I las dos qu'están bailando;
No se puedeu mantener.»

«Me convidas a correr,
Porque tengo los piés malos;
Convidáme á beber viño,
Que tengo el gazuete sano.»

«Se el viño me pusiera
Un poco calamocano,
Pareciera mi gazuete
Um embudo sevillano.»

«Para que yo me pusiera
Un poco calamocano,
Necesitaba mi cuerpo
Un embudo sevillano.»

«Echa bino, montañés,
I enfuaga bien las cristales,
Porque bienen á beber
Tres amiguitos liales.

Na sua gloriosa expansão pelo mundo, os Portugueses, depois se alastraram pelo imenso território brasileiro, não se detiveram no Rio da Prata.

É sabido que a cultura portuguesa se estendeu largamente pela actual República Argentina, em cuja população existem ainda hoje largos vestígios da antiga colonização portuguesa.

Não quero deixar de mostrar que, até no assunto folclórico de que me estou ocupando, existem largos vestígios dos costumes portugueses. Para o demonstrar, basta-me lançar mão de duas obras notáveis do grande etnógrafo Juan Alfonso Carrizo (*Cancionero popular de Tucumán*, tomo 2.º, Buenos Aires, 1937. E *Cantares Tradicionales de Tucumán*, Antologia, Buenos Aires, 1939).

Destas duas obras notáveis, vou colher uma série de quadras, que devem ser confrontadas com outras semelhantes portuguesas e brasileiras:

«A mi me guste cantar
En una casa sin gente,

Con la guitarra sin cuerdas
I un vaso sin aguardiente:»

«A salud de vaestro cielo,
Esta copa he de tomar;
I disculpen lo que diga
Este viejo Apolinar.»

(Trata-se de Don Apolinar Barbó, que morreu a 24 de Julho de 1936, quando tomava *una copita de Oporto*. A quadra referida foi recitada no Colégio dos Salesianos de S. Miguel de Tucumán).

«Chacarera, chacarera,
Chacarera dame viño!
Si no tiene viño bueno,
Siquiera del vinegrillo.»

«Echele viño a esta copa,
Enamorada cantora,
Que la quiere este joven
Irá mucho a la gloria!»

«Me gusta querer,
Me gusta beber,
Toda la noche
I al amanecer.»

«Eu el pago La Cañada,
Me demoré un largo rato!
Me tomé mis buenos viños:
De arriba se cayó un gato.»

«Estiro el brazo,
En cojo el codo,
I tomo un vaso
A salud de todos.»

«La guitarra pede viño
I les cuerdas aguardente;
I los señores cantores
Mochachos de quina a reseinte.»

«Blanca es la plata,
armarillo, el oro;
algo borracho estoy,
mas no del todo.»

«Borracho m'hi de morir,
borracho me han de enterrar,
borracho m'hi d'ir al cielo,
borracho la cuenta h'i dar.»

«Capitán, aguardiente;
Teniente, el frasco;
Alférez, la botella;
Sargento, un vaso!»

«Enfermo estoy en la cama,
con um dolor en el brazo;
y me han dado de receta
la botella con el vaso.»

«Mi nombre se llama viño,
mi apelido, tomaré,
y mis hermanos se llaman:
disculpe, lo obligaré.»

«No hay planta como la parra
que nos dé lo suficiente:
de la pasa se hace arrope,
y del arrope, aguardiente!»

«Viño, que del cielo viño,
viño con tanto favor,
que anuque uno no sepa leer
lo vuelve predicador.»

Partimos da «Occidental praia lusitana» a estudar costumes populares acerca das bebidas alcoólicas.

Daí, seguimos, em confronto, pela Galiza e pelas outras províncias espanholas. Depois acompanhamos os Navegadores quinhentistas até ao Brasil e, depois, às antigas Pro-

víncias do Prata, a buscar cantigas e costumes populares a respeito das bebidas alcoólicas e seu uso e abuso.

Por fim, para terminar, regresso ao querido Portugal, para citar, finalmente, o mestre dos etnógrafos Leite de Vasconcelos.

Nas suas *Tradições Populares de Portugal*, Porto, 1882, diz-nos quais os nomes portugueses das comidas.

Naquele tempo, eram a *parva*, o *almoço*, a *côdea*, chamada também *fatiga* (*fatia*), o *jantar* (*jentar*, *jintar*), a *merenda*, a *ceia* e o *ceiote* (*ciote*). A *parva* era constituída por azeitonas, pão e aguardente, e, na Beira-Alta, dava-se aos trabalhadores, aos quais se *matava o bicho*.

Setenta anos depois das investigações de Leite de Vasconcelos, os costumes portugueses mudaram bastante, por motivo de imitações com franceses e ingleses:

À primeira refeição, chama-se hoje pequeno almoço, que, nos camponeses do Norte continua a ser o *mata-bicho* com aguardente. Alguns deles, porém, imitam a gente da cidade, cujo pequeno almoço é café com leite e pão com manteiga.

À refeição do meio dia, que antigamente se chamou jantar, chama-se, à francesa, almoço.

À refeição da tarde, em vez de se chamar merenda, na cidade, diz-se, à inglesa, o lanche, que consta, em geral, de chá com bolachas; nas aldeias do Baixo-Minho, à antiga merenda, que se compõe de pão e um copo de vinho, chamam agora o *pêgo*.

O jantar, que era outrora a refeição principal, ao meio dia, é a última refeição, que, do meio dia, passou sucessivamente para as duas horas da tarde, para as cinco horas, e que agora não tem hora fixa, chegando a realizar-se altas horas da noite.

O PROFESSOR ALBERTO DE AGUIAR E UM SEU DISCÍPULO IGNORADO

HÁ tempos, foi publicada uma longa biografia do Professor Alberto de Aguiar, na qual figuravam os seus discípulos mais notáveis.

Não estranhei que o meu nome humilde faltasse na lista dos alunos mais notáveis do insigne Mestre de Química Médica.

Na minha longa carreira científica e pedagógica afastei-me inteiramente das especialidades do Dr. Aguiar.

Não tinha, pois, o direito de figurar na lista dos seus discípulos notáveis.

Mas fui seu aluno aplicado e sempre o estimei e respeitei, recebendo dele prova de grande carinho.

Perdoe-se-me, pois, que venha, ainda agora, prestar-lhe uma homenagem muito humilde, mas muito sincera, contando as relações que tive com ele.

Fui seu aluno na cadeira de patologia geral da Escola Médico-Cirúrgica do Porto, pouco depois do seu brilhante concurso.

Ele era, então, um Mestre extremamente severo e exigentíssimo, mais para ele do que para os alunos. Além das três lições semanais de patologia geral, dava mais uma semanal, extraordinária, de bacteriologia e ainda fazia, no Hospital, um curso prático de semiologia médica.

No fim do ano (1901), o Professor Aguiar galardoava-me com um *1.º Accessit* na cadeira de Patologia Geral.

Não contente com isso, convidou-me a fazer concurso de provas práticas para o Prémio, criado por ele, no Laboratório Nobre, com o nome de «Câmara Pestana».

Tive eu a honra de obter o prémio de vinte mil réis, com os quais me lembro de ter mandado fazer um sobretudo de excelente fazenda inglesa, com o qual me resguardei do frio durante alguns invernos.

Nomeou-me também aluno interno do Laboratório Nobre, instalado então na trapeira do Hospital de Santo António, junto do Observatório Meteorológico, primeiro que se instalara em Portugal.

Todos os dias, pois, durante alguns anos, ia passar algumas horas ao Laboratório Nobre, onde o Dr. Aguiar me encarregou de olhar pela rica colecção de bactérias patológicas, que eu ia passando, à medida que os caldos da cultura iam sendo destruídos.

Lembro-me bem de um facto curiosíssimo que toda a gente observava. De vez em quando, as culturas microbianas eram atacadas por colónias de fungos, que punham em perigo a colecção.

Este fenómeno, que toda a gente via, foi um dia observado por um homem de génio, que assim descobriu os antibióticos...

Os médicos daquele tempo não acreditavam em micróbios nem no valor semiológico dos laboratórios. Para fazer diagnósticos bastava saber-mos servir do estetoscópio...

Um dia, passava eu pelo corredor do Hospital com uma série de tubos de ensaio, para proceder a certas reacções.

Ao passar por um categorizado especialista, ele dirigiu-se a mim com grande troça, fazendo-me a seguinte pergunta:

— «Você também é tubista?»

Queria dizer na sua que eu também me preocupava com ninharias de laboratório...

Efectivamente, na minha longa carreira científica e docente, afastei-me da orientação que recebi do Prof. Aguiar, e dediquei-me especialmente à Anatomia, à Antropologia, à Teratologia e à Etnologia.

Mas nunca esqueci o carinho que recebi das excelentes lições do Prof. Aguiar, que me tratou com especial amizade, na festa que fez no seu Laboratório da Rua da Restauração, em 1922, quando inaugurou o belo friso de azulejos com os retratos dos professores da Faculdade de Medicina do Porto.

Não faltou quem reconhecesse que alguma coisa lucrei com os ensinamentos que recebi do grande professor.

Foi talvez por isso que o meu grande amigo Prof. Froilano de Melo, me dedicou duas espécies novas: o *Atelo saccharomyces Limae*, 1917, e o *Microfilarium Limae* (*Indian Academy of Sciences*, 1937).

Não esquecerei também que o Prof. Alberto Aguiar me encarregou, em 1916, de estudar uma ténia que fora expulsa por uma criança de cinco meses (*Portugal Médico*, 1916). O caso vem também relatado pelo Prof. Aguiar na *Revista de Semiótica Laboratorial* do mesmo ano, por Lopez Nayra no Congresso da Associação para o progresso das Ciências, Salamanca, 1924, por Isaura Pais na sua tese de doutoramento, Lisboa, 1916, e por Cruz Ferreira, *Medicina Contemporânea*, 15 de Fevereiro de 1942.

Todos os factos que menciono neste artigo já tinham sido mencionados no meu livro *No limite de idade*, que publiquei e distribuí largamente ao fazer setenta anos, a 7 de Março de 1947.

De novo, apenas posso acrescentar a referência que fez ao meu antigo trabalho o Prof. C. R. Lopez Nayra na sua obra *Helemientos de los Vertebrados Ibéricos*, Granada, 1947.

No número 814 da sua completa bibliografia hispano-lusa sobre o assunto cita o grande parasitologista Lopez Nayra o meu velho e esquecido trabalho: «814. Pires de

Lima, J. A., 1916 — Ténia numa criança de cinco meses (*Portugal Médico*, t. x, pág. 309). É um caso de *Dipylidium caninum*, L., numa menina de cinco meses, do Porto».

Aproveito o ensejo para dedicar este humilde trabalho à memória do grande Professor e meu Amigo Alberto de Aguiar.

OS MORADORES DE S. SIMÃO DE NOVAIS E AS SUAS ALCUNHAS (1)

(Ao sábio etnógrafo e ilustre hidrologista Prof. Doutor Castillo de Lucas).

DESDE 1917, costumo passar as férias de verão na Quinta da Charneca (freguesia de São Simão de Novais). Nesta região minhota, grande número dos habitantes são conhecidos por alcunhas, que se transmitem, muitas vezes, de pais a filhos.

No mesmo local onde passo o verão, habitou outrora um cirurgião, de nome António José da Costa, que morreu, quase centenário, cerca de um ano antes de eu nascer.

Era conhecido o cirurgião, não pelo seu nome, mas pelo nome da casa em que vivia: António José da Costa era *O Charneca* ou o *Sergião da Charneca*.

Pelo mesmo motivo, eu, que lhe sucedi, mais tarde, na clínica, fiquei a ser conhecido por *Doutor da Charneca*.

Em 9 de Novembro de 1922, estudei, numa conferência pronunciada no Porto, na «Associação Médica Lusitana», a biografia do *Sergião da Charneca* (2).

(1) *Revista de Dialectología y de Tradiciones Populares* — Madrid, V-3.º, 1949.

(2) *Arquivos de História da Medicina Portuguesa, 1922 e Ares do Campo* — Barcelos, 1937 (Cap. iv).

Era vasta a cultura do *Charneca*, que tive ocasião de comparar com o «João Semana», do qual foi contemporâneo.

No referido livro, falei no *Tendeiro* da Casa da Fonte (xvii).

No espólio do *Charneca*, ficou um volumoso manuscrito, em que o cirurgião anotava cuidadosamente as consultas que dava, as visitas que fazia, os diagnósticos e tratamentos, as contas com os clientes, etc.

Achei curiosíssimo o documento, que tive nas minhas mãos durante alguns meses. Por fim, tive a imprudência de classificar de valioso o manuscrito. O seu possuidor, um velho negociante da Rua de Cedofeita, ficou convencido que teria ali um valor tão grande, que faria a independência de seus filhos.

Levou-me, pois, o manuscrito, que, passado tempo, foi totalmente roído pelos ratos e destruído pela traça.

Pela leitura do grosso volume, verifiquei que a maior parte das pessoas que ele tratou, deixaram descendentes, e é curioso notar que muitas das alcunhas apontadas por ele ainda subsistem, um século depois, atribuídas a pessoas das mesmas famílias.

Por coincidência, ainda me foi dado tratar alguns dos clientes do *Sergião da Charneca*.

Quando, há perto de meio século, vim passar a lua de mel para São Simão, a população da terra era muito escassa, menos de metade da actual. Os habitantes de São Simão de Novais eram, em geral, muito pobres e quase todos analfabetos. Lembro-me que se considerava uma espécie de prodígio um sujeito, que se destacava pela sua cultura literária, e que era conhecido pela alcunha de *Sabe-ler*.

Não havia escola primária e essa vergonhosa situação manteve-se até agora, até à gerência da Junta de Freguesia presidida pelo benemérito José Alves de Sá, que adquiriu à sua custa um terreno, que ofereceu para a escola em

construção, excelente edifício que o hábil empreiteiro Martins, o *Carrilhano*, promete concluir em breve (1). Também havia aqui o *Carrinho*.

Conheci, há muitos anos, a *Joaquinoa*, caso de intersexualidade, que tinha voz grossa, de homem, e também havia aqui uma mulher que tinha o nome pomposo de *Bispa*, e outra era a *Tuna*.

Conheci o *Hominho*, de estatura quase gigantesca, a quem sua esposa tratava assim carinhosamente. Cometia, a cada passo, a proeza de beber, de uma vez, um cântaro de vinho. Mais tarde, passou a ter a alcunha de *Ministro*, que persiste nos seus descendentes. Conheci também o *Luís Grande* e o *Luís Pequeno*.

Uma das alcunhas mais pitorescas era a de um homem quase anão, de pernas muito curtas, ao qual chamavam, sem reboço, o *Caga-baixinho*.

Já tive ocasião de me referir (*Ares do Campo*, pág. 73) ao falecido *Cavalaria*, activo e honesto jardineiro, que devia o seu apelido ao facto de ter sido outrora soldado daquela arma.

Que estranha tradição deixou o *Libarata*, pobre homem casado, a quem a mulher atraíçoava, sem o menor pudor, o que, aliás, não ofendia o marido. Pelo contrário, quando lhe diziam, de modo grosseiro, que a mulher se portava mal, o *Libarata* respondia, todo pimpão: «Pois sim, sim: mas eu sempre sou que durmo com ela!»

A respeito de variações leves da morfologia corpórea, temos o *Pelado*, pertencente a uma conhecida família tirsense, na qual, através de várias gerações, todos são conhecidos por tal apelido, apesar de não lhes faltar cabelo; as

(1) No capítulo 1 deste livro aludo largamente à Escola Nova de São Simão. O Sr. José de Sá foi justamente condecorado com o grau de Cavaleiro da Ordem da Instrução, em homenagem aos serviços prestados à nova Escola.

Coradas e as *Cerejas* de cor rosada, e o *Bigode de estopa*, que tinha uns longos bigodes louros horizontais.

Conheci muito bem a alienada *Buzina*, que tinha o diabo no corpo, as *Espreitas* e a *Alha*, que tanto deu que fazer aos cirurgiões.

A nossa mais próxima vizinha é a *Lã branca*, que, aliás, só tem cabelo preto na cabeça, e também há o *Veludo*.

Galegos é a alcunha de uma conhecida família, e *Francês* era também a alcunha do *Bigodes de estopa*, depois da sua estadia em França, após a primeira Guerra grande.

Ratos é a alcunha de numerosa família; e muitas aves forneceram títulos a vários indivíduos dos dois sexos; temos ou tivemos: as *Cucas*, a *Mélroa*, a *Pardeja*, e as *Pombinhas*, raparigas irmãs, que andavam sempre vestidas de branco.

Alcunhas de origem profissional temos o *Vendeiro*, a *Rosa Sapateira*, o *Sardineiro*, o *Tamanqueiro* e o hábil *Zé Carpinteiro*, filho do *Luís do Quintal*; não sei se o *Fiteiro* já alguma vez teceu fitas, ou se deve o título ao facto de ser meio telhudo e de armar constantemente cenas que parecem fitas de cinema. Conheci os *Sarreiros*, que retiravam o sarro das pipas e a *Varroeira*, onde se levavam as porcas à cobrição. Conheci o *Cerca* e ainda agora estão aqui a vindimar a *Borralha*, as *Amorosas* e as *Ora viva!*

República era uma mulher muito desordeira, que o povo escorraçou da freguesia e a *Mata-e-rouba* herdou o título de seu marido, que era um perigoso gatuno.

Manetas são os jardineiros, pai e filho, que tiveram a infelicidade de ficar sem alguns dedos, por motivo de explosões de bombas de foguete, e também há o *Mouco* e o *Cegueta*.

O *Criqueira* deve o apelido ao termo chulo «crica», que significa clitoris.

Lembro-me que existe no Porto um conhecido médico,

a quem os estudantes seus condiscípulos davam a alcunha de *Clitoris*, por ter numa das orelhas um apêndice cartilaginoso congênito, que simulava o órgão erétil das mulheres.

Um sujeito daqui é conhecido por *São Simão* e muito se orgulha com isso.

Nesta freguesia de São Simão de Novais, é o *São Simão* por excelência!

As *Reguengas* devem o nome à sua propriedade, que tem sido maltratada pelo povo das fábricas.

Um antigo professor primário, natural daqui, e que exerceu a sua profissão numa freguesia próxima, era conhecido pela alcunha tão exótica de *Pichurro*, cujo significado desconheço. E ainda há hoje aqui uma respeitável pessoa conhecida pela mesma alcunha.

Poderia alongar mais este artigo, se procedesse a outras pesquisas. Às vezes, a alcunha deriva do verdadeiro nome, como acontece ao *Zé-Carias*.

Não desejo ser muito longo, mas ainda mencionarei a alcunha *Maçaroca*, que pertence a uma distinta família de industriais.

Também não devo esquecer o *Tápum*, que tantas vezes tem mudado de profissão, e que é «madrasto» do meu feitor; o *Gatinhas*, seminarista falhado, que já foi preso pela polícia de segurança do Estado; a minha vizinha *Madame*, antiga criada de servir, que adquiriu melhor posição social, por ter casado com um industrial, e a *Isca*, conceituada cozinheira.

GALINHAS E OVOS ⁽¹⁾

QUE foi que apareceu primeiro, a galinha ou o ovo? A esta pergunta, que anda na boca de toda a gente, creio que será mais fácil responder-se do que a qualquer das centenas de adivinhas de que se ocupa este trabalho.

O *Gênesis*, primeiro livro da Bíblia, livro sagrado dos Judeus, cuja doutrina foi confirmada por Cristo, o *Gênesis* ensina que, no terceiro dia da criação do mundo, Deus mandou: «Produza a terra erva verde, e que dê semente, e árvores frutíferas, que dêem fruto segundo a sua espécie, cuja semente esteja nelas mesmas... e árvores que dão fruto, e cada uma das quais tem semente segundo a sua espécie» (1, 11).

Vê-se, pois, que, nas espécies vegetais, apareceram elas antes dos germes que as deviam reproduzir.

No quinto dia da criação, determinou Deus que se produzissem os répteis, as aves, os peixes e todos os animais que têm vida e movimento. E os abençoou, dizendo: «Crescei e multiplicai-vos!» (1, 20-22).

Vê-se, pois, que, segundo a Bíblia, tanto os seres vegetais como os animais foram criados por Deus e ficaram com o poder de se multiplicar por meio de sementes.

(1) Prefácio de um trabalho inédito de Fernando C. Pires de Lima.

Não haverá, pois, dúvida: antes do ovo, apareceu a galinha.

Há cerca de dois séculos, porém, como consequência da Revolução Francesa, desenvolveu-se uma teoria materialista, a que deram o nome pomposo de doutrina evolucionista, em oposição ao dogma da criação do mundo por Deus.

Grandes biologistas do século XIX, o francês Lamarck, o inglês Darwin, o alemão Haeckel e tantos outros, estabeleceram a teoria transformista, que teve extraordinária expansão.

Até os estudantinhos dos liceus portugueses aprendiam, no seu compêndio de zoologia, que o homem apareceu por acaso, originado pelo aperfeiçoamento de um macaco.

Os seres vivos eram, no princípio do mundo, muito poucos e muito simples.

Depois, sempre por acaso, as espécies iam-se aperfeiçoando e transformando noutras.

Ao dogma da criação do mundo por Deus, contrapôs-se a chamada doutrina da evolução, que teve extraordinária voga, sendo adoptada por toda a parte.

Sábios e poetas espalhavam as ideias transformistas e eram desprezados aqueles que tinham escrúpulo de ser descendentes de macacos. *Venerandos caturras* lhes chamava o grande anatómico Serrano.

Recordo-me também que o nosso grande poeta Guerra Junqueiro, na sua última fase, se interessou muito por assuntos biológicos, e que, nas suas últimas obras, se refere, por vezes, à teoria transformista.

Há perto de cinquenta anos, lembro-me de ter tido uma longa conversa com o grande poeta, que tinha então o costume de, ao entardecer, dar uns longos passeios na Praça Nova, acompanhado por pessoas que se ocupavam de assuntos de biologia, com os quais conversava largo tempo.

Numa dessas noites, fui eu quem teve a honra de conversar com Junqueiro.

O assunto era a chamada doutrina da evolução.

Do reino mineral primitivo, surgiram pouco a pouco os primeiros seres vivos, vegetais muito rudimentares, que se foram pouco a pouco aperfeiçoando. Surgiram também os primeiros animais, que deram, gradualmente, origem a todas as espécies do reino animal.

A última que surgiu no mundo foi o homem, que derivou de uma espécie de chimpanzé, do qual apenas diferimos por andar a pé e por termos um espírito mais desenvolvido.

Quanto mais se distinguir dos minerais, mais perfeito é um ser vivo.

A esse propósito, apontou-me o grande Junqueiro um exemplo deveras curioso.

Fez-me lembrar as opulentas begónias, tão belas e tão decorativas.

Pois as begónias, com o seu aspecto tão brilhante, não passam de seres muito inferiores.

Imagine que as begónias têm no seu interior minerais cristalizados...

As begónias, concluiu Junqueiro, são imorais!

O transformismo, tão largamente espalhado nas escolas e nos livros, começou por fim a decair, por se convencerem os biólogos que ele não passava de uma teoria, de uma hipótese curiosa, que não se baseava em factos concretos, devidamente estudados.

É, por isso, combatido hoje por notáveis biólogos.

Mas, quer pelo dogma da Criação, quer pela doutrina evolucionista, devemos crer que a galinha é anterior ao ovo.

E, para terminar, vou contar uma anedota muito engraçada a respeito do darwinismo.

Uma vez, um biólogo inglês célebre fez uma conferência sobre este assunto.

Entre a assistência, contava-se um bispo anglicano que,

no fim da palestra, desfechou a seguinte pergunta ao conferencista: «O senhor é descendente do macaco por parte do seu pai ou da sua mãe?»

São Simão de Novais, 16-IX-49.

PRÓLOGO ⁽¹⁾

COMEÇO por apresentar as minhas respeitadas saudações à ilustre tradutora, que tão bem demonstrou os seus perfeitos conhecimentos das línguas francesa e portuguesa, assim como uma sólida preparação nos fundamentos das ciências biológicas.

Eu fui professor de Anatomia durante umas dezenas de anos. Julgando ser meu dever, preparava as minhas lições lendo diariamente dezenas de páginas dos compêndios e devorando constantemente livros sobre biologia. Conhecia, portanto, nas maiores minúcias, as obras de Lamarck, Darwin e Haeckel, de Büchner e Le Dantec, não esquecendo os portugueses Serrano e Bombarda. Era, portanto, um transformista completo e, nas minhas lições, mostrava-me sempre um perfeito materialista. Nunca ataquei, contudo, as ideias espiritualistas, mas, no meu ensino, bani completamente as ideias de Deus e da alma humana. Supunha, assim, realizar, com perfeição, os meus deveres de professor de biologia.

Em certa época, porém, senti perturbar-se a minha filosofia ateísta.

Fazia, quase todos os anos, uma viagem ao estrangeiro, para assistir às reuniões da *Association des Anato-*

(1) Da tradução portuguesa da obra de REMY COLLIN — *Physique et Metaphysique de la Vie* — Porto, 1951.



mistes. Por essa ocasião, verifiquei que não tinha obrigação de ser materialista, pois, entre os membros daquela notável Associação, havia alguns que se mostravam espiritualistas e até praticamente affectos à religião católica. Entre eles, fez-me impressão especial o devotado secretário geral da Associação, o sábio Remy Collin, professor de Histologia da Faculdade de Medicina de Nancy. Com ele convivi pessoalmente algumas vezes e, de sua autoria, li alguns trabalhos que muito bem me fizeram, como a *Physique et Metaphysique de la Vie*.

Depois de uma das minhas viagens de estudo, fiz várias conferências, numa das quais, que foi presidida pelo Rev.^{mo} Bispo do Porto, Castro Meireles, na Associação dos Estudantes Católicos, em 1933, fiz a minha profissão de fé, declarando-me convertido à religião dos meus antepassados (J. A. Pires de Lima, *Memórias*, Porto, 1937). Também concorreu para a minha reeducação filosófica a leitura do estudo *A Metafísica perante a inquietação científica*, publicado no mesmo ano por meu filho Fernando.

Pouco antes, o Rev.^{mo} Bispo de Leiria, Dom José Alves Correia da Silva, convidou-me para colaborar na *Voz da Fátima*, excelente jornalzinho, onde já foram publicados mais de cento e cinquenta artiguinhos meus sobre medicina preventiva, higiene e outros assuntos mais ou menos ligados à propaganda religiosa e cívica.

Demonstrado ficou que a minha conversão foi completa e definitiva e que poderei estar certo de que morrerei bom cristão e bom português.

O BENEMÉRITO SR. JOSÉ ALVES
DE SÁ, PRESIDENTE DA JUNTA DE
FREGUESIA DE S. SIMÃO DE NO-
VAIS, ACABA DE SER CONDE-
CORADO COM O GRAU DE
CAVALEIRO DA ORDEM DA INSTRUÇÃO.

CONFRONTE-SE COM A PÁG. 13
DESTE LIVRO.

ÍNDICE

	Pág.
Do mesmo autor	2
Dedicatória	5
Prólogo	7
Lição inaugural	9
Moreira de Sá	14
Duas épocas	17
O Homem, medida de todas as coisas	19
Obra divina	30
Teatro de estudantes	34
Sol na eira e chuva no nabal	38
Um português célebre no cemitério do Père Lachaise	41
Como se divertiam os rapazes do meu tempo	45
A alma de Portugal na sua passagem para o Brasil	47
Coisa ruim	70
Prefácio de uma edição nova do « Médico à força »	74
Prefácio de uma edição nova do « Arco de Sant'Ana »	78
O' malhão, malhão, triste malhão!	81
A teratologia n'« Os Lusíadas »	84
Inversão visceral	111
Os fiéis de Deus	114
Quem será este Plácido?	123
Manifestações da alma humana	126
O rei muito amado	128
O Ensino Superior no Porto antes da fundação da Universidade	131
As bebidas alcoólicas no folclore Ibero-Americano	135
O Professor Alberto de Aguiar e um seu discípulo ignorado	152
Os moradores de S. Simão de Novais e as suas alcunhas	156
Galinhas e ovos	161
Prólogo duma edição portuguesa de Remy Collin	165

Lo

1,3877

